

UNIVERSIDADE IBIRAPUERA

Licenciatura em Pedagogia

Bianca Danucalov Chaves

Danielle Vieira Molina

Elizabeth Gonçalves de Oliveira

Lucia Helena Pereira Langoni

Maria Rosilene de Lima Oliveira

Renata de Araujo Matheus

**APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DE AUSUBEL:
A CONSTRUÇÃO DE UMA PRÁXIS QUE FAVOREÇA O
PROTAGONISMO E A AUTONOMIA DA APRENDIZAGEM
DO ALUNO**

São Paulo/SP 2016

UNIVERSIDADE IBIRAPUERA

Licenciatura em Pedagogia

Bianca Danucalov Chaves

Danielle Vieira Molina

Elizabeth Gonçalves de Oliveira

Lucia Helena Pereira Langoni

Maria Rosilene de Lima Oliveira

Renata de Araujo Matheus

**APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DE AUSUBEL:
A CONSTRUÇÃO DE UMA PRÁXIS QUE FAVOREÇA O
PROTAGONISMO E A AUTONOMIA DA APRENDIZAGEM
DO ALUNO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção da aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Pedagogia apresentado à Comissão Julgadora da Universidade Ibirapuera. Trabalho sob orientação do Prof. Ms. Anderson Severiano Gomes, do Prof. Especialista Rodrigo Alves da Silva e Profa. Esp. Rosely Luiza Gomes.

São Paulo/SP 2016

C512a

Chaves, Bianca Danucalov

Aprendizagem significativa de Ausubel: a construção de uma práxis que favoreça o protagonismo e a autonomia da aprendizagem do aluno. / Bianca Danucalov Chaves... [et al.]. São Paulo. – 2016.

136f. il.

Orientação: Prof. Me. Anderson Severiano Gomes.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Ibirapuera, São Paulo, 2016.

1. Aprendizagem significativa 2. Estratégias de ensino 3. Práxis pedagógica 4. Autonomia I.
Titulo II. Molina; Danielle Vieira; Oliveira, Elizabeth Gonçalves de; Langoni, Lucia Helena Pereira;
Oliveira, Maria Rosilene de Lima; Matheus, Renata de Araujo.

FICHA DE APROVAÇÃO

Eu Prof. Ms. Anderson Severiano Gomes orientador do projeto final do curso de Pedagogia, cujo título é: APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DE AUSUBEL: A CONSTRUÇÃO DE UMA PRÁXIS QUE FAVOREÇA O PROTAGONISMO E A AUTONOMIA DA APRENDIZAGEM DO ALUNO, elaborado pelas alunas Bianca Danucalov Chaves RA: 52255471, Danielle Vieira Molina RA: 52258440, Elizabeth Gonçalves de Oliveira RA: 52255001, Lucia Helena Pereira Langoni RA: 52255372, Maria Rosilene de Lima Oliveira RA: 52255865, Renata de Araujo Matheus RA: 52256854. Declaro que li e corriji o trabalho, cuidando para que o mesmo não apresente erros científicos, ortográficos e sintáticos. Informo que o texto foi escrito seguindo os critérios de redação técnico-científica.

São Paulo, 29 de Novembro de 2016.

Prof. Ms. Anderson Severiano Gomes

Prof. Esp. Rodrigo Alves da Silva

Prof. Esp. Rosely Luiza Gomes

Agradecemos primeiramente a Deus.

Especialmente aos nossos Pais, Irmãos e Irmãs, Filhos e Filhas, Esposos e companheiros. Aos amigos mais queridos, e todos aqueles que durante essa importante caminhada nos ajudou a seguir, nos incentivou, nos apoiou nos momentos mais difíceis. Obrigada a todos por estar ao nosso lado, e nesse momento poder compartilhar dessa vitória.

Aprender é adentrar no mundo do inimaginável,
É clarear a obscuridade,
É pintar o mundo de cores infinitas,
É como a metamorfose da Borboleta, que depois que saiu do casulo percebeu,
Que criou asas e voou.

Bianca Danucalov Chaves

RESUMO

O intuito dessa pesquisa é descobrir o que é, e como acontece a aprendizagem significativa. Sabemos que existem inúmeros estudos e teorias que tentam identificar os problemas de aprendizagem nas crianças, porém até agora nenhum foi totalmente eficiente em dar respostas a essas questões. Dessa forma estudaremos a fundo a teoria de aprendizagem significativa de David Ausubel para tentar de alguma maneira entender como ela acontece.

Fizemos um estudo aprofundado nos utilizando das teorias de aprendizagem, dos métodos e as tendências pedagógicas, como forma de tentar descobrir porque apesar de se querer tanto essa aprendizagem significativa, ainda parece uma realidade distante da sala de aula. O que temos visto na prática continua promovendo muito mais a aprendizagem mecânica, puramente memorística, do que a significativa. Por isso, o texto procura esclarecer o que é, afinal, aprendizagem significativa.

Utilizando da teoria da Aprendizagem Significativa proposta por David Ausubel, para tentar descobrir quais fatores são contribuintes para a não ocorrência dessa aprendizagem significativa. E levantando questões importantes que possam favorecê-la como uma estratégia eficiente para a práxis do professor em sala de aula. Mas acima de tudo favorecendo uma aprendizagem que tenha o foco central no desenvolvimento integral e protagonismo do aluno, e na construção de sua autonomia.

PALAVRAS-CHAVES: Aprendizagem Significativa, Estratégias de Ensino, Práxis Pedagógica, Autonomia.

ABSTRACT

The purpose of this research is to find out what it is and how the significant learning happens. We know that there are numerous studies and theories that try to identify children's learning problems, but until now none of them have been totally effective in giving answers to these questions. In that way we will study deeply the David Ausubel's significant learning theory to try in any way understand how it happens.

We made a thorough study using the learning theories, methods and pedagogical trends as a way to try to find out why, although this so wanted significant learning is still a distant reality from the classroom. What we have seen in practice continues to promote much more rote learning, purely memoristic than significant. Therefore, the research aims to provide content to explain what is, after all, significant learning.

We used the theory of significant learning proposed by David Ausubel to find out which factors are contributing to the non-occurrence of this significant learning and we raised important questions that can favor it as an effective strategy for teacher's praxis in the classroom, but more than that, promoting a learning process that has the main focus in the integral development of the student and the construction of their own autonomy.

KEYWORDS: Significant Learning, Teaching Strategies, Pedagogical Praxis, Autonomy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
JUSTIFICATIVA.....	14
OBJETIVO GERAL.....	17
OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	17
CAPÍTULO I - UMA PERSPECTIVA HISTÓRIA A RESPEITO DO QUE É APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA.....	18
CAPÍTULO II - AS DIMENSÕES DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DE DAVID AUSUBEL.....	38
CAPÍTULO III - A SISTEMATIZAÇÃO DA APRENDIZAGEM E A FUNÇÃO SOCIAL DE APRENDER.....	57
CAPÍTULO IV- O PROFESSOR E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA AQUISIÇÃO DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA.....	74
V - ANÁLISE.....	92
5.1 - METODOLOGIA DA PESQUISA.....	92
5.2 - A ESCOLA.....	94
5.3 - ENTREVISTADA.....	96
5.4 - ANÁLISE.....	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	117
ANEXOS.....	135

INTRODUÇÃO

Historicamente, a aprendizagem é considerada um processo pelo qual o ser humano compreende e atua no mundo a sua volta. É através dela que descobriremos como as coisas funcionam, e também como estabeleceremos as relações com o mundo e com as pessoas. Então, essa aprendizagem não pode ser desprovida de sentidos e sempre deve estar ancorada nas experiências do que é real em nossa vida.

Todas as principais questões que tangem nossa vida cotidiana estão diretamente ligadas às coisas que sabemos, e ao repertório de conhecimentos que acumulamos durante a vida. Em virtude disso, se ao longo da vida escolar essa aprendizagem se apresenta de forma descontextualizada daquilo que realmente necessitamos para nos desenvolver podemos afirmar que, a aprendizagem não ocorreu de fato. Ou seja, uma aprendizagem que faça sentido é o que nos garante ter uma vida útil, e que possamos desenvolver nossas habilidades.

Descrever o que é aprendizagem não tem sido uma tarefa muito fácil nos últimos séculos, nem para quem ensina no caso os professores, muito menos para quem aprende os alunos. Por isso, muitos estudos vêm permeando essa questão ao longo da história, para poder achar uma resposta que melhor defina o que é aprendizagem. Mas acima de tudo descobrir como essa aprendizagem pode se tornar mais significativa.

Dessa forma, a elaboração desse trabalho visa fazer uma trajetória de como os processos de aprendizagem se construíram ao passar dos tempos. E nos possibilitar compreender como e de que forma o ser humano aprende de forma significativa. Utilizando como base epistemológica a teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel.

O capítulo um faz um panorama sócio-histórico a respeito das teorias de aprendizagem. Aborda a visão das teorias ambientalistas onde o indivíduo só

aprendia em contato com o meio onde vive, e com as experiências sensoriais, em contrapartida as teorias racionalistas onde o indivíduo aprendia através das conexões mentais que fazia a partir das situações problemas que vivia. Chegando ao construtivismo onde Ausubel elaborou a sua teoria da aprendizagem significativa.

O capítulo dois entra no foco do nosso trabalho, David Ausubel e a teoria da aprendizagem significativa. Aqui buscamos explicar de forma clara o que é aprendizagem significativa e como ela acontece, evidenciando seu principal conceito que parte do que as crianças já sabem (subsunçores), para aquilo que elas aprenderam ancorando as novas aprendizagens. Dessa forma evidenciando a importância dessa teoria para a formulação dessa pesquisa.

O capítulo três possui um enfoque com caráter mais social, a partir das tendências pedagógicas tentamos elucidar a aprendizagem como promotora das práticas sócias e da autonomia. Ver a aprendizagem significativa como estratégia para a construção da identidade da criança, sua formação sócio cultural, e a formação de sua autonomia. Dessa maneira, evidenciar a função social que a aprendizagem significativa traz para a emancipação do indivíduo.

O capítulo quatro faz um panorama das práticas pedagógicas, da relação professor/aluno e ensino/aprendizagem no contexto escolar. Tenta entender como as práticas podem ou não favorecer a aprendizagem significativa, e como as relações interpessoais entre professor/aluno pode ajudar nesse processo. Também salienta a importância da escola na construção desse conhecimento, como o lugar de saberes históricos adquiridos.

Podemos considerar a aprendizagem todos os processos cognitivos, culturais, sociais, intelectuais, emocionais, afetivos e ambientais que sofremos durante toda nossa vida. O homem é o único animal que constrói seu próprio conhecimento, a partir do momento do nascimento, o ser humano necessita fazer conexões cerebrais que lhe permitam aprender a sobreviver. Portanto, aprender é o primeiro processo mental que experimentamos na vida.

“Os bebês nascem com estruturas pré-adaptadas para iniciar, manter e terminar interações com parceiros humanos e realizam, desde o nascimento, verdadeira atividade de pesquisa do real, o qual

constantemente põe a prova. Os bebês procuram modular seu meio de expressão, mesmo os mais rudimentares (gritos, gesticulações), para obter a satisfação de suas necessidades fisiológicas, afetivas e cognitivas e construir significados". (OLIVEIRA, 2011)

Aprendemos nos primeiros anos de vida a nos alimentar, a ficar de pé, a andar, a falar, aprendizados inerentes a nossa sobrevivência. Essas aprendizagens são de fato significativas, pois assimilamos e internalizamos de forma que se tornam automáticos na nossa vida cotidiana. Mas apesar de ter significado e uso prático, não podemos dizer que são de forma consciente, mas sim, pela necessidade de evolução e hominização.

Apesar de as primeiras aprendizagens do ser humano não ser de forma totalmente consciente, podemos afirmar que são de fato significativas. Com essa afirmação cabe pensarmos, de que forma as aprendizagens escolares passam a ser mecânicas e se tornam somente uma transferência de conteúdos sem utilização prática na vida da criança. Dessa forma, poderemos nos aprofundar no problema central da aprendizagem significativa.

Aprender consiste em conhecer os fatos que ocorrem na realidade, e só faz sentido para o educando quando ele conhece criticamente essa realidade. Quando ele conhece a razão dos fatos. Esse aprender nada tem haver com memorização, mas sim com a compreensão dos fatos, a reflexão e com a crítica. O que o educando passar a partir daí, será sua compreensão do que ficou incorporado a partir dos fatos vividos.

Hoje em dia, uma das tarefas mais difíceis para o educador em sala de aula, é compreender como as crianças aprendem, e porque para alguns esse aprendizado é tão complicado. Entender como o processo de aprendizagem se dá no interior da criança é de suma importância para que o professor saiba que caminho seguir. Portanto, perceber esse aluno como sujeito central nesse processo e respeitar sua bagagem de conhecimentos anteriores é o primeiro passo para que a aprendizagem ocorra.

Nesse sentido, nos utilizamos das teorias de aprendizagem para traçar uma trajetória de como os processos de aprendizagem se construíram ao longo do

tempo. Montando um panorama sócio histórico de todos os processos que ocorreram, e que identificaram as diversas formas de aprendizagem, e de que maneira eles foram usados para que isso ocorresse. Utilizando de alguns teóricos importantes, mas com foco em David Ausubel e sua teoria da Aprendizagem significativa.

David Ausubel com sua teoria cognitivista pensou uma aprendizagem que considerasse as experiências prévias da criança. Para ele o ponto de partida para a aprendizagem era relacionar essas experiências que já possuímos com as novas que aprendemos no contexto escolar. Dessa forma as novas aprendizagens teriam bases para se ancorar, e a aprendizagem significativa de fato aconteceria.

Pensando na teoria de Ausubel as práticas pedagógicas não podem ser definidas somente levando em conta as questões pré-estruturadas na concepção educacional. Elas devem ser pensadas e planejadas de acordo com o contexto de sala de aula, e acima de tudo com as necessidades e a bagagem de vida dos alunos. Ela colocada em ação deve contemplar aspectos da vida cotidiana do aluno, visando que ele desenvolva não somente a parte intelectual, mas também as questões sociais, a convivência, a prática de aprender a fazer.

É importante salientar que a aprendizagem deve de fato favorecer a autonomia e a construção da identidade da criança. Sendo assim se a criança tiver uma aprendizagem que o leve a pensar, a problematizar as situações da vida podemos dizer que ela fez sentido para a criança. Portanto, uma aprendizagem significativa está diretamente ligada ao desenvolvimento pleno da criança e sua autonomia como pessoa.

A escola deve ser espaço para a transformação, para a significação, para a mudança desse aprendizado. A escola e seus protagonistas precisam adquirir consciência da sua responsabilidade não só para com as crianças mais também para com o mundo. Uma criança que desde a tenra idade recebe uma educação significativa será quase que nula a chance dela fracassar e, sucessivamente os seus não fracassarão. Tudo faz parte de um ciclo. Educar hoje de uma maneira

significativa partindo dos pressupostos contextuais é preparar essa criança para o mundo, é prepará-la para ressignificar o futuro, para mudar sua realidade.

JUSTIFICATIVA

Pensamos esse tema aprendizagem significativa a partir de inquietações pessoais que começaram a nos incomodar ao longo de nossa formação acadêmica. Esses questionamentos começaram ao percebermos que essa aprendizagem não contemplava nossas necessidades no processo de formação, e principalmente não favorecia nosso aprendizado. Sendo assim, essa pesquisa se tornou imperativa para entendermos como nos apropriamos dessa aprendizagem de forma real.

Ao tomarmos consciência que esse aprendizado era difícil para nós que somos adultos, e estruturamos de maneira mais clara essas questões, percebemos que para as crianças essa tarefa se faz ainda mais difícil. Dessa forma, começamos a pensar na criança em sala de aula recebendo conteúdos que não tem nenhuma ligação com seu universo, e não possibilitam uma construção da realidade. Para isso, decidimos que investigar esses fenômenos de aprendizagem seria de real importância para desenvolvermos nosso trabalho pedagógico no contexto escolar.

Centralizamos nosso foco em como esse processo de ensino aprendizagem se dispõe na relação professor/aluno como sujeitos históricos. Para isso usaremos a teoria de aprendizagem significativa de David Ausubel como base epistemológica para chegarmos ao nosso problema de pesquisa. Portanto, esse trabalho visa apresentar um panorama sócio-histórico a respeito de como a aprendizagem ocorre significativamente no indivíduo.

Com isso, pesquisarmos esse tema é compreender de que forma a aprendizagem significativa é concebida nas estruturas cognitivas da criança. A teoria de David Ausubel evidencia de forma real e dinâmica a maneira que essa aprendizagem é assimilada, para ele, não é possível que um aprendizado real aconteça se não forem considerados os conhecimentos prévios da criança. Dessa forma, nós como pedagogas não podemos desconsiderar a bagagem que o aluno traz da sua vida cotidiana.

Os problemas levantados em relação à aprendizagem significativa não são

novos. Podem-se destacar como indicativos mais explícitos e não contemporâneos, o método tradicional de ensinar que ainda persiste no contexto educacional, a má formação dos professores, a falta de subsídios e materiais, as representações negativas de ambos, a falta de contextualização e a linguagem inadequada utilizada para a práxis, gerando assim um insucesso na aprendizagem da criança.

No decorrer dos anos o ensino vem passando por diversas mudanças, estas com o objetivo de fomentar um aprendizado significativo. Cabe ao professor refletir sobre a sua práxis pedagógica e articular essas mudanças em sala de aula não mais como detentor do conhecimento, e sim como parceiro na construção desse aprendizado. Deve haver uma parceria, um diálogo entre educando e educador.

Dentro do processo de aprendizagem todos devem se relacionar, desenvolver relações afetivas e adquirir consciência de que o aprendizado não se dá de uma maneira isolada, um não aprende sem o outro, o aprender não está isolado do ensinar. As questões afetivas e emocionais interferem drasticamente nos processos de ensino e de aprendizagem. O professor deve ampliar seus saberes e pensar não mais com o senso comum, já que existem diversos fatores que levam a ineficácia do ensino.

A pesquisa de Ausubel traz para a sala de aula uma nova maneira de pensar a aprendizagem da criança. Sabemos que o papel do professor e das práticas pedagógicas exerce um papel relevante na construção do conhecimento do aluno. Entretanto, o que vemos de fato acontecer no ambiente escolar é uma aprendizagem mecânica que não se relaciona com a realidade do aluno.

Nesse sentido, a teoria de Ausubel nos oferece subsídios para que entendamos porque as práticas hoje utilizadas não vêm surtindo o resultado esperado na questão da aprendizagem. Com o ensino centrado na criança, visando seu desenvolvimento cognitivo é possível que o aluno aprenda a aprender significativamente. Mas para que esse aprendizado ocorra de forma significativa é primordial que o aluno queira aprender, pois ele é o principal personagem nesse processo.

Portanto, a aprendizagem significativa pensada por Ausubel, deve levar ao educando não somente a decorar conteúdos sem sentido. Tendo em vista que a escola é o ambiente propício para desenvolver suas potencialidades. Afinal, essa aprendizagem deve ocorrer de forma consciente e que o leve a exercer plenamente suas práticas sociais, tornando-se um cidadão mais crítico, autônomo e atuante na sociedade.

OBJETIVO GERAL

Defendemos que ensinar/aprender são processos conjuntos que devem acontecer de forma significativa e concreta, não mais de forma abstrata como no método tradicional. Deve ser ensinada a partir da bagagem cultural de cada indivíduo, fazendo conexões do cotidiano com a realidade socioeconômica de cada educando estimulando-o a perceber a importância que esta tem em seu dia a dia, dentro e fora do âmbito escolar. O professor deve contextualizar o ensino e levar os alunos a ressignificar e articular seus conhecimentos a partir de cada situação problema.

Entender em qual contexto essa aprendizagem ocorre, quais as questões cognitivas, sociais, culturais e principalmente afetivas que favorecem uma aprendizagem com sentido real é o grande desafio enfrentado pelo educador de hoje. Portanto, entender porque as práticas pedagógicas utilizadas atualmente no contexto escolar não levam os educandos a aprenderem significativamente é o principal objetivo desse trabalho.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Entender que a criança é um ser que pensa, portanto, ele é autor e produtor do seu próprio conhecimento;
- Transformar o insucesso da aprendizagem em ponto de partida para uma aprendizagem de fato significativa;
- Compreender que o pedagogo não é o único detentor do saber, ele é um mediador do processo, e cabe a ele levar o aluno a problematizar as situações de aprendizagem;
- Garantir que os conteúdos sejam relacionados diretamente com os conhecimentos prévios que o aluno possui.
- Possibilitar ao aluno uma aprendizagem cognitiva que integre e organize todos os conhecimentos adquiridos de forma que seja assimilado esse novo saber.
- Enfatizar a importância da aprendizagem significativa como único meio de desenvolvimento biopsicossocial.

CAPÍTULO I. UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA A RESPEITO DO QUE É APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

A aprendizagem pode ser definida de maneira ampla, como “qualquer processo que, em organismos vivos, leve a uma mudança permanente em capacidades e que não se deva unicamente ao amadurecimento biológico ou ao envelhecimento” (ILLERIS, 2013). Com essa definição não podemos pensar o aprendizado somente como um processo biológico, nem somente como um processo cognitivo, tão pouco somente afetivo ou de interação. Mas sim, como uma junção de todos esses processos que levam ao desenvolvimento total do indivíduo.

Como seres sociais que somos com o passar dos anos devemos aprender normas e valores para que possamos interagir e viver em sociedade. Esse processo passara por uma construção individual e coletiva de conhecimentos acumulados das experiências e situações vividas no dia a dia. Sendo assim, todo esse repertório acumulado servirá de base para ajudar criar significados para esse aprendizado.

A teoria da aprendizagem significativa vem colocar em foco a importância de o sujeito entender esse processo e participar dele ativamente. A partir daí, pensar o processo de aprender não somente como forma de conteúdos escolares, mas principalmente, como forma de transformação pessoal e social do indivíduo. Para que essa aprendizagem traga além de conhecimentos intelectuais, também construa a autonomia e emancipação do sujeito.

Um dos prazeres mais naturais e espontâneos para o ser humano é o de dar significado às coisas e ao Universo. O homem faz isso desde o nascimento até a morte (MATUI, 1995). Com isso, podemos afirmar que, o processo de aprendizagem ocorre durante toda vida, e que ela só ocorrerá de verdade se trouxer significados reais ao ser humano.

“Aprendizagem Significativa é o processo pelo qual um novo conhecimento se relaciona de maneira não arbitrária e não literal à estrutura cognitiva do estudante, de modo que o conhecimento prévio do educando interage, de forma significativa, com o novo conhecimento que lhe é apresentado, provocando mudanças em sua estrutura cognitiva”. (AUSUBEL, 1978).

Nesse contexto, a aprendizagem significativa é a conformação das estruturas cognitivas para fazer relações com os saberes prévios do indivíduo. Segundo (AUSUBEL, 1978), a aprendizagem é uma organização e uma integração do material na estrutura cognitiva, por meio de uma estrutura hierárquica de conceitos. Com isso podemos afirmar que quanto mais experiências prévias o aluno tiver, e maior for a importância desse saber em determinado momento, mais os conhecimentos serão internalizados por ele.

Quando falamos de aprendizagem significativa, não pensamos somente no contexto escolar e nos conteúdos que serão trabalhados com o aluno. Pensamos principalmente numa aprendizagem que leve a criança a se desenvolver intelectual, social e emocionalmente no seu mundo. E a partir daí, que ele possa adentrar no mundo das práticas sociais que o levem a um posicionamento crítico.

Ausubel (1978) acreditava categoricamente que, somente a aprendizagem significativa é que faria transformações na vida do sujeito. Com base em sua teoria ele pensava em um ensino totalmente centrado no aluno, sendo ele ativo e capaz de decidir como e quando esse aprendizado seria importante para sua construção do real. Porém, o que ainda vemos no contexto escolar é uma prática behaviorista onde se prima pelo controle do comportamento e do saber do aluno.

O ato de aprender, segundo o dicionário Houaiss (2010), é adquirir conhecimento ou habilidade prática em algo, ter melhor compreensão por intuição, experiência ou convivência em algo. Então a aprendizagem não pode ser algo automático e desprovido de sentido lógico na vida do indivíduo. E, sobretudo, deve considerar os aspectos individuais como fator emocional, social e psicológico do aprendente.

Podemos dizer então, que a aprendizagem significativa é aquela que acontece de forma a levar o indivíduo a acionar os conhecimentos prévios, a fazer conexões com novos conhecimentos. Dessa forma, acionamos conhecimentos específicos e relevantes e os conectamos uns nos outros toda vez que precisamos aprender algo novo. E assim conseguimos de maneira mais eficaz que essa aprendizagem gere significados nas nossas estruturas cognitivas.

“Aprender significa a capacidade cerebral pela qual conseguimos penetrar na compreensão das coisas, escolhendo o melhor caminho. Nesse enfoque centrado na aprendizagem, o conhecimento é construído e reconstruído continuamente. Quando a educação é construída pelo sujeito da aprendizagem, no cenário escolar prevalecem a ressignificação dos sujeitos, novas coreografias, novas formas de comunicação e a construção de novas habilidades, caracterizando competências e atitudes significativas”. (ANTUNES, 1999)

Com essa afirmação, podemos perceber a aprendizagem como um conjunto de fatores focado no sujeito como único e individual, mas também da importância de socializar e integrar esses conhecimentos socialmente. Perceber a diversidade que existe em sala de aula, e unificar esses saberes explorando as capacidades de cada criança, suas dificuldades, seus medos, suas dúvidas, problematizando-as e transformando-as no foco inicial desse processo de aprendizagem.

Podemos definir a aprendizagem significativa em algumas etapas de funcionamento das estruturas cerebrais. Sentir aquilo que vai aprender como uma necessidade, perceber como um caminho a ser percorrido, compreender como a única forma de internalizar os conteúdos, definir como prioridade para aquisição de conhecimento, argumentando e discutindo sempre que esse conhecimento gere conflitos internos com as estruturas já existentes. Porém toda criança deve passar por esses processos para entender a lógica de aprender a aprender.

Muitos autores ao longo da história fizeram sua própria descrição do que é aprendizagem, e como ela ocorre em nossa vida. Todas essas concepções a respeito do que é aprendizagem nos aproximaram cada vez mais de saber como ela funciona nas nossas estruturas mentais. Por essa razão nos aprofundarmos nas teorias de aprendizagem e entendê-las é de extrema importância para descobrir como acontece a aprendizagem significativa.

Para Fernández (1998), as reflexões sobre o estado atual do processo ensino aprendizagem nos permite identificar um movimento de ideias de diferentes correntes teóricas sobre a profundidade do binômio ensino e aprendizagem. Nesse contexto histórico vemos a psicologia como um forte aliado em dar significados ao que se aprende, e porque aprendemos determinadas coisas e outras não. Nesse campo de estudos podemos citar além de Ausubel, Piaget, Vygotsky, Wallon, entre

outros que contribuíram para que esse processo educacional por busca de significados se intensificassem nos últimos séculos.

“Desde décadas antecedentes, o processo de aprendizagem tem sido permeado por atravancamentos ríspidos, um deles se refere à maneira como são estabelecidas as suas relações, desencadeando assim problemas atozes aos desenvolvimentos cognitivo, psicológico e social do sujeito. Com efeito, tornando-se objeto de estudo dos mais distintos saberes científicos, sendo construídos pressupostos sublimes ao seu respeito e, não menos, controvérsias. Justifica-se porque, à época, os intelectuais objetivavam compreender o sujeito sob duas principais perspectivas: (1) alguns, senão sob uma perspectiva natural; (2) outros, senão sob uma perspectiva sócio-histórica”. (FILHO; PONCE; ALMEIDA, 2009)

Para isso, foram formuladas através dos tempos teorias que pudessem desvendar como os processos de aprendizagem acontecem no indivíduo. Movidos pelos diversos problemas de aprendizagem enfrentados pelos alunos, e até mesmo pelas práticas pedagógicas que não surtiam o resultado esperado, as teorias vieram para começar a explicar toda problemática entre essa relação de ensino aprendizagem. E foi através delas que começou a ser construída a ideia de significação do saber.

“Uma teoria de aprendizagem é, então, uma construção humana para interpretar sistematicamente a área de conhecimento que chamamos aprendizagem”. (MOREIRA, 1999). Essas teorias foram classificadas de acordo com processos cognitivos, afetivos, ambientais e comportamentais, afirmando assim, que existem muitas formas de ocorrer à aprendizagem. Porém apesar de elas contribuírem para isso não quer dizer que todas elas tragam uma aprendizagem significativa.

Veremos, a partir daí duas vertentes de pensamentos a respeito do processo de desenvolvimento e aprendizagem do ser humano. Elas vão classificar de forma categórica como o indivíduo aprende, e de que forma ele transforma esse aprendizado a trazer benefícios em sua vida. Sendo assim, todos esses processos são de extrema importância para que entendamos a necessidade humana em aprender e a evolução biopsicossocial que passamos através dos tempos.

1.1 A APRENDIZAGEM SEGUNDO AS PERSPECTIVAS AMBIENTALISTAS

A teoria Ambientalista ou também conhecida como Empirismo (LEFRANÇOIS, 2009), acreditava que construímos nosso conhecimento a partir dos cinco sentidos e com estímulos recebidos do meio em que vivemos. O ambiente tem papel fundamental na aquisição desse conhecimento, porém fica restrito ao caráter sensorial, e serão essas experiências que nos permitirão adquirir e transformar esses conhecimentos em nossa mente. Esse pensamento nos coloca como seres que aprendem somente através de fatores ambientais, aprendemos com o que vemos, o que sentimos, o que falamos e o que ouvimos.

“A corrente empirista fundamenta-se no princípio de que o homem é considerado desde o nascimento como sendo uma “Tabula Rasa”, uma folha de papel em branco, e sobre esta folha vão sendo impressas suas experiências sensório-motoras”. (MIZUKANI, 1996)

Essa teoria tem um caráter superficial na aprendizagem, pois coloca como foco o papel do ambiente na formação do ser humano e em sua aquisição de conhecimento. A influência do ambiente é que gerara a aprendizagem e a transformação do indivíduo, sendo esse processo uma via de mão única. O ambiente age sobre o indivíduo, mas o indivíduo não age sobre o meio não podendo assim transformá-lo.

Nesse sentido, podemos perceber que existe um planejamento das condições ambientais para que esse aprendizado ocorra. Assim esse processo depende de processos externos e não internos, tornando o indivíduo receptivo e passivo na aquisição desse conhecimento. Essa aprendizagem se dará de forma mecânica, repetitiva e desprovida de sentidos para o ser humano.

Uma dessas vertentes teóricas dentro do empirismo é a comportamentalista mais conhecida como Behaviorismo, criada por John B. Watson e Pavlov, mas foi com Skinner que ganhou força através de suas experiências (PILETTI; ROSSATO, 2012). Essa teoria vê a aprendizagem como uma situação de estímulo resposta

sendo assim o indivíduo condiciona seu aprendizado através dos estímulos recebidos do ambiente. Entretanto, como uma situação genérica onde as conexões não atingem questões internas, mas sim de comportamentos repetitivos, não há uma aprendizagem com sentido real.

O que importa para a teoria comportamentalista é a resposta imediata que será dada pelo indivíduo de acordo com os estímulos recebidos. Totalmente baseados em sensações vividas e associadas com satisfação, prazer, felicidade, dor ou repulsa, levando em consideração somente fatores ambientais. Essa teoria desconsidera o indivíduo como um todo, e como um ser que pensa, pois é baseada no controle das ações e perda da autonomia no processo de aprendizagem.

“Desse modo, para o Behaviorismo, explicar um fenômeno significa demonstrar sua funcionalidade, ou seja, demonstrar sob que condições ela ocorre e com quais características, que mudanças no ambiente resultam nele, numa busca por compreender porque fazemos o que fazemos, e o que devemos e não devemos fazer. O que pode resultar disso segundo esta vertente teórica, é o fato de que explicar o comportamento é assumir controle sobre ele”. (PILETTI; ROSSATO, 2012)

O conexionismo pensado por Edward L. Thorndike (GOODING, 1977), afirmava que a aprendizagem não exigia uma reflexão consciente do indivíduo. Esta adivinha de situações pensadas previamente e das respostas que eram dadas a elas, utilizando-se de estímulos para obter respostas através da observação do comportamento humano, tendo como base os processos mentais. Para ele, a aprendizagem se daria pela lei de exercício e repetição, tentativa e erro, prática e execução de uma ação.

Essas situações eram colocadas de forma que o indivíduo fizesse conexões mentais que o levassem à resolução da mesma. Porém devemos salientar que os experimentos de Thorndike (FALCÃO, 2003) foram feitos com animais desconsiderando a complexidade das estruturas mentais do ser humano. Haja vista que esse condicionamento era resultado das necessidades biológicas dos animais.

Apesar da teoria dele ser focada totalmente entre conexões mentais e de comportamento animal, ela influenciou muito a interpretação da aprendizagem no ser humano. Baseada em uma aprendizagem específica e tendo um contexto planejado, utilizando-se da repetição de uma ação para torná-la habitual, jamais

poderia trazer algum tipo de significado. Mas ainda assim, ela norteou toda uma visão a respeito de como o homem aprende em contato com situações que requer utilizar de conexões entre observar e fazer determinada ação várias vezes.

O behaviorismo e o conexionismo foram as principais vertentes teóricas baseadas no empirismo. De várias maneiras, a partir de suas experiências muitas conclusões foram de real importância para saber como o ser humano aprendia naquele momento. Mas também trouxe luz à nossa época, pois através delas pudemos diferenciar tipos diferentes de aprendizagens, e acima de tudo aquelas que são significativas.

1.2 A APRENDIZAGEM SOB A PERSPECTIVA DA GESTALT

A teoria Gestalt (PILLETI; ROSSATO, 2012), acreditava que a aprendizagem ocorreria através da percepção da forma e a sensação do movimento, fazendo uma correlação de novas aprendizagens com estruturas pré-formadas. Para essa teoria o todo é mais importante que a soma das partes, de como percebemos a relação das partes para formar o todo. Pois é através dessas experiências de observação e percepção que chegaríamos a uma aprendizagem real.

Essa percepção também está ligada as nossas experiências anteriores e de como esse conteúdo foi significativo para provocar essa aprendizagem. Elementos similares ajudariam na compreensão da forma, e a maneira que organizamos esses elementos para que eles ajudem a compreender o todo. Então essa aprendizagem se daria através da percepção individual de cada pessoa, pois vemos uma mesma situação de formas diferentes, gerando aprendizagens também diversas.

“Para os integrantes dessa escola, a tarefa da psicologia seria compreender a percepção tal como as vivenciamos, levando em conta que nossas experiências perceptivas imediatamente organiza e dá significado à percepção, constituindo-a num sentido, numa ordem, numa razão interna. Em suma, seria tarefa da Psicologia da Gestalt descrever e esclarecer a organização intrínseca da percepção”. (PILETTI; ROSSATO, 2012)

A Gestalt vinha na contramão da teoria behaviorista, se colocava totalmente contrária a aprendizagem através dos estímulos e do ambiente fazendo uma forte crítica a ela. No entanto, já vislumbrava uma aprendizagem focalizada no indivíduo, sendo este personagem principal de seu processo a partir de como percebia e como assimilava esse conhecimento. A Gestalt, portanto, já visualizava uma aprendizagem que fizesse sentido para a pessoa.

1.2 A APRENDIZAGEM SEGUNDO AS PERSPECTIVAS RACIONALISTAS

As Teorias Racionalistas (LEFRANÇOIS, 2009) definiam a aprendizagem como um processo mental, discursivo e lógico nas estruturas cognitivas. Ela acreditava que o indivíduo construía seu conhecimento acionando estruturas mentais e através delas criando sentenças que o ajudasse na aquisição da aprendizagem. Sendo assim, ela aconteceria não somente de fora para dentro, por fatores externos, mas principalmente de dentro para fora, por fatores internos.

Nessa abordagem, a cognição tem um papel fundamental na aprendizagem da pessoa. Afirma que, o cérebro não precisa de estímulos do ambiente para formular ideias e resolver problemas, sendo o homem capaz de decidir como e quando quer aprender. A partir do racionalismo, o homem se vê como um ser que pensa, e com isso a razão é a única forma de atingir o conhecimento.

Com isso, o indivíduo é parte desse ambiente e sua aprendizagem se faz a partir das relações com o meio num processo de troca. Considerando que a aprendizagem é fruto de interações constantes entre indivíduo e o meio numa relação dialética. Nesse caso, o ambiente gera um estímulo, que gera uma aprendizagem e transformação, e o indivíduo uma vez transformado tem influência sobre o ambiente, que uma vez transformado gera novos estímulos e assim sucessivamente, nesse contexto o ambiente e o indivíduo se transformam.

A teoria inatista (LEFRANÇOIS, 2009) acreditava que o homem já nascia com determinados conhecimentos e aptidões, e que aprender seria relembrar. Crê que o ser humano nasce com determinadas potencialidades hereditárias, que serão desenvolvidas de acordo com o amadurecimento biológico do organismo. Portanto, os fatores ambientais e os cognitivos não tem real importância no ato de aprender.

“A concepção de conhecimento que acredita que se conhece porque já se trás algo, ou inato ou programado na bagagem hereditária, para amadurecer mais tarde, em etapas previstas”. (MATUI, 1995)

A principal vertente do Racionalismo (MOREIRA, 1999) é a cognitivista ou também conhecida como construtivismo, que são aquelas que priorizam o aprendizado através das conexões mentais, processando e estruturando as informações no campo cognitivo para tentar compreendê-las e dar sentido a elas. Seus principais pensadores foram Jean Piaget, Lev Vygotsky, Henri Wallon e David Ausubel. Apesar de todos eles acreditarem na mesma teoria a cognitivista, cada um elaborou um campo de pesquisas específicas de como a aprendizagem acontecia no campo cognitivo, mas todos acreditavam que ela tinha que ter significado.

As teorias racionalistas trouxeram à tona a importância de aprender significativamente, que até então eram ignoradas pelas teorias ambientalistas. Dessa forma se colocou o sujeito como foco central nesse processo e, a partir daí, a construção da aprendizagem se daria de dentro para fora em uma relação de troca. Portanto, a aprendizagem se daria de forma consciente e progressiva.

1.3 O CONSTRUTIVISMO, O SÓCIO INTERACIONISMO, O HUMANISMO E A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA.

A teoria construtivista (MATUI, 1995) já estabelecia que toda aprendizagem deveria transformar a maneira como o indivíduo internaliza esse conhecimento. Dessa forma, essa teoria nos traz as primeiras ideias de como essa aprendizagem

poderia trazer novas perspectivas de material significativo. No entanto, cada pensador direcionou sua teoria em um campo de conhecimentos distintos.

“O construtivismo é uma filosofia de aprendizagem que descreve o que significa saber alguma coisa e que é realidade. As concepções tradicionais de aprendizagem admitem que o conhecimento é um objeto, algo que pode ser transmitido do professor. Os construtivistas, por outro lado, acreditam que o conhecimento é uma construção humana de significados que procura fazer sentido do seu mundo”. (JONASSEN, 2007)

O construtivismo já tinha como perspectiva central a aprendizagem significativa. Nesse contexto, a construção do indivíduo se dava quando ele conseguia atribuir significados a um conhecimento subjetivo, ligando-o a um conhecimento que já existia nas estruturas cognitivas. Fazendo essa ligação esse aprendizado seria internalizado e não mais esquecido.

Jean Piaget foi o primeiro a pensar a aprendizagem como uma construção do próprio indivíduo. A ideia central é que este não procede nem da experiência única do objeto, nem de uma programação inata pré-formada no sujeito, mas de construção sucessivas com elaborações constantes de estruturas novas (PIAGET, 1976). Dessa forma, a aprendizagem para ele só seria significativa se bem relacionada às estruturas cognitivas da criança.

Para Piaget (1999), o processo de aprendizagem ocorre através do desenvolvimento cognitivo do indivíduo. Em sua teoria afirma que toda vez que recebemos novas informações externas sofremos desequilíbrios das estruturas cognitivas para que esse novo conhecimento possa encontrar conexões, se acomodar e ser assimilado com conhecimentos pré-existentes, e possam ser transformados em novas aprendizagens que façam sentido e reequilibrem novamente essas estruturas. A teoria cognitiva de Piaget acreditava que quanto mais o indivíduo passasse pelos processos de equilíbrio, mais a aprendizagem seria eficaz.

Ele acreditava que o sujeito em si era o principal responsável pelo seu aprendizado. Sendo assim, sua relação com o objeto de aprendizagem deveria ocorrer de forma direta, e sem interferências do meio para que pudesse ocorrer a

construção desse conhecimento. Para isso, a criança deveria estar aberta e receptiva a passar por novas experiências para que ocorresse o aprendizado.

“De acordo com os pressupostos teóricos de Piaget (1973, 1974, 1976, 2007), há que se enfatizar a primazia do sujeito sobre o objeto de conhecimento a ser construído mediante uma experiência individual. Na construção desse conhecimento é preciso transformá-lo, adaptá-lo em função das características e necessidades individuais”. (PILETTI; ROSSATO, 2012)

Sua teoria construtivista pensava essa aprendizagem como uma construção individual e pessoal. Pressupondo que o indivíduo deveria interpretar as informações recebidas de forma a assimilá-las e acomodá-las em sua estrutura mental. Transformando assim, esses conhecimentos em novas aprendizagens que lhe serviriam como uma nova base cognitiva para o recebimento de novas informações.

Piaget (1994) considerava que o erro na resolução de problemas era fator determinante na construção da aprendizagem. A criança jamais deveria ser repreendida ao cometer erros, pois eles eram considerados experiências construtivas que faziam a criança repensar a questão que foi trabalhada e automaticamente fazer com que ela encontrasse soluções para conseguir resolvê-las. Sendo assim, quanto mais tentativas de solucionar problemas fossem encontradas, mais a aprendizagem seria internalizada.

“O estudioso Jean Piaget, tentando entender como a criança aprende, pesquisou como se desenvolve o pensamento humano desde o nascimento da criança até a adolescência. Com o resultado dessas pesquisas, ele criou a Teoria Interacionista-construtivista. Essa teoria explica que o desenvolvimento do pensamento da criança é um processo que acontece em estágios. Esclarece que cada estágio é importante e necessário para que a criança alcance o estágio seguinte. Isto quer dizer que a criança não pode pular nenhum estágio: ela precisa viver todos eles para que o aprendizado aconteça”. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2005)

Dentro de sua teoria um dos maiores passos para descobrir como e quando a criança aprende, foi o estágio de desenvolvimento cognitivo. Quatro estágios que explicam as transições que elas sofrerão ao longo da vida, classificados por tudo que a criança será capaz de aprender naquele período. Essa teoria norteia até os dias de hoje todos os processos de aprendizagem que ocorrem na vida do indivíduo.

Já Lev Vygotsky (apud Khol 2010) ia pela vertente sócio interacionista, onde se faz necessário à interação indivíduo-meio-cultura, exaltando as relações do

homem com o meio em que vive com sua cultura e com ele próprio no seu processo de aprendizagem. Foi à primeira teoria a considerar a criança no ambiente escolar, e nos processos psicológicos que envolvem as relações humanas de interagir como forma de aquisição de conhecimento. Ele pensou não só na qualidade dessa interação, mas também nela como construção de aprendizados significativos.

“Para o sócio-interacionismo, o desenvolvimento humano é visto como realização coletiva e não individual, pois é na interação contínua com outros seres de sua espécie que a criança desenvolve todo um repertório de habilidades consideradas humanas. Ela passa a participar do mundo simbólico do adulto, compartilhando da história”. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2005)

Segundo Vygotsky (apud Khol 2010), o ser humano só aprende em contato com outro, essa interação é de suma importância no processo de desenvolvimento completo do homem. Através dessa relação direta entre os indivíduos ocorre a troca de experiências que irão desenvolver a maturação das estruturas cognitivas. Portanto, via a escola e a socialização ocorrida no ambiente escolar como fator determinante para que o aprendizado ocorra.

Talvez ele tenha sido o que mais se aproximou dos problemas de aprendizagem vividos pelas crianças. Vygotsky elaborou toda sua teoria pensando na criança que vive em constante contato com o mundo cultural e social, por isso, ela era um sujeito histórico de saberes. Considerando que as interações vividas na primeira infância seria a ligação para uma vida adulta pautada no desenvolvimento de todas as potencialidades.

“E essa importância que Vygotsky dá ao papel do outro social no desenvolvimento do indivíduo cristaliza-se na formulação de um conceito específico dentro de sua teoria, essencial para a construção de suas ideias sobre as relações entre desenvolvimento e aprendizagem: o conceito de zona de desenvolvimento proximal”. (KOHL, 2010)

Ele também elaborou a teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal, aquilo que está entre o que a criança realmente sabe, e o que está potencialmente próxima de aprender. Para que essa aprendizagem aconteça na ZDP se faz necessária a intervenção de um parceiro mais experiente, que possa utilizar de conhecimentos que ajudem a criança a alcançar todo seu potencial. Após essa nova aprendizagem ser internalizada ela deixa de ser potencial e torna-se real, levando-a a um novo estágio de ZDP.

“Para Vygotsky existem dois tipos de significados atribuídos a aprendizagem. A primeira é o sentido dado a uma coisa de acordo com a experiência individual que se teve, outra é o significado que damos as coisas através da cultura que vivemos e do contexto sócio cultural. Dessa forma esse processo de aprendizagem seria mediado pela interação da criança com o mundo”. (MATUI, 1995)

Toda teoria elaborada por Vygotsky já pensava uma aprendizagem em que a formulação de significados era parte fundamental nesse processo. E esses significados não deveriam ser atribuídos somente aos conteúdos escolares, mas principalmente ao conhecimento de mundo da criança. Portanto, para ele a aprendizagem só teria valor se essa provocasse sentido no indivíduo, sendo assim relaciona-se diretamente com a teoria de Ausubel.

A teoria de Henri Wallon (apud Galvão, 1998) que também era sócio interacionista visava o desenvolvimento da pessoa completa, e principalmente a afetividade nos processos de aprendizagem. Para ele as emoções nos processos pedagógicos favoreciam o crescimento afetivo, pessoal e intelectual da criança. Portanto, a criança não era vista somente como mero depósito de conhecimentos, mas sim como sujeito principal no seu aprendizado.

“Jamais pude dissociar o biológico do social, não porque os creia redutíveis um ao outro, mas porque me parecem, no homem, tão estreitamente complementares desde o nascimento que é impossível encarar a vida psíquica de outro modo que não seja sob a forma de suas relações recíprocas”. (WALLON, 1951 apud ZAZZO, 1978)

Na teoria de interfaces de Wallon (apud Galvão, 1998), buscava entender o adulto formado, observando a criança. Ao observar os processos psicológicos, ambientais e intelectuais que a criança passava no decorrer de sua infância, poderia assim verificar a evolução sofrida no seu desenvolvimento. Através dessa observação considerava de suma importância que a criança desenvolvesse todo seu potencial afetivo na construção da aprendizagem, para que quando adulto exercesse com habilidade suas funções sociais.

Ele acreditava que o indivíduo tinha que passar por crises e conflitos internos para que pudesse se desenvolver afetivamente, cognitivamente e socialmente. Era através dessas crises e conflitos que o sistema cognitivo desenvolveria maturidade, processo esse que envolvia as funções biológicas, e experiências afetivas resultados de novas situações vivenciadas, essas envolviam

funções fisiológicas. Que no fim serviriam para reestruturar novas situações de aprendizado na vida da criança.

Também acreditava que a criança passava por estágios de desenvolvimento. Porém esses estágios seriam concebidos por rupturas, desequilíbrios e reestruturações muito mais no campo afetivo do que no cognitivo como pensava Piaget. Esses estágios levariam a criança a construir um aprendizado que trouxesse sentido pessoal, e transformaria a criança em um adulto mais seguro no sentido emocional.

“Para Wallon, o surgimento de uma nova etapa do desenvolvimento implica na incorporação dinâmica das condições anteriores, ampliando-as e ressignificando-as. A criança atravessa diferentes estágios que oscilam entre momentos de maior interiorização e outros mais voltados para o exterior, sendo possível demarcar alguns deles ao longo do desenvolvimento infantil”. (GALVÃO, 1998)

Na concepção de Wallon (apud Galvão, 1998), a afetividade é vista como uma linguagem antes da linguagem, pois o ser humano se comunica com o outro desde sempre é, pois, geneticamente social, (PILETTI; ROSSATO, 2012). Com isso podemos afirmar que Wallon desenvolveu todo um postulado teórico que acreditava que a criança sentia aquilo que estava aprendendo, e se comunicava através dos sentimentos. Portanto a afetividade era fator de extrema importância para atingir uma aprendizagem com sentidos, e que o fator emocional jamais poderia ser desconsiderado nesse contexto.

“O postulado de Wallon, no que tange ao desenvolvimento da inteligência, surge como crítica ao de Piaget, pois a inteligência, para ele, surge depois da afetividade, de dentro dela e conflitando com ela, pensamento que talvez nos explique porque os alunos aprendem mais quando “gostam” do professor. Por isso nutrir a inteligência incorre em primeiro alimentar a afetividade, não aceitando possibilidade de haver um ponto terminal para a inteligência, haja vista que os processos mentais superiores são intermediados”. (DANTAS, 1983)

Em sua teoria, assim como as de Ausubel as aprendizagens anteriores das crianças também serviam de base para se apropriar de novos conhecimentos. Dessa forma, a criança sempre era portadora de conhecimentos prévios que seriam acionados para assimilar novos conhecimentos. Sendo assim, essa aprendizagem já deveria ter sentido na construção emocional da criança.

A teoria humanista tinha seu foco de aprendizagem direto na criança, tendo plena liberdade de aprender aquilo que lhe tem real valor prático. Um dos principais pensadores dessa teoria foi Carl Rogers, que via a aprendizagem como construção pessoal, e que o sujeito é livre para escolher o que e porque deseja aprender determinado conteúdo, tendo assim suas atitudes valorizadas. “Por aprendizagem significativa entendo aquilo que provoca profunda modificação no indivíduo. Ela é penetrante, e não se limita a um aumento de conhecimento, mas abrange todas as parcelas de sua existência” (ROGERS, 1978).

“De acordo com os pressupostos do humanismo o homem não está determinado pela situação imediata, ou pela experiência passada, por nenhuma condição (cultura, histórica, natural, etc.), pois tem sua capacidade de autonomia, de sobrepor-se a determinações de qualquer natureza, tem ao poder de escolher um ato ou não, independentemente das forças que o constroem”. (PILETTI; ROSSATO, 2012)

Rogers (1978) acreditava na intervenção facilitadora e na escuta sensível do educador como ponto de partida para a relação ensino aprendizagem. A criança tinha que sentir segurança durante esse processo e não sofrer julgamentos, para poder fazer uma ponte entre o ato de aprender e o significado que esse aprendizado teria na construção de sua vida. Pois a pessoa se constrói a partir dessas experiências e não somente através dos conteúdos acadêmicos.

Para ele a aprendizagem era o próprio processo de aprendizagem, ou seja, acreditava na construção gradativa, cumulativa e coletiva do indivíduo. O desenvolvimento cognitivo era um processo infinito, que se dava ao redor e no interior de si mesmo e via no ambiente escolar o lugar mais propício para que isso acontecesse. Visto que a escola não recebe somente um aluno, mas sim uma pessoa inteira.

O aluno deveria ser conduzido de forma consciente, rigorosa e afetiva na construção da sua aprendizagem. Tentando entender e criando um novo significado para as experiências adquiridas, o aprendizado se transformaria no interior de cada um dando um novo sentido para vida. Nesse processo, o que realmente importava era o desenvolvimento total da criança, em ajudá-la a aprender a ser pessoa.

A teoria humanista de Rogers vem corroborar com os pensamentos de Ausubel a respeito da aprendizagem. A aprendizagem não somente tinha que ser significativa, mas também deveria desenvolver capacidades cognitivas, emocionais e sociais de maneira ampla e progressiva na vida da pessoa. Sendo assim, para ele aprender seria criar novos significados para a vida.

Para Paulo Freire (2010), somos seres inacabados, dessa forma estamos sempre em processo de aprendizagem. Para ele o aprendizado se dá através de processos dialógicos, de uma tomada de consciência, onde o sujeito se percebe participante ativo na busca por seu conhecimento. Sendo assim, sua teoria foi uma crítica à forma de educação que era praticada na época.

Para ele ensinar não era apenas transferir conhecimento, e o professor não era o único detentor de saberes na sala de aula. Via na bagagem trazida pelos alunos o grande ponto de partida na busca pelo conhecimento. Quando o professor valorizava esse pré-conhecimento do aluno a aprendizagem se daria de forma mais fácil e significativa.

“A valorização da cultura do aluno é a chave para o processo de conscientização preconizado por Paulo Freire e está no âmago de seu método de alfabetização, formulado inicialmente para o ensino de adultos. Basicamente, o método propõe a identificação e catalogação das palavras-chave do vocabulário dos alunos - as chamadas palavras geradoras. Elas devem sugerir situações de vida comuns e significativas para os integrantes da comunidade em que se atua, como por exemplo, "tijolo" para os operários da construção civil”. (FERRARI, NOVA ESCOLA, 2008)

Sua teoria seguia na contramão do ensino tradicional, onde o aluno não tinha voz e era oprimido por um sistema de ensino onde não se encontrava nenhum significado. Ao propor uma prática de sala de aula que pudesse desenvolver a criticidade dos alunos, Freire condenava o ensino oferecido pela ampla maioria das escolas (isto é, as "escolas burguesas"), que ele qualificou de educação bancária, (FERRARI, NOVA ESCOLA, 2008). Essa por sua vez, via o aluno como depósito de conhecimentos transmitidos.

Freire (2010) pensava uma educação problematizadora, onde o próprio sujeito percebesse a importância do ato de aprender como forma de libertação. O ato de conhecer envolve fundamentalmente o tornar “presente” o mundo para a

consciência (SILVA, 2014). Somente esse conhecimento seria capaz de dar significado as coisas do mundo.

“O ato de conhecer não é, entretanto, para Freire, um ato isolado, individual. Conhecer envolve intercomunicação, intersubjetividade. Essa intercomunicação é mediada pelos objetos a serem conhecidos. Na concepção de Freire, é através dessa intercomunicação que os homens mutuamente se educam, intermediados pelo mundo cognoscível”. (SILVA, 2014)

Ele acreditava que toda aprendizagem deveria de fato fazer sentido na vida do sujeito. E que para isso toda a bagagem trazida pelo indivíduo deveria ser usada como ponto de partida para a construção de novos conhecimentos. Ele não somente acreditava na aprendizagem significativa como Ausubel, mas também via nela a única forma de libertação de uma classe oprimida pela educação tradicional.

1.4 O COGNITIVISMO DE DAVID AUSUBEL

E enfim a teoria cognitivista de David Ausubel que acreditava na integração e organização de todo conhecimento das estruturas mentais. Pensava que a aprendizagem só ocorreria de forma significativa se tivesse bases para se ancorar, que quando se recebe um novo conhecimento, esse por sua vez deve se correlacionar com o saber prévio, para que as estruturas cognitivas trabalhem para internalizar esse novo saber. Essa interação constitui para Ausubel, uma experiência consciente, claramente articulada e precisamente diferenciada, que emerge quando sinais, símbolos, conceitos e proposições potencialmente significativos são relacionados à estrutura cognitiva e nela incorporados, (MASINI, 1999).

“A psicologia cognitivista, também conhecida por cognitivismo preocupa-se com o processo da compreensão, transformação, armazenamento e uso da informação envolvida na cognição. Dessa forma a concepção cognitivista deveria promover a construção do desenvolvimento mental de forma que o indivíduo fosse protagonista no seu processo de aprendizagem”. (MOREIRA; MASINI, 2006).

Para Ausubel (MOREIRA, 1999) no processo de aprendizagem não se pode de forma alguma desconsiderar os saberes prévios do indivíduo. Considerar que a

criança possui uma bagagem de saberes anteriores, e com ela irá fazer conexões com os conteúdos novos para dar a eles um novo significado, e transformá-los em novas aprendizagens. Com isso o indivíduo é considerado sujeito autor de sua própria aprendizagem.

O cognitivismo contrapõe totalmente o que o behaviorismo afirmava que o ser humano aprendia somente com as experiências. A cognição enfatiza o ato de conhecer, ou seja, como o indivíduo conhece o mundo. Portanto, priorizava a correlação desses conhecimentos, sua percepção, e compreensão deles nas estruturas cerebrais.

“A grande contribuição da teoria de Ausubel foi de fato, a proposta da aprendizagem significativa. Entendida como o significado dado à aprendizagem pelo aprendiz, a partir da incorporação de um novo material às estruturas cognitivas já existentes nele. Desta forma, há, através da elaboração da compreensão do novo, todo um processo de atribuição pessoal”. (TARGINO, 2013)

O cognitivismo de Ausubel é um caminho que busca responder a essas questões, ao se propor estudar o ato da formação de significados ao nível da consciência ou, em outras palavras, ao estudar o ato da cognição, (MASINI, 1999). Dando ao indivíduo uma percepção real do mundo a sua volta, podendo assim fazer conexões que possam ajudá-lo na diferenciação e compreensão dos conteúdos assimilados pelas estruturas mentais. E essa compreensão é o que trará significados reais aos conhecimentos adquiridos.

A teoria de aprendizagem significativa veio para contrapor as ideias empíricas da época. Para ela, o indivíduo não aprendia somente com o meio, e sim através dos processos mentais, e que a escola é o espaço real de aprendizado para a criança. Sendo esta responsável por oferecer conteúdos que os alunos possam relacionar e transformar em aprendizagens significativas.

“Conceber o processo de aprendizagem como prioridade do sujeito implica valorizar o papel determinante da interação com o meio social e, particularmente, com a escola. Situações escolares de ensino aprendizagem são situações comunicativas, nas quais os alunos e professores co-participam, ambos com uma influência decisiva para o êxito do processo. A abordagem construtivista de ensino e aprendizagem, a relação cooperativa entre professor e aluno, os questionamentos e as controvérsias conceituais, influenciam o processo de construção de

significado e o sentido que alunos atribuem aos conteúdos escolares”.
(BRASIL, 1998)

A escola como espaço de construção da aprendizagem é o ambiente pensado na teoria de Ausubel para que ela ocorra de forma significativa. Dessa maneira, além de considerar a bagagem trazida pelo aluno, o ambiente também é de máxima importância para promover essa aprendizagem. Sendo assim, as situações de interação da criança com o meio também facilitariam esse processo.

A teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel vem de encontro com os problemas de aprendizagem que enfrentamos hoje nas escolas. Muitas vezes não conseguimos diagnosticar porque essa aprendizagem não faz nenhum sentido para a criança, ocasionando assim uma falta de interesse da criança em aprender. Através dela podemos entender e considerar a criança como o principal personagem nesse processo, e criar soluções que auxiliem no seu aprendizado.

“A aprendizagem significativa tem vantagens notáveis, tanto do ponto de vista do enriquecimento da estrutura cognitiva do aluno como do ponto de vista da lembrança posterior e da utilização para experimentar novas aprendizagens, fatores que a delimitam como sendo a aprendizagem mais adequada para ser promovida entre os alunos”. (PELIZZARI et al, 2002)

A aprendizagem não pode ficar restrita somente a conteúdos escolares, métodos e processos de ensino. O conhecimento não pode apenas ser transmitido pelo professor e aprendido passivamente pelo aluno, pois ensinar e aprender com sentido requer interação, emoção, percepção e envolvimento de todas as partes. O caminho para a aprendizagem significativa não é linear, mas sim um conjunto de ações que levam ao desenvolvimento cognitivo, afetivo e social do sujeito.

O mundo passou por transformações jamais imaginadas por nós nesse último século, dessa forma a maneira que se aprende também mudou. Não podemos mais pensar que a aprendizagem se limite somente a transferência de conteúdos sem sentido algum na vida da criança, e nem mesmo uma aprendizagem que não possa ser usada para questões além da sala de aula, questões da vida cotidiana. Sendo assim a teoria de aprendizagem significativa pensado por Ausubel é extremamente atual, dinâmica, e acima de tudo engloba todas as necessidades que uma criança do mundo moderno necessita para aprender.

Podemos dizer que as teorias de aprendizagem que foram desenvolvidas com bases construtivistas começaram a montar um quebra cabeças onde as peças seriam a base para a aprendizagem significativa. Sendo assim, cada teórico ao formular sua epistemologia a respeito de como funciona os processos de aprendizagem, chegaram mais perto de entendê-los. Entretanto, foi Ausubel quem definiu que categoricamente que essa aprendizagem deveria fazer sentido na vida da criança.

Todas as teorias cognitivistas que antecederam a de Ausubel já pensavam em uma aprendizagem que fizesse sentido na vida da criança. Seus pressupostos evidenciaram de maneira clara que só levamos para a vida aquilo que nos faz real sentido, e que nos facilita a forma de viver em sociedade. A partir de então, o ato de aprender não pode mais ser visto somente como um meio de adquirir conhecimentos escolares, mas sim, como forma de libertação e emancipação do sujeito na sociedade.

“Por muito tempo a pedagogia focou o processo de ensino no professor, supondo que, como decorrência, estaria valorizando o conhecimento. O ensino, então, ganhou autonomia em relação à aprendizagem, criou seus próprios métodos e o processo de aprendizagem ficou relegado a segundo plano. Hoje sabe-se que é necessário ressignificar a unidade entre aprendizagem e ensino, uma vez que, em última instância, sem aprendizagem o ensino não se realiza”. (BRASIL, 1998)

Hoje, nos questionamos a todo o momento o que acontece em sala de aula que impede a aprendizagem real das crianças. Nessa questão, alguns professores se sentem despreparados para ensinar, enquanto outros colocam a culpa nos alunos como forma de se isentarem das responsabilidades do fracasso escolar. Portanto, a grande questão a ser discutida nesse trabalho é de que maneira a teoria de Ausubel pode nos auxiliar nesse processo.

CAPÍTULO II. AS DIMENSÕES DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DE DAVID AUSUBEL

Durante muito tempo a única forma aceitável de aprendizagem consistia no método tradicional. Esse por sua vez, visava à aprendizagem por meio de cansativas repetições e decorar conteúdos para derramá-los em provas, sem que de fato sejam entendidos e aprendidos. Dessa forma, a teoria da aprendizagem significativa de Ausubel veio reformular as perspectivas de como se aprende.

Por séculos esse processo educacional se manteve ancorado em moldes tradicionalistas, mecânicos e se voltava para a formação de operários. A educação era pensada de uma maneira engessada, não havia conexão com o mundo, não se pensava em desenvolver um indivíduo pensante, crítico, integral com condições de ocupar espaço em seu contexto social.

A educação era abordada somente de maneira tradicional, com foco em conteúdos desconexos e mantinha o docente como único portador do saber. Pensava-se no educando de uma maneira isolada e imutável, como um mero receptor, uma mera tabula rasa. O processo educacional não era democrático, mais sim um processo de dominação da massa para a manutenção do status quo.

“Dentre as várias razões que podem explicar tal antagonismo, uma merece especial destaque, qual seja, a adoção, por grande parte dos professores, de uma concepção de ensino como transmissão e as correspondentes visões de aluno como tabula rasa e de Ciência como um corpo de conhecimentos prontos, verdadeiros, inquestionáveis e imutáveis”.
(SCHNETZLER, 1992)

Ao passo que a sociedade começa a se desenvolver, a se integrar com novas tecnologias, diversas teorias foram criadas pra fomentar a ressignificação do processo educacional. Passa-se a pensar no educando como um ser portador e produtor de cultura, de conhecimentos e que necessita se desenvolver de uma maneira integral e concreta.

É nesse contexto de mudança que surge a Teoria da Aprendizagem Significativa pensada por David Ausubel, esta prega a valorização dos

conhecimentos prévios dos educandos. Ausubel se âncora na ideia de que é primordial respeitar a bagagem de cada indivíduo integrante do processo educacional. Tudo deve estar conectado e não mais desconexo como nos moldes tradicionais.

A Teoria da Aprendizagem Significativa trazida por Ausubel visa o conhecimento prévio do aluno, valorizando-os e incentivando a construção de estruturas mentais utilizando mapas conceituais que permitam a constante descoberta e redescoberta de vários outros conhecimentos, tipificando uma aprendizagem cheia de significados, prazer e eficácia.

“A Teoria de Ausubel prioriza a Aprendizagem Cognitiva, que é a integração do conteúdo aprendido numa edificação mental ordenada, a Estrutura Cognitiva. Essa Estrutura Cognitiva representa todo um conteúdo informacional armazenado por um indivíduo, organizado de uma certa forma em qualquer modalidade do conhecimento.” (VALERIO, 1999)

O capítulo que se segue busca explicar minuciosamente como Ausubel pensou a aprendizagem significativa é como esta se dá no âmbito escolar. Utilizando como base epistemológica a teoria de Ausubel para encontrar respostas aos problemas de aprendizagem que enfrentamos atualmente nas escolas. E dessa forma tentar achar soluções que ajudem a melhorar a prática pedagógica em sala de aula.

2.1 A TRAJETÓRIA DE DAVID AUSUBEL

Ausubel apresentou sua teoria por volta de 1963, quando a teoria Behaviorista predominava e acreditavam que o sujeito só aprendia se fosse ensinado. E nesse cenário ele trouxe uma nova, e oposta, perspectiva à behaviorista, levantada por Fernandes (2011) que afirmava que “aprender significativamente é ampliar e reconfigurar ideias já existentes na estrutura mental e com isso ser capaz de relacionar e acessar novos conteúdos”. O pesquisador Norte-

Americano acreditava que o sujeito aprendia constantemente, estando em contato direto ou indireto com a aprendizagem, formal ou informal.

David Paul Ausubel nasceu em 1918, e foi um renomado Psicólogo Estadunidense. Durante sua trajetória na educação passou por momentos difíceis e com isso se inspirou para aprimorar essa etapa. Judeu, filho de família pobre e imigrante da Europa ocidental, não aceitava as humilhações e castigos que a escola tradicional tratava os educandos. Apostava em uma educação pacífica e democrática. Um episódio que marcou sua infância e o fez repensar o papel da educação na vida das pessoas foi quando foi repreendido e ficou de modelo para a turma de meninos assustados.

"Escandalizou-se com um palavrão que eu, patife de seis anos, empreguei certo dia. Com sabão de lixívia lavou-me a boca. Submeti-me. Fiquei de pé num canto o dia inteiro, para servir de escarmento a uma classe de cinquenta meninos assustados(...) A escola é um cárcere para meninos. O crime de todos é a pouca idade e por isso os carcereiros lhes dão castigo." (AUSUBEL apud SILVA; EDILENE; MÔNICA; LINDONEIDE; ESTELA. 2012).

Com uma cultura que aceitava e acreditava no ensino tradicional regado a muita violência e a formar seres não pensantes, David, junto de seus colegas, se viu desprotegido e sem poder reagir e aprender. Diante desses e, provavelmente, muitos outros episódios traumatizantes, Ausubel, depois de formado se empenhou em entender a educação e criar algo que fosse viável para a escola. Para ele a aprendizagem pronta, sem pensar, investigar, entender, não é aprendizagem, é conteúdo meramente passado pelo professor e reproduzido pelo aluno.

Infelizmente, essas questões vividas por Ausubel antigamente, ainda são muito frequentes em sala de aula. Pensar que em pleno século XXI ainda é praticada uma pedagogia do medo, onde o aluno é mero espectador e receptor desse ensino nos leva a tentar entender como a aprendizagem pensada por Ausubel pode mudar essa realidade. Sendo assim, a teoria de aprendizagem significativa nos traz novas perspectivas no processo ensino/aprendizagem.

"Na aprendizagem significativa o novo conhecimento nunca é internalizado de maneira literal, porque no momento em que passa a ter significado para o aprendiz entra em cena o componente idiossincrático da significação. "Aprender significativamente implica atribuir significados e estes têm sempre componentes pessoais. Aprendizagem sem atribuição de significados

personais, sem relação com o conhecimento preexistente, é mecânica, não significativa”. (MOREIRA, 2006).

Nesse posicionamento de Moreira (2006), fica claro que a aprendizagem significativa acontece quando há ligações da realidade com o que está sendo construído, se não há essa relação à aprendizagem fica perdida, pois é somente mecânica. A aprendizagem que não é relacionada com o meio que o aluno está inserido, sua realidade, seu cotidiano, não tem valor para o mesmo, portanto o educador, mediador do conhecimento, precisa estar envolvido com a turma para programar suas aulas, embasado na realidade que os alunos estão inseridos.

Em 1963, Ausubel fez sua primeira tentativa de explicação de uma teoria cognitiva da aprendizagem verbal significativa publicando a monografia “The Psychology of Meaningful Verbal Learning”; no mesmo ano celebrou-se em Illinois o Congresso em que interveio a conferência “Alguns aspectos psicológicos da estrutura do conhecimento”.

Moreira e Masini (2006) consideram a Teoria da Aprendizagem Significativa como uma teoria cognitiva de reestruturação, para eles, se trata de uma teoria psicológica que se constrói desde um enfoque organicista do indivíduo e que se centra na aprendizagem gerada num contexto escolar. Trata-se de uma teoria construtivista, já que é o próprio indivíduo-organismo o que gera e constrói sua aprendizagem.

O pensamento de David Ausubel foi introduzido no Brasil no início da década de 70 pelo Prof. Joel Martins, quando começou a ministrar cursos de Pós-Graduação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, baseados nas ideias desse pesquisador norte americano (RONCA, 1994).

Em 1975, Ausubel esteve no Brasil na, PUC-SP, e coordenou um Seminário Avançado que reuniu 25 pesquisadores de todo o Brasil. A partir daí, são inúmeros os trabalhos de investigação que procuram estudar os mais diferentes aspectos da teoria ausubeliana. Não seria possível fazer referência a todos os trabalhos, pois eles já são em número bastante elevado, mas serão contemplados alguns que, de alguma maneira, lidaram com o mesmo problema que nos interessa nesse momento (RONCA, 1994).

A origem da Teoria da Aprendizagem Significativa está no interesse que tem Ausubel por conhecer e explicar as condições e propriedades da aprendizagem, que se podem relacionar com formas efetivas e eficazes de provocar de maneira deliberada mudanças cognitivas estáveis, suscetíveis de dotar de significado individual e social (AUSUBEL, 1978).

Uma vez que ele busca conseguir com que as aprendizagens que se produzem na escola sejam significativas, Ausubel entende que uma teoria da aprendizagem escolar que seja realista e cientificamente viável deve se ocupar do caráter complexo e significativo que tem a aprendizagem verbal e simbólica. Assim mesmo, e com objeto de conseguir essa significância, deve prestar atenção a todos e a cada um dos elementos e fatores que lhe afetam, que podem ser manipulados para tal fim.

A partir deste enfoque, a pesquisa é complexa, trata-se de uma indagação que se corresponde com a psicologia educativa como ciência aplicada. O objeto da mesma é destacar os princípios que governam a natureza e as condições da aprendizagem escolar, o que requer procedimentos de pesquisa e protocolos que atendam tanto aos tipos de aprendizagem que se produzem em aula, como às características psicológicas que o estudante coloca em jogo quando aprende. De igual modo, é relevante para a pesquisa o mesmo estudo da matéria objeto de ensino, bem como a organização de seu conteúdo, já que é uma variável do processo de aprendizagem.

2.2 AS PERSPECTIVAS DE AUSUBEL

Nos anos de 1970, as propostas de Bruner (Doutor em psicologia e chamado “pai” da psicologia cognitiva) sobre a aprendizagem orientada para a descoberta cobravam admiradores de forma acelerada. As experiências orientavam-se a que os alunos nas escolas construíssem seu conhecimento através da descoberta de conteúdos. Privilegiou-se, então, o ativismo e os experimentos dentro

da classe. Perante a chegada do novo, criticou-se severamente o modelo expositivo tradicional (VASCONCELOS; PRAIA; ALMEIDA, 2003).

Ausubel reconheceu as bondades da aprendizagem orientada para a descoberta, mas opôs-se a sua aplicação irreflexiva. Após tudo há que considerar que a aprendizagem por descoberta tem uma desvantagem: precisa consideravelmente mais tempo para a realização de atividades (PELIZZARI et al., 2002).

Ausubel considera que a aprendizagem por descoberta não deve se apresentar como oposto à aprendizagem que resulta de uma exposição (aprendizagem por recepção), pois este pode ser igualmente eficaz (em qualidade) que aquele, se aparecem certas características. Ademais, pode ser notavelmente mais eficiente, pois se investe muito menos tempo (PELIZZARI et al., 2002).

Assim, a aprendizagem escolar pode ocorrer por recepção ou por descoberta, como estratégia de ensino, e pode conseguir no aluno aprendizagens de qualidade (denominados por Ausubel como significativos) ou aprendizagens de baixa qualidade (memorísticos ou repetitivos) (VASCONCELOS; PRAIA; ALMEIDA, 2003).

Considera-se que a aprendizagem por recepção não implica, quando muito se critica, uma atitude passiva do aluno, e também as atividades desenhadas para guiar a aprendizagem por descoberta não garantem a atividade cognoscitiva do aluno (MOREIRA, 2006).

2.3 CARACTERÍSTICAS DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DE AUSUBEL

Ausubel criou o termo “Aprendizagem Significativa” para contrastá-la com a aprendizagem mecânica. Dessa forma, assegura que as características da aprendizagem significativa são os novos conhecimentos incorporando-se de forma substantiva na estrutura cognitiva do aluno. Isto se consegue através de um esforço

deliberado do aluno por relacionar os novos conhecimentos com seus conhecimentos prévios, sendo tudo isso o resultado de um envolvimento emocional do aluno, isto é, o aluno quer aprender aquilo que é apresentado porque o considera valioso (GOMES et al., 2008).

Nesse sentido, para Ausubel mesmo a aprendizagem mecânica tinha sua função para a aquisição da aprendizagem significativa. A aprendizagem mecânica não teria subsunçores para se ligar e formar novos conceitos, mas serviria para a formação de novos subsunçores, pois traria novos conhecimentos que ao serem repetidos. Dessa forma nenhum aprendizado para ele seria desperdiçado nesse processo.

Em contraste a aprendizagem mecânica caracteriza-se pelos novos conhecimentos incorporando-se de forma arbitrária na estrutura cognitiva do aluno. Ele não realiza um esforço para integrar os novos conhecimentos com seus conhecimentos prévios e o aluno não quer aprender, pois não dá valor aos conteúdos apresentados pelo professor (GOMES et al., 2008).

A aprendizagem significativa tem claras vantagens sobre a aprendizagem mecânica, segundo Pelizzari et al., (2002):

Vantagens da Aprendizagem significativa de Ausubel
Produz uma retenção mais duradoura da informação, modificando a estrutura cognitiva do aluno através de rearranjos da mesma para integrar à nova informação.
Facilita a aquisição de novos conhecimentos relacionados com os já aprendidos de forma significativa, já que ao estar claramente presente na estrutura cognitiva facilita sua relação com os novos conteúdos.
A nova informação, ao relacionar-se com a anterior, é depositada na chamada memória de longo prazo, a qual é preservada do esquecimento além de detalhes específicos menores.

É ativo, já que depende da assimilação determinada das faculdades de aprendizagem por parte do aluno.

É pessoal, pois a significação das aprendizagens depende dos recursos cognitivos do aluno (conhecimentos prévios e a forma como estes se organizam na estrutura cognitiva).

Fonte: Pelizzari et al., (2002)

Apesar destas vantagens, muitos alunos preferem aprender de forma mecânica, convencidos pela triste experiência que frequentemente os professores avaliam a aprendizagem mediante instrumentos que não comprometem outra competência que a lembrança de informação, sem verificar seu entendimento.

É necessário mencionar que os tipos de aprendizagem mecânica e significativa são os extremos de um contínuo em que ambos coexistem em maior ou menor grau e na realidade não podemos os fazer exclusivos. Muitas vezes aprendemos algo de forma mecânica e tempo depois, graças a uma leitura ou uma explicação, aquilo se torna significativo para nós; ou ao contrário, podemos compreender em termos gerais o significado de um conceito, mas não somos capazes de lembrar seu significado ou classificação.

De acordo com a teoria de Ausubel, para que se possa realizar a aprendizagem significativa, é necessária que se cumpram três condições, segundo Tavares, (2004):

Condições necessárias para que a aprendizagem significativa se realize

1. Importância da lógica do material. Isto significa que o material exposto tenha uma estrutura interna organizada, que seja capaz de conduzir à construção de significados. Os conceitos que o professor apresenta, seguem uma sequencia lógica e ordenada. Isto é, importa não só o conteúdo, mas a forma em que este é apresentado.

2. Significado psicológico do material. Isto se refere à possibilidade de que o aluno conecte o conhecimento apresentado com os conhecimentos prévios, já incluídos em sua estrutura cognitiva. Os conteúdos então são compreensíveis para o aluno. O aluno deve conter ideias inclusivas em sua estrutura cognitiva, caso contrário, o aluno guardará na memória de curto prazo a informação para contestar um exame mecânico, e esquecerá depois, e para sempre, esse conteúdo.

3. Atitude favorável do aluno. Conforme assinalado anteriormente, não basta o aluno querer aprender para que se dê a aprendizagem significativa, pois também é necessário que possa aprender (significação lógica e psicológica do objetivo). Entretanto, a aprendizagem não pode acontecer se o aluno não deseja que isso ocorra. Este é um componente de disposições emocionais e comportamentais em que o professor só pode influir por meio da motivação.

Fonte: Tavares, 2004

A educação teve muitas evoluções, iniciamos na educação tradicional, ou mecânica, que visa à aprendizagem por meio de repetições e conteúdos derramados pelos professores, sem interação dos alunos. A aprendizagem ocorre apenas por um lado, o professor fala e os alunos escutam.

Na aprendizagem mecânica, o conteúdo é programado e passado, sem levar em conta o ambiente em que estão inseridos, como está à turma, se há dificuldade, entre tantas outras coisas relevantes. Já na aprendizagem significativa, o professor leva em conta como está à turma, se todos estão se encaminhando, se pode avançar, em que ambiente está inserido, como consegue chegar aos alunos, e também levanta os conhecimentos prévios dos alunos. A aula também é preparada, entretanto, pode e deve sofrer alterações no seu caminho, para que sejam sanadas dúvidas, e o conteúdo seja significativo.

A aprendizagem significativa é dividida em três conceitos, sendo eles: Representacional, de Conceito e Proposicional. A aprendizagem representacional é uma associação simbólica básica, que atribuiu significados sonoros e vocais aos

símbolos. A aprendizagem de conceitos é a ampliação da representacional, acrescentando significado as palavras, aumentando seu repertório. A aprendizagem proposicional é, por meio das preposições, dar significado a novas ideias.

Ausubel assinala três tipos de aprendizagens, que podem acontecer de forma significativa:

Aprendizagem de Representações

É quando o aluno adquire o vocabulário. Primeiro aprende palavras que representam objetos reais que têm significado para ele. No entanto ainda não os identifica como categorias. Por exemplo, a criança aprende a palavra "mamãe", mas esta só tem significado para se aplicar a sua própria mãe.

Aprendizagem de Conceitos

O aluno, a partir de experiências concretas, compreende que a palavra "mamãe" pode se usar também por outras pessoas se referindo a suas próprias mães. O mesmo ocorre com "papai", "irmã", "cachorro", etc. Também pode se dar quando, na idade escolar, os alunos se submetem a contextos de aprendizagem por recepção ou por descoberta e compreendem conceitos abstratos tais como "governo", "país", "democracia", "mamífero", etc.

Aprendizagem de Proposições

Quando o aluno conhece o significado dos conceitos, podendo formar frases que contenham dois ou mais conceitos nos quais se afirme ou se negue algo. Assim um conceito novo é assimilado ao integrá-lo em sua estrutura cognitiva com os conhecimentos prévios. Referida assimilação pode ocorrer mediante um dos seguintes processos:

Fonte: MOREIRA, 2006

Referida assimilação da Aprendizagem de Proposições pode ocorrer mediante um dos seguintes processos:

Diferenciação Progressiva

Quando o conceito novo se subordina a conceitos mais inclusivos que o aluno já conhecia. Por exemplo, o aluno conhece o conceito de triângulo e ao conhecer sua classificação pode afirmar: "Os triângulos podem ser isósceles, equiláteros ou escalenos".

Reconciliação Integradora

Quando o conceito novo é de maior grau de inclusão que os conceitos que o aluno já conhecia. Por exemplo, o aluno conhece os cães, os gatos, as baleias, os coelhos e ao conhecer o conceito de "mamífero" pode afirmar: "Os cães, os gatos, as baleias e os coelhos são mamíferos".

Combinação

Quando o conceito novo tem a mesma hierarquia que os conhecidos. Por exemplo, o aluno conhece os conceitos de losango e quadrado e é capaz de identificar que: "O losango tem quatro lados, como o quadrado".

Fonte: MOREIRA, 2006

Quando um adulto assimilou um conteúdo, às vezes esquece que isto é um processo que, para o aluno, representa um esforço de acomodação de sua estrutura cognitiva. Lembrando a dificuldade que representa para uma criança de menos de seis anos compreenderem a relação entre: São Paulo, Rio de Janeiro, Brasil, América Latina, etc. Precisarão reconciliá-los mediante os tipos de assimilação acima apresentados e o entendimento dos conceitos: município, estado, país, continente.

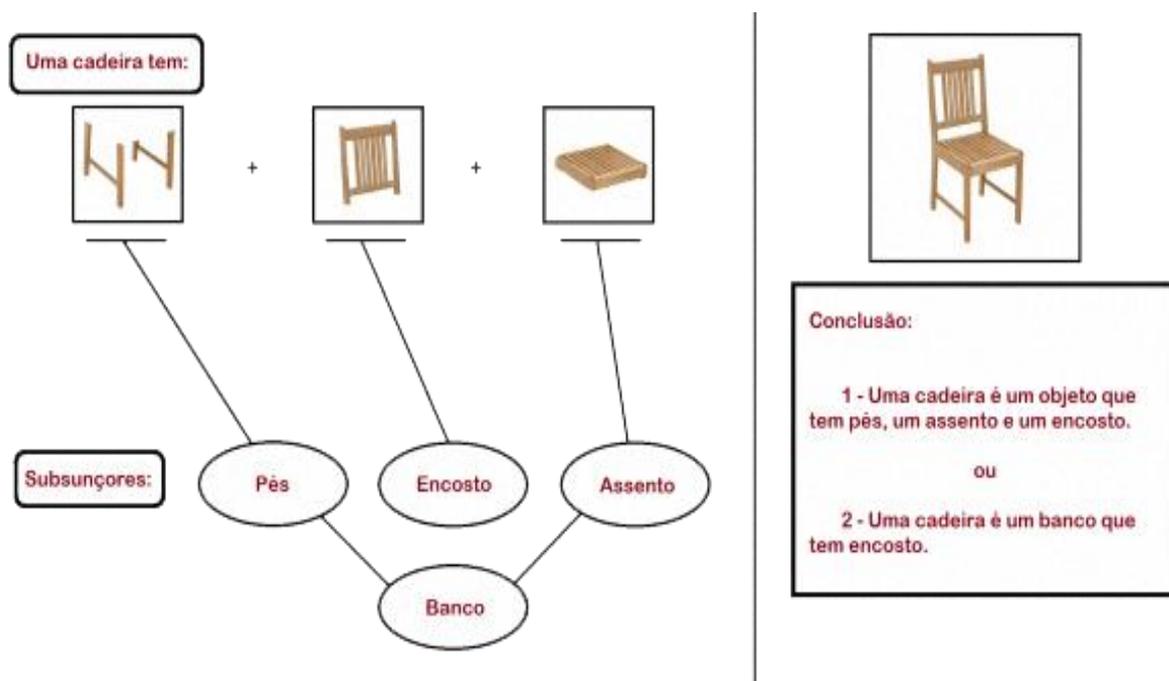
A aprendizagem de proposições é o que podemos apoiar mediante o uso adequado de mapas conceituais, já que estes nos permitem visualizar os processos de assimilação de nossos alunos com respeito aos conteúdos que pretendemos que aprendam. Assim, seremos capazes de identificar oportunamente, e intervir para corrigir, possíveis erros ou omissões.

2.4 SUBSUNÇORES E FORMAÇÃO DE CONCEITO

As subsunções são a base para ampliar os conhecimentos prévios. Eles acontecem a partir do conhecimento já existente e são internalizadas de acordo com sua relevância, subsunções são a base para a formação de conceitos. Para Ausubel, o esquecimento faz parte da aprendizagem significativa, para que a nova aprendizagem seja assimilada.

“Em termos simples, subsunção é o nome que se dá a um conhecimento específico, existente na estrutura de conhecimentos do indivíduo, que permite dar significado a um novo conhecimento que lhe é apresentado ou por ele descoberto. “Tanto por recepção como por descobrimento, a atribuição de significados a novos conhecimentos depende da existência de conhecimentos prévios especificamente relevantes e da interação com eles”, (MOREIRA, 1999)

Exemplo de formação de subsunções:



Fonte: Moreira, 2010

Ausubel considera como fator fundamental para a aprendizagem de um novo conhecimento, a estrutura cognitiva que possui o indivíduo. Por estrutura cognitiva entende-se o conjunto de idéias, imagens, proposições, conceitos e experiências

que, previamente possui o sujeito e, que são relevantes para ele, além de sua organização hierárquica, desde o mais geral até o mais particular (MOREIRA, 1996).

A essas ideias, conceitos, experiências, etc., presentes na estrutura cognitiva do aluno, Ausubel denomina “Subsunçores”, que são os responsáveis de servir de ponte cognitiva para que uma nova informação (conhecimento) possa ser assimilada pelo sujeito e incorporada a sua estrutura cognitiva.

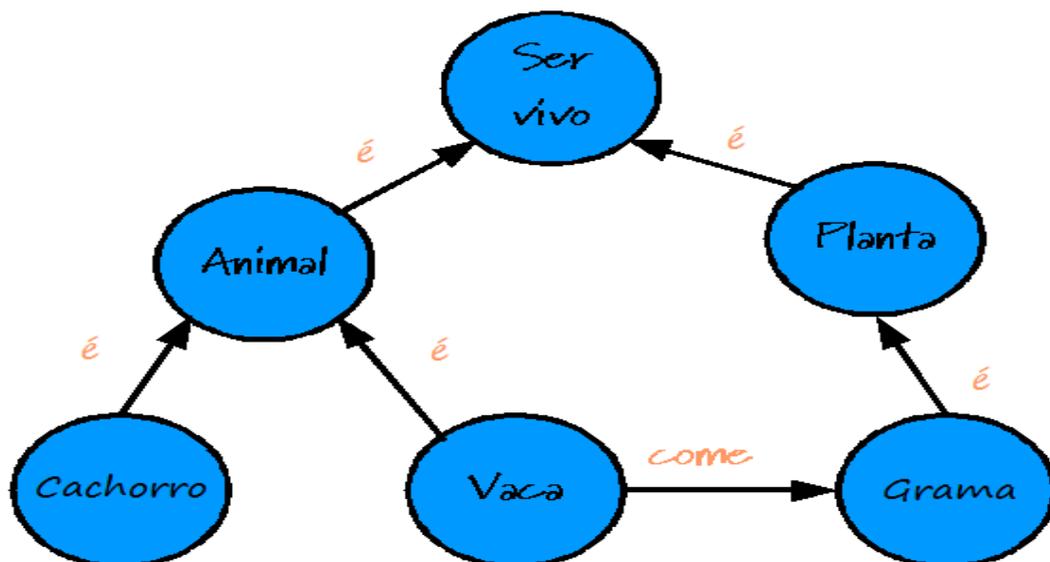
"Se tivesse que reduzir toda a psicologia educativa a um único princípio, seu enunciado seria este: 'O fator mais importante que influi na aprendizagem é o que o aluno já sabe. Averigüe-se isto e se ensine conseqüentemente'". (AUSUBEL, 1980 apud MOREIRA, 1996).

Esta importante frase corrobora as ideias expressadas nos anteriores parágrafos, onde se destaca a grande importância de explorar os conceitos e concepções relevantes que previamente o aluno possui em sua estrutura cognitiva e os tomar como referente para aprender os novos conteúdos, por isso nela está a grande síntese da teoria de Ausubel.

Uma aprendizagem se torna significativa quando uma nova informação interage e se conecta de forma substantiva e não arbitrária com um conceito relevante ("subsunçor") preexistente na estrutura cognitiva do sujeito. Isto implica que, as novas ideias, conceitos e proposições “podem ser aprendidos significativamente na medida em que outras ideias, conceitos ou proposições, relevantes estejam adequadamente claras e disponíveis nas estruturas cognitivas do indivíduo, e que funcionem como um ponto de "ancoradouro" as primeiras”. (AUSUBEL, 1980 apud MOREIRA, 1996).

Quando se fala da relação substantiva e não arbitrária, se deve entender que referidas ideias se relacionam com algum aspecto existente especificamente relevante da estrutura cognitiva do aluno. Como uma imagem, um símbolo, um conceito ou uma proposição, os quais são já significativos para ele e, ademais tais ideias (conhecimentos) não se assimilam textualmente, nem ao pé da letra, mas são reelaboradas e interpretadas.

Representação da utilização do organizador prévio como ponte para novos conhecimentos:



Fonte: Moreira, 2010

É importante destacar que os subsunçores que possui um indivíduo em sua estrutura cognitiva, ainda que estejam claros, podem também ser instáveis, eles estão em permanente evolução e, à medida que interagem com novas informações é possível afiançá-los, tornando-os mais inclusivos e modificá-los. Como exemplo do emprego de subsunçores, apresenta-se um caso de aplicação para o ensino da física. Se os conceitos de movimento, aceleração e velocidade estão presentes na estrutura cognitiva de um indivíduo, estes servirão de ancoragem para a aprendizagem do movimento uniforme retilíneo “MUR” e do movimento uniformemente acelerado “MUA”.

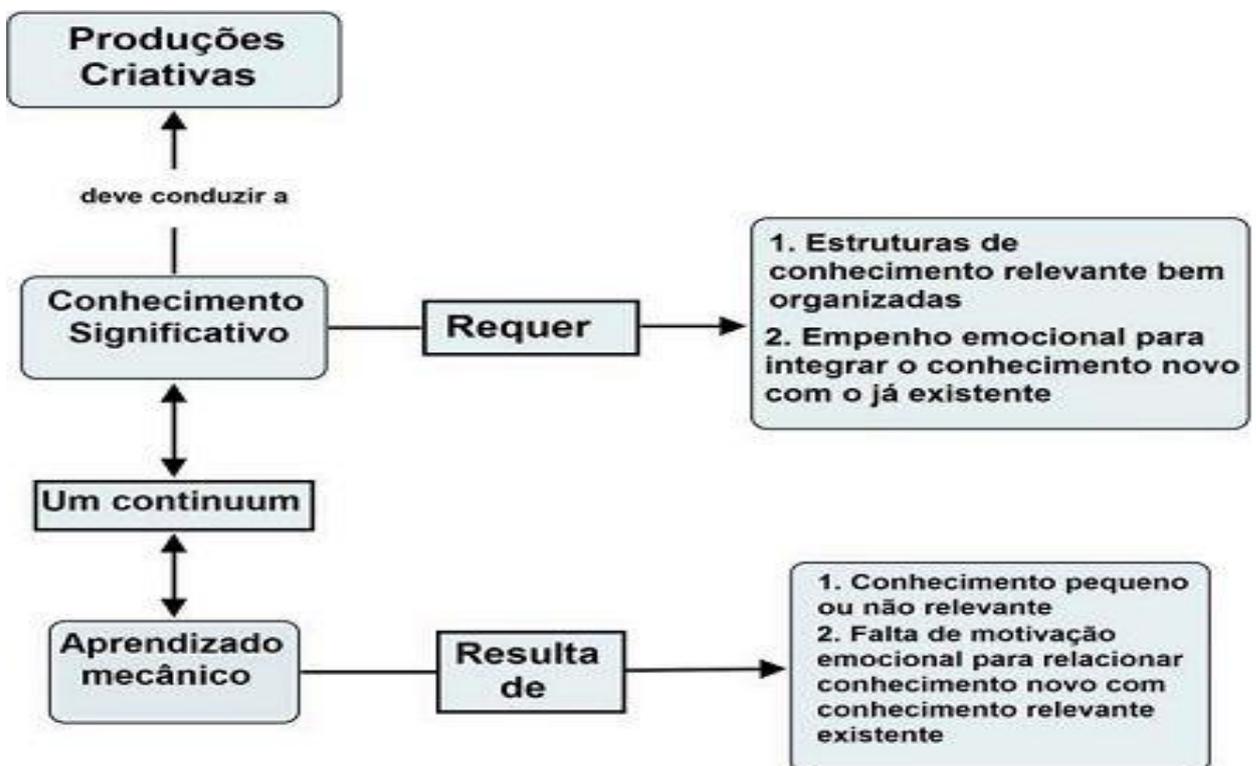
Segundo propõe Ausubel (apud MOREIRA, 1996), existem duas condições necessárias e indispensáveis para que seja possível ocorrer uma aprendizagem significativa durante todo processo de ensino e aprendizagem que se realize dentro do ambiente escolar. Uma delas é o conteúdo trabalhado em sala, que deve levar o aluno a problematizar as situações, a outra é a vontade de o aluno aprender e fazer relações desses conteúdos de forma real.

2.5 OS MAPAS CONCEITUAIS NA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

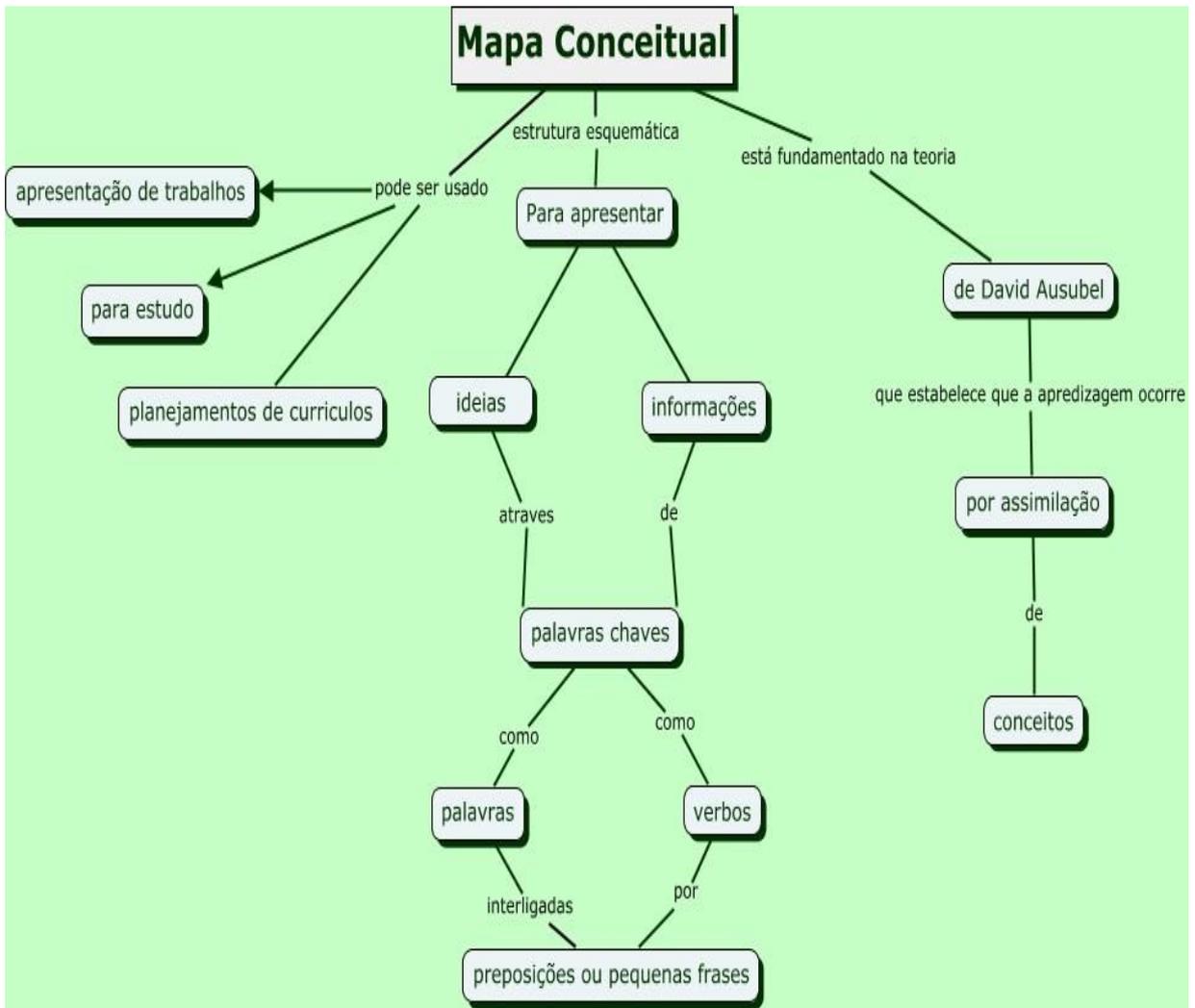
Os Mapas Conceituais são diagramas nos quais indicamos relações entre os conceitos ou palavras para reforçar a aprendizagem significativa. Não podemos confundi-los com organogramas, que não há temporalidade, sequência e direcionamento ou até mesmo com mapas mentais, pois são livres e não há relação entre conceito.

“Mapas conceituais são diagramas de significados, de relações significativas; de hierarquias conceituais, se for o caso. Isso também os diferencia das redes semânticas que não necessariamente se organizam por níveis hierárquicos e não obrigatoriamente incluem apenas conceitos. Mapas conceituais também não devem ser confundidos com mapas mentais que são livres, associacionistas, não se ocupam de relações entre conceitos, incluem coisas que não são conceitos e não estão organizados hierarquicamente”. (MOREIRA, 2006)

Esses mapas conceituais auxiliam a alinhar e organizar os conceitos aprendidos significativamente em aula. Podemos observar a estrutura de um mapa conceitual abaixo:



Fonte: Canas; Novak, 2005.



Fonte: Moreira, 2010

No processo da aprendizagem é frequente que os alunos memorizem mecanicamente os conceitos sem os relacionar com as ideias que eles já compreendem. Ausubel distingue a aprendizagem por repetição do que ele denominou aprendizagem significativa, este último se produz quando o que aprende relaciona os novos conhecimentos, de maneira organizada e substancial com o que já sabe. Não obstante, a pessoa deve estar motivada com a integração a seus conhecimentos da informação que recebe, de maneira que o que aprende seja significativo para ela e desta forma esteja disposta a estabelecer essa relação substancial na esfera cognoscitiva (ALBINO; LIMA, 2008).

Este método é utilizado como uma linguagem para a descrição e comunicação de conceitos dentro da teoria de assimilação, teoria da aprendizagem baseada num modelo construtivista dos processos cognitivos humanos, que descreve como o estudante adquire conceitos e se organiza em sua estrutura cognitiva. Assinala-se que o mapa conceitual é a principal ferramenta metodológica desta teoria e que foi usado por pessoas dos mais variados níveis (ARAUJO; MENEZES; CURY, 2002).

Os mapas conceituais contêm tres elementos fundamentais: conceito, proposição e palavras de enlace. Os conceitos são palavras ou signos com os quais se expressam regularidades; as proposições são dois ou mais termos conceituais unidos por palavras de enlace para formar uma unidade semântica; e as palavras de enlace, portanto, servem para relacionar os conceitos (SOUZA; BORUCHOVITCH, 2010).

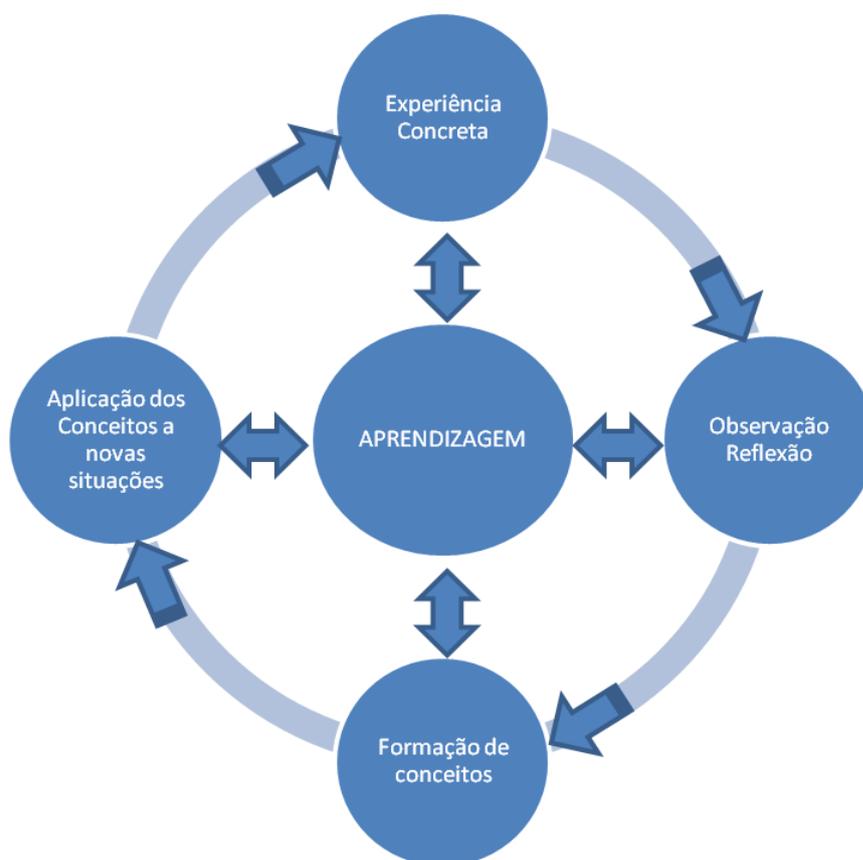
Caracterizam-se pela hierarquização dos conceitos, já que os conceitos mais inclusivos ocupam os lugares superiores da estrutura gráfica, pela seleção dos termos que vão ser centro de atenção e pelo impacto visual, já que permitem observar as relações entre as ideias principais de um modo singelo e rápido. É uma maneira de representar graficamente as ideias ou conceitos. É importante considerar as seguintes qualidades:

Seletividade: Antes de construir o mapa conceitual deve se selecionar os conceitos mais importantes. Os conceitos aparecem só uma vez;

Hierarquia: Os conceitos ordenam-se de maior a menor de acordo à importância ou critério de inclusão. Os de maior hierarquia, localizam-se na parte superior.

Impacto visual: Deve ser claro, simples, atrativo e singelo, com uma adequada distribuição dos conceitos que gere entendimento das idéias que se querem organizar. (MOREIRA, 2006)

Exemplo de formação de conceitos:



Fonte: Oliveira, 2013

Dadas essas condições, esta estratégia didática pode ser um instrumento eficaz para o desenvolvimento do pensamento científico nos estudantes, porque neles se enfatizam as características essenciais deste tipo de pensamento, o caráter hierárquico, o caráter integrador e a multiplicidade de descrições. Existem também ferramentas informáticas que permitem potencializar a aprendizagem visual do estudante, de maneira que o pensamento se torna mais ativo que passivo para chegar à construção de um novo conhecimento e tendo os meios para o fazer facilita sua realização.

Sua representação é através de gráficos, nós e linhas, onde o nó representa o conceito e as linhas as palavras de enlace para formar as proposições. Os símbolos para representar os conceitos que desejamos explicitar podem ter diversas formas, o gráfico estará em dependência da idéia que se quer descrever, inclusive

podem se utilizar figuras, fotos ou outros elementos que a representem com maior nitidez.

Ausubel acreditava que a aprendizagem significativa acontecia quando a criança conseguia construir esses mapas mentais, interligados as matérias, ou seja, interdisciplinarmente. Valério (1999) explica que “Esse processo de associação de informações inter-relacionadas denomina-se Aprendizagem Significativa”.

O mapa conceitual, baseado na teoria de aprendizagem de Ausubel e constitui uma ferramenta muito utilizada em muitos locais no processo de ensino-aprendizagem. Através da qual se pode organizar e expressar as ideias, compreender e clarificar conceitos, aprofundar, processar, organizar modelos e priorizar a informação. Bem como estabelecer proposições que permitam desenvolver um algoritmo para a localização de informação na Internet.

A teoria de aprendizagem significativa de Ausubel talvez seja a mais completa quando pensamos no desenvolvimento integral da criança. Ela unifica de maneira total todas as outras teorias de aprendizagem da linha construtivista, para se chegar a uma aprendizagem mais eficaz para a criança. Constitui também um método eficaz para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e dedutivas, de maneira que pode ser empregado para a identificação e abordagem de problemas reais e desta maneira chegar a conclusões e soluções criativas e autônomas.

CAPITULO III. A SISTEMATIZAÇÃO DA APRENDIZAGEM E A FUNÇÃO SOCIAL DE APRENDER

A autonomia é uma das questões mais debatidas hoje no âmbito escolar. O desenvolvimento da autonomia como princípio educativo considera a atuação do aluno, valoriza suas experiências prévias, buscando essencialmente a passagem progressiva de situações em que o aluno é dirigido por outras pessoas, a situações dirigidas pelo próprio aluno, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998). Portanto, todas as vivências escolares da criança devem favorecer a construção da sua autonomia.

“Autonomia é a habilidade para dirigir a própria vida, para definir metas, comunicar e interagir, sentimentos de competência e habilidade para regular as próprias ações, decisões e atitudes”. (NOOM apud CASTRO, 2011)

Sendo assim, autonomia é a capacidade de autoguiar, de gerir as próprias ações e atitudes. O ser autônomo é o ser que pensa, que age, que faz, que entende o mundo a sua volta e interage com ele em uma relação de troca, onde a finalidade é a evolução individual e coletiva. Para que o sujeito tenha autonomia ele precisa pensar e se fazer autônomo.

Podemos comparar a autonomia ao mito “Alegoria da Caverna” de Platão, onde ele faz uma analogia do conhecimento ou da falta dele, com que tipo de cidadão a escola quer formar. Nesse sentido, a busca pelo conhecimento, no caso a saída da caverna, leva o cidadão a se questionar sobre o mundo a sua volta, no começo a dúvida se a luz (conhecimento) é melhor que a escuridão (ignorância), mas no fim é o conhecimento que transforma o indivíduo em uma pessoa autônoma.

“Platão, ao propor um novo modelo educativo na República, objetiva tirar pessoas da caverna da ignorância. Procura fazê-las ascender o verdadeiro conhecimento, para que não vivam na escuridão, não vivam sob a falsa impressão do saber, por entender que as aparências dos objetos, ou seja, a cópia da cópia dos mesmos, não passam de imitação do verdadeiro conhecimento” (RODRIGUES, 2007).

De acordo com os PCNs (1998), para se construir essa autonomia é de fundamental importância que se leve em conta toda a bagagem que o aluno trás de

sua vida. Com isso, podemos afirmar que a teoria de Ausubel também pensava em uma aprendizagem que levasse a criança a autonomia, tanto no contexto educacional, quanto no social. Sendo assim, uma aprendizagem significativa leva de fato a autonomia do indivíduo.

“A autonomia do aluno em relação à construção do conhecimento (que se traduz, por exemplo, por saber o que quer saber, como fazer para buscar informações, como desenvolver um dado conhecimento, como manter uma postura crítica, comparando diferentes visões e reservando para si o direito de conclusão) depende fundamentalmente do desenvolvimento da autonomia moral e emocional, que envolvem autorrespeito, respeito mútuo, segurança e sensibilidade”. (PCNs, 1998)

Há muito tempo o ser humano vem buscando autonomia. O homem de Neandertal já produzia técnicas que lhe possibilitavam viver de forma onde pudessem saciar as suas necessidades, buscando assim sua autonomia. Porém, com a evolução do mundo, e as mudanças causadas por isso, ele não se adaptou e acabou sendo extinto.

Através dos tempos, e de acordo com cada momento histórico, o homem precisa desenvolver aprendizagens que o possibilite ter autonomia em sua vida, caso contrário à evolução não acontece. Sendo assim, se observarmos a história, perceberemos que quase todas as guerras foram travadas pela luta por liberdade e autonomia de povos, ou de nações. Haja vista que essa liberdade é que trará ao homem a verdadeira percepção de si e do mundo a sua volta, e uma melhoria na qualidade de vida.

Todas as vezes que o mundo passa por grandes transformações, o ser humano também é obrigado a se transformar para acompanhar essas mudanças. No âmbito dessas modificações a educação está sempre no centro das discussões, pois é através dela que o indivíduo aprende a lidar com novas transformações que o mundo exige. Por isso, o ensino aprendizagem jamais pode ser algo neutro, mas também não podem ser condicionadas as necessidades de um modelo pré-formado de sociedade.

Pensar uma aprendizagem significativa que leve a autonomia, em um mundo que está em constantes mudanças, principalmente nos últimos cem anos, não é tarefa fácil para o educador. Muitas teorias, metodologias, tendências foram

descobertas e testadas a exaustão para entender como a aprendizagem acontece no indivíduo, e muitas tiveram êxito em algum momento da história. Entretanto, hoje, apesar de ser o momento onde dispomos de maior repertório para ensinar, talvez seja o momento em que mais se tornou difícil aprender.

“Ao entendermos o ser humano como pessoa com singularidade, unicidade, irrepitibilidade, dignidade e direitos próprios, a autonomia, procura estabelecer uma relação de construção da individualidade, promovendo uma cumplicidade recíproca que propicia o crescimento conjunto, fundamentada nas necessidades individuais, interesses e desejos que garantam a participação social. Nesse sentido, reciprocidade e autonomia, enquanto vínculo social deve basear-se numa construção intersubjetiva e pedagógica permanente que garanta a totalidade e integridade do ser humano”. (CASTRO, 2011)

Todos os processos educacionais, sociais, culturais e psicológicos que vivenciamos é o que nos dará subsídios para construir a nossa autonomia. Enquanto crianças, somos seres heterônomos, pois somos totalmente dependentes dos outros, somos regidos pela vontade alheia mesmo tendo conhecimento do caráter real dos acontecimentos a nossa volta. Nos dias atuais, muitas vezes a criança continua sendo desconsiderada na tomada de decisões, pois na visão social a criança não pensa.

Muitos estudiosos fizeram definições para o que seria de fato autonomia, e de como o indivíduo podia se apropriar dela. Mas em pleno século XXI o que vemos são pessoas alienadas e que vivem suas vidas automaticamente sem nem mesmo se dar conta dos problemas a sua volta. Dessa forma, devemos nos questionar que tipo de educação queremos para nossas crianças, a que aliena e aprisiona, ou a que faz pensar e liberta?

Hoje somos fruto de uma sociedade que se diz heterogênea, mas se faz homogênea em todas as suas concepções. Vivemos praticamente no automático, trabalhamos em empregos que não gostamos, para consumir coisas que nem mesmo precisamos. E tudo isso sem nos questionar em momento algum qual o significado disso em nossas vidas.

E por não ter aprendido a importância de criar significados para o mundo a nossa volta, perdemos a autonomia de ser. Para nós, cada vez mais, o ter é o que importa, ter o celular de última geração, que nem sequer conhecemos todas as

funções, ter aquela roupa que a propaganda da TV nos vendeu como descolada, curtir aquele programa que todos irão no fim de semana, vivemos a cultura massificada. Essa cultura cada vez mais nos torna a cópia de alguém, nos leva a alienação.

“Tudo é preparado como se houvesse somente mecânicos nesse mundo. Não há lugar para o desenvolvimento da capacidade de perguntar - o fator mais importante no desenvolvimento da inteligência e da ciência. O aluno aprende que existe sempre uma resposta certa entre as alternativas apresentadas, e que precisa apenas dar a solução para determinada questão preparada por outro”. (ALVES, 2000)

Tudo é feito de uma maneira que o ser humano não precise pensar. Como se o homem não necessitasse questionar, e buscar respostas para suas inquietações. Para desenvolver sua autonomia, o ser humano precisa ser inquieto, ser petulante, precisa não se contentar com uma resposta que não o satisfaz e buscar os porquês.

Dessa forma, ele terá consciência que a única maneira dele quebrar o círculo vicioso de desigualdades, se questionando e se fazendo autônomo é na escola. Pois ele terá uma oportunidade de aprender o que realmente é importante para se tornar um cidadão e membro atuante da sociedade, a obter suas realizações pessoais e profissionais e sonhar com um futuro mais digno. Pois a escola está para ensinar o aluno a ser autônomo, e a viver com liberdade.

“A escola, com toda sua autoridade consegue transformar seus “subordinados” (alunos) em sujeitos passivos. Ela consegue impor suas ideias sem contestações, ensinando às crianças desde o princípio a absorver e repetir suas lições, tão bem que se tornam incapazes de pensar coisas diferentes. Tornam-se ecos das receitas ensinadas e aprendidas. Tornam-se incapazes de dizer o diferente”. (ALVES, 2000).

A escola é o espaço maior de formação do ser humano, é lá que as crianças aprendem os conteúdos escolares, a socializar, a interagir e a se construir como pessoa. O que a escola faz, segundo Nietzsche, “é um treinamento brutal, com o propósito de preparar vastos números de jovens, no menor espaço de tempo possível, para se tornarem usáveis e abusáveis, a serviço do governo”, (ALVES, 2000). Podemos assim afirmar que a escola não prioriza a aprendizagem real do aluno, mas sim, uma aprendizagem subordinada aos interesses de manter o “status quo” dessa sociedade.

Na visão Freiriana essa descontextualização da aprendizagem é a grande responsável pelo o que ele chama de Pedagogia do Oprimido (2010). Nome dado também àquela que foi a sua obra prima, não somente no âmbito da educação, mas principalmente em levantar questões políticas e sociais, mostrando o abismo social vivido pelos oprimidos. Em um país onde os únicos que possuem oportunidades e autonomia de escolhas são aqueles pertencentes às classes dominantes.

Falar em autonomia sem mencionar Paulo Freire, é a mesma coisa que falar de aprendizagem significativa sem mencionar Ausubel. Mas de todas as formas, essas duas questões estão diretamente ligadas no contexto escolar. A aprendizagem significativa só acontece quando a criança tem autonomia para aprender, e a autonomia só é possível quando há uma aprendizagem significativa.

Nós, como educadores, vemos esses processos de despersonalização e mecanização da aprendizagem todos os dias. São muitos os profissionais que insistem em manter um ensino tradicional, onde os alunos são considerados como objetos e não como sujeitos na questão da aprendizagem. Sendo assim, os alunos se sentem incapazes de aprender e totalmente desmotivados, aumentando assim a evasão escolar, e aumentando consideravelmente o número de analfabetos funcionais.

Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2002, acerca da quantidade de analfabetos funcionais no nosso país, temos 32,1 milhões de analfabetos funcionais, ou seja, a escola não está nem de longe cumprindo seu papel, que é o de ensinar seus alunos a partir de propostas reais de aprendizagem, e evitar a evasão escolar, por isso, temos um índice tão alarmante. Pois a escola não é capaz de formar cidadãos preparados para tomar decisões e desenvolver seu potencial dentro da sociedade.

“As escolas são obviamente, planejadas para evitar que as crianças aprendam o que realmente as interessa, assim como servem para ensinar-lhes o que devem saber. Daí resulta que a maioria delas aprende a ler, mas não aprecia a leitura, aprende seus algarismos e detesta a matemática, se tranca nas salas de aula e aprende o que bem entende nos saguões, pátios e lavatórios”. (REIMER, 1979).

Esse tipo de aprendizagem limita a criatividade e a criticidade das crianças, tornando-os meros reprodutores de conteúdos escolares, sem nem mesmo saber o que significam. Por isso, o que mais ouvimos das nossas crianças é, mas para que esse aprendizado me servirá na vida, para que aprender a história do que aconteceu antes de eu nascer, se vivo em outra época. O termo é aprender por aprender. Sendo assim, a aprendizagem perde sua função social, perde seu significado.

Podemos refletir sobre a quantidade absurda de brasileiros que nem mesmo conseguiram chegar à escola, e tiveram sua aprendizagem limitada ao senso comum, sem acesso aos meios de informação e esquecidos pelo poder público. “Desumanização, que não se verifica apenas nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do ser mais” (FREIRE, 2010). Dessa forma ele critica não somente a desumanização que o não aprender gera, mas principalmente a formação de um ser humano animalizado.

É extremamente grave que a escola não perceba o seu papel na formação da autonomia e construção da identidade de seu aluno. Mas, ainda mais sério, é o educador achar que não é de sua competência formar essa criança na sua integridade, moralidade e ética social. Vivemos em uma sociedade globalizada, então a criança que você ignorou hoje em sala de aula, pode ser aquela que te roubará em algum farol amanhã.

Por isso, ouvimos a todo o momento que o Professor é formador de opinião, ele é exemplo, ele tem função social. Muitas vezes parece até clichê, tirado de algum livro de alguém que nem mesmo é educador, e este jamais esteve em sala de aula vivenciando os problemas enfrentados pelos educadores. No entanto, se o educador tiver consciência dessas funções na hora de ensinar seus alunos, com certeza formará cidadãos mais autônomos.

Cabe, porém observar, que o papel do professor tem mudado muito nos últimos tempos. Hoje, além de ensinar, o professor também tem a responsabilidade de educar as crianças, não que isso seja uma regra posta pela escola, mas houve uma mudança imposta pela sociedade, que delegou essa função a escola. Dessa

forma, o trabalho do professor perde a credibilidade, e ele se sente desmotivado e muitas vezes até confuso de qual realmente é sua função em sala de aula.

Com essa interpretação errônea da função do educador em sala de aula, perdemos muito na questão da aprendizagem do aluno. Perde-se muito tempo com indisciplina, onde a aprendizagem deveria estar ocorrendo, nesse momento, não somente o professor se desvincula da sua real função, como também a aprendizagem não acontece. E quando a aprendizagem não ocorre, compromete diretamente a autonomia do educando.

Dessa forma, nós educadores devemos ver o ato de ensinar como uma tomada de consciência, e o ato de aprender como uma forma de libertação. Ter essa visão do processo ensino aprendizagem pelas duas partes torna-o mais dinâmico, respeitando assim, as diversidades e o tempo do aluno. E proporcionando, além de autonomia nos processos educacionais, uma aprendizagem realmente significativa.

“Para que ocorra a aprendizagem significativa é necessário um relacionamento entre o conteúdo a ser aprendido e aquilo que o aluno já sabe, especificamente com algum aspecto essencial da sua estrutura cognitiva. Esse tipo de aprendizagem exige um esforço de raciocínio do aluno para além da memorização e da mudança de comportamento ao nível de categoria de conhecimento. Acredita-se ser um tipo de aprendizagem para a construção e o desenvolvimento da autonomia do aluno enquanto sujeito do processo”. (RONCA, 1980)

A tomada de consciência se faz necessário no processo ensino aprendizagem. Tanto do professor que ensina, questionando-se que tipo de pessoa ele quer formar, como também do aluno, em tomar para si a responsabilidade de construir seu próprio conhecimento. Na teoria de Ausubel, o aluno só aprenderá significativamente se assim o quiser.

Também não podemos ser ingênuos de achar que só por acreditarmos que a aprendizagem deve ser significativa e levar a autonomia isso acontecerá como um passe de mágica. Isso é fruto de muito trabalho e empenho não somente do educador, mas do aluno, dos profissionais, e de toda a comunidade que está envolvida naquele contexto escolar. Muitas serão as dificuldades a enfrentar, e muitas serão as decepções que enfrentaremos, mas isso, não podem ser impedimentos nem desculpas para o trabalho não ir à diante.

O aluno só irá tornar-se autônomo a partir do momento em que ele tiver uma aprendizagem significativa. Aprendizagem essa, que só será significativa se fizer sentido para o aluno. Com isso, aprendizagem significativa e autonomia são dois processos que devem caminhar juntos.

Para que o aluno aprenda significativamente, é necessário que o professor leve em conta os conhecimentos que esse aluno já possui. Para que ele aprenda é necessário ligar seus conhecimentos prévios com os conhecimentos novos e assim relacionar ambos os conhecimentos de forma significativa. Dessa forma, ensinar consiste em tornar o aprendizado estimulante e interessante para o aluno.

O professor deve oferecer aos educandos tudo o que estiver ao seu alcance para que eles se tornem autônomos. Para que haja autonomia, o indivíduo precisa pensar autônomo e se fazer autônomo. Sendo assim, o professor deve despertar nos educandos, durante várias experiências, o ser autônomo.

“Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos vinte e cinco anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser.” (FREIRE, 2006)

Sendo assim, o sujeito se faz autônomo, se assim o quiser ser. Cabe ao professor mediar, intervir, durante todo o processo de aprendizagem, para que o indivíduo passe de sujeito a sujeito autônomo, que busca e que faz diferença, que sabe argumentar e defender os interesses da comunidade.

Para que o educando se interesse pela sua própria autonomia, faz-se necessário que busque e que veja a aprendizagem como algo desafiador. Que perceba a importância do aprender na sua vida. Caso contrário, terá uma aprendizagem temporária que em nada contribuirá na sua construção como pessoa.

Quando o educando se torna autônomo, ele deixa de ser alheio, e passa a ser questionador, de maneira que uma resposta simples não o satisfaz. Ele quer sempre saber mais, quer respostas mais elaboradas, muitas vezes discordando, e solucionando problemas. Com isso, ele relaciona o que ler o que ver e o que ouve, ele traz questionamentos e debate com colegas e com educadores, contribuindo para a melhoria da sociedade. Melo (2012)

Portanto, quando se fala em professor mediador faz-se necessário tomar alguns cuidados, para não deixar os alunos a mercê da própria sorte, e nem os impedir de tomarem decisões.

“É preciso dizer francamente que, sem o auxílio dos adultos, as crianças podem, talvez, se organizarem sozinhas, mas são incapazes de formular e de desenvolver seus interesses sociais, isto é, são incapazes de desenvolver amplamente o que está na própria base da auto-organização. Acrescentaríamos que o pedagogo não deve ser estranho à vida das crianças, não se limitando a observá-la [...] Mas, de outro lado, o pedagogo não deve se intrometer na vida das crianças, dirigindo-a completamente, esmagando-as com sua autoridade e poder”. (PISTRAK, 1981 apud PARO, 2011).

O educador precisa saber dosar sua interferência, tendo em vista sempre a aprendizagem dos educandos. Mas sem esquecer que, eles precisam de orientações e de caminhos, para tornarem-se autores de sua própria história. Ensinar e aprender são uma troca constante de conhecimentos, que leva a reflexão de ambas as partes envolvidas.

Professor e aluno são sujeitos ativos no processo de ensino aprendizagem, nenhum é objeto do outro, ambos aprendem juntos nesse processo. E esse processo exige criticidade de ambas às partes. Ou seja, buscar os porquês por trás das respostas, o ser crítico é aquele desconfiado, que quer sempre buscar e aprender mais.

Portanto, o professor deve levar os seus alunos a tornarem-se cada vez mais críticos, pois sendo críticos serão autônomos. Ao tornar-se crítico o educando deixa de ter uma visão ingênua da realidade e começa a ter uma visão epistemológica. Com um conhecimento sem fragmentos, mais bem elaborado, através de pesquisas, de constatações. Ele deixa de lado a decoreba e começa a fazer uso do diálogo. (ALMEIDA, 2014)

“A ideia de que a autonomia, a dignidade e a identidade do educando precisam ser respeitadas, caso contrário, o ensino tornar-se-á inautêntico, palavreado vazio e inoperante. E isto só é possível tendo em conta os conhecimentos adquiridos de experiência, feitos pelas crianças e adultos antes de chegarem à escola. Assim, o ser humano é o único capaz de aprender com alegria e esperança, na convicção de que outro mundo é possível. Aprender é uma descoberta criadora, com abertura ao risco e a aventura do ser, pois ensinando se aprende e aprendendo se ensina. Eis aqui, o verdadeiro sentido do termo autonomia”. (FREIRE, 1997)

Na contramão da aprendizagem significativa temos a aprendizagem mecânica, que leva o aluno a aprender por aprender. Nesse tipo de ensino, os conhecimentos prévios do aluno não são levados em conta, e ele não precisa fazer uso do que vai aprender. Sendo uma aprendizagem que faz o próprio aluno se desinteressar de aprender, visto que não faz nenhum sentido para ele.

O aluno aprende tudo da maneira como foi ensinado, sem a preocupação de saber o que há por trás daquele conhecimento, ou porque ele deve aprender. Pouco interessa se o educando já possui algum conhecimento anterior do assunto ou não. O educando não questiona, e não busca saber mais do que está sendo ensinado.

Nesse tipo de aprendizagem não há a incorporação do conhecimento novo com o conhecimento que o aluno já possui, o aluno é considerado uma tabula rasa. Que não pensa, não questiona, não busca porquês. Portanto, contenta-se com o que lhe é transmitido sem fazer questionamentos.

3.1 A AUTONOMIA NA APRENDIZAGEM SOB A VISÃO DAS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS

Nesse contexto histórico podemos observar a evolução das tendências pedagógicas na questão da aprendizagem e da autonomia. As tendências são uma forma de nortear o trabalho pedagógico da escola, de forma a identificar que tipo de aprendizagem ocorre. Sendo assim, entendê-las é uma forma de saber que tipo de pessoa se quer formar no ambiente escolar.

As tendências pedagógicas sistematizaram o ensino, decidiram o que ensinar e para quem ensinar. De acordo com as necessidades surgidas elas determinavam um modelo de ensino a ser seguido. Portanto, existem questões importantes que devemos observar, como adoramos seguir modelos sem questionar, muitas vezes elas limitaram o trabalho do educador a formar pessoas que não pensam.

“As tendências pedagógicas são de extrema relevância para a Educação, principalmente as mais recentes, pois contribuem para a condução de um trabalho docente mais consciente, baseado nas demandas atuais da clientela em questão. O conhecimento dessas tendências e perspectivas de ensino por parte dos professores é fundamental para a realização de uma prática docente realmente significativa, que tenha algum sentido para o aluno, pois tais tendências objetivam nortear o trabalho do educador, ajudando-o a responder a questões sobre as quais deve se estruturar todo o processo de ensino, tais como: o que ensinar? Para quem? Como? Para quê? Por quê?” (SANTOS, 2012)

Nesse contexto educacional surgiram duas vertentes pedagógicas, a pedagogia liberal e a progressista. Para isso elas foram formuladas a partir das necessidades que surgiram na sociedade, a Revolução Industrial e a chegada do capitalismo foram determinantes nesse sentido. Entretanto, em um primeiro momento elas tiveram muita influência na perda da autonomia, na forma de aprender.

Tendências Pedagógicas Liberais segundo Libâneo (1996) nada têm a ver com educação democrática, mas sim com as divisões de classes impostas pela sociedade capitalista que visa preparar o indivíduo para assumir seu papel na sociedade de acordo com suas aptidões. Mantendo uma cultura totalmente individualista, mostrando exatamente qual o lugar de cada indivíduo dentro dessa sociedade.

“O termo liberal não tem o sentido de "avançado", "democrático", "aberto", como costuma ser usado. A doutrina liberal apareceu como justificativa do sistema capitalista que, ao defender a predominância da liberdade e dos interesses individuais na sociedade, estabeleceu uma forma de organização social baseada na propriedade privada dos meios de produção, também denominada sociedade de classes. “A pedagogia liberal, portanto, é uma manifestação própria desse tipo de sociedade”. (LIBÂNEO, 1996)

Esse tipo de pensamento pedagógico desconsiderava a construção da autonomia do indivíduo. Sendo assim, as questões de ordem social, econômicas e políticas afetam diretamente a forma de ensinar. Nesse caso, os motivos do aluno aprender eram desconsiderados, e não visava à transformação da sociedade, mas sim a manutenção de seu status.

Podemos afirmar que as tendências liberais não se preocupavam com as questões de aprendizagem da criança. Muito menos que visava uma aprendizagem que a essência do aluno fosse considerada como ponto de partida para o trabalho

pedagógico, como Ausubel pensou. Dessa forma, não vemos nesse momento uma aprendizagem de fato significativa para a criança.

Segundo Libâneo (1996), a tendência liberal tradicional tinha como principal conceito preparar o aluno para assumir seu devido papel na sociedade, mas não no sentido de cidadão, mas sim aquilo que a sociedade precisa. Vê o professor como o centro do processo ensino/aprendizagem, trabalha somente a transmissão de conhecimentos pelo mesmo, o aluno não é visto como construtor de conhecimentos, não lhe proporcionando o raciocínio crítico, existe uma prática de exercícios de repetição e disciplina rígida. Nessa pedagogia tradicional tem uma falsa suposição de que todos os homens são iguais, levando a crença de que todos aprendam utilizando o mesmo método.

Sendo assim, os alunos eram considerados homogêneos, onde todos aprendiam por igual, eram considerados seres não pensantes, sem criticidade, sem raciocínio. A escola comparava-se a uma esteira de produção, onde os alunos entravam sem saber de nada e deviam sair prontos para viverem em sociedade.

Na tendência renovada progressiva segundo Libâneo (1996) os conteúdos são estabelecidos através das vivências e problemas vividos pelos alunos. Apesar de ainda dar ênfase em prepara-lo para o seu papel na sociedade, tem uma maior adequação das necessidades sociais de cada indivíduo, aprender fazendo, sendo internalizado pelo aluno assuntos que geram interesse, para sua formação da vivência diária. E por meio de experiências se chega a soluções de problemas, método baseado na estimulação e na motivação.

“A pedagogia liberal sustenta a ideia de que a escola tem por função preparar o indivíduo para o desempenho de papéis sociais, de acordo com as aptidões individuais. Para isso, os indivíduos precisam aprender a adaptar-se aos vários valores e às normas vigentes na sociedade de classes, através de desenvolvimento da cultura individual. A ênfase no aspecto cultural esconde a realidade das diferenças de classes, pois, embora difundida a ideia de igualdade de oportunidades, não leva em conta a desigualdade de condições”. (LIBÂNEO, 1996)

Dessa forma, a escola continuava a formar o aluno para o mercado de trabalho, para exercer uma função de acordo com a classe social a qual pertencia. Não era dada ao aluno a oportunidade de transpor as barreiras da sua classe social

e ingressar em outra profissão. Era uma educação totalmente voltada para manter a elite no poder e os assalariados continuar onde sempre estiveram. Não levava em conta a desigualdade de condições, onde o pobre muito cedo tinha que parar de estudar para ajudar no sustento da família.

A tendência tecnicista segundo Libâneo (1996) molda o comportamento humano através de técnicas específicas. O professor como transmissor de conhecimentos e os alunos como meros receptores, não considera a bagagem social na construção de conhecimentos, vê a língua somente como um meio de comunicação, e não como ferramenta para o aluno interpretar o mundo, visão limitada somente ao mercado de trabalho, e em manter a estrutura capitalista. Portanto, não possibilita ao aluno ter uma visão de mundo mantendo as estruturas sociais elitistas.

Ao desconsiderar a língua como instrumento de mudança, essa visão podava o desempenho dos educandos. Pois não viam nela as oportunidades de conhecerem novas culturas, de conhecerem novos meios de mudança. Não era dada aos educandos as chances de fazerem mudanças, mudanças essas de alta relevância para o tipo de sociedade em que viviam. Pois a intenção da elite era manter a sociedade exatamente como estava.

A tendência renovada não diretiva segundo Libâneo (1996) tem como dever preparar o aluno para formação de suas próprias atitudes. A busca de conhecimentos parte dos alunos baseia-se na facilitação de aprendizado, aluno como centro de seu próprio aprendizado, ensinando a mudar a percepção da realidade, tendo um foco mais psicológico, visa à mudança interior do indivíduo, tornando a avaliação tradicional sem sentido, já que o aluno por meio de seu aprendizado se autoavalia. Tornando o professor um sujeito facilitador do processo de aprendizagem.

A partir dessa tendência começa-se a aparecer algumas mudanças na educação. Pois o aluno já é visto como ser que pensa, que busca, que faz diferença. Apesar de querer ver apenas a mudança interior do indivíduo, e que os conteúdos não tinham grande relevância, este indivíduo já pode começar a buscar. E a partir do

momento que ele busca, ele pode ir cada vez mais além, pode descobrir, pode criar e recriar. E tem na figura do professor, não mais um transmissor de conhecimentos, mais sim, alguém que o apoia psicologicamente, alguém que vai ajudar o aluno a se encontrar, se aceitar. Mas ainda assim, essa tendência queria apenas moldar o homem a situação atual, queria adequá-lo à situação que vivia.

“A pedagogia não-diretiva propõe uma educação centrada no aluno, visando formar sua personalidade através da vivência de experiências significativas que lhe permitam desenvolver características inerentes a sua natureza (LIBÂNEO, 1996) ”.

A pedagogia progressista faz uma análise crítica das realidades sociais. Cujo objetivo é a compreensão da realidade pelo sujeito. Sendo o sujeito autor de sua própria história.

Tendência progressista libertadora, segundo Libâneo (1996) é uma atividade onde professores e alunos vivem uma realidade, e nela aprendem. Passando a ter consciência dessa realidade, começam a atuarem para mudar a realidade em que vivem, no sentido de transformação social. Ela questiona as relações do homem com os outros homens e com a natureza, visando sempre a transformação.

A partir dos temas geradores que são extraídos da vida dos educandos, é que se parte para a ação pedagógica. Conteúdos tradicionais não são bem-vindos, pois cada aluno tem sua própria história de vida. O foco não é transmissão de conhecimento, mas sim despertar no educando uma nova forma de relação com as experiências vividas. Caso necessite de textos para leitura, esses textos serão da própria autoria dos alunos com o auxílio do professor.

O relacionamento professor/aluno é horizontal, onde ambos atuam como colaboradores do ato de conhecer. Não existe nenhuma relação de autoridade, pois esta tornaria irrealizável o ato de conscientização. O professor não se ausenta, mas permanece presente deixando o grupo de alunos livres para se expressarem sem se neutralizarem.

É uma educação crítica que leva o aluno a pensar e a ser questionador. Onde o professor instiga o educando a buscar os porquês de tudo, de forma a transformar e buscar meios para mudar a realidade em que vive. O foco do

professor é a aprendizagem significativa, onde os conhecimentos dos alunos e suas experiências são levados em conta.

Tendência progressista libertária, segundo Libâneo (1996) espera que a escola exerça o papel de transformar a personalidade dos alunos no sentido libertário. O aluno aprende e leva para seu meio tudo o que aprendeu, disseminando assim, por todo o meio ao qual participa. Essa é uma maneira da sociedade fugir da burocracia, dos controles de impedem a autonomia dos educandos.

Os conteúdos das disciplinas estão à disposição dos alunos, mas nada é cobrado, mais importante que os conteúdos é uma aprendizagem resultante da vivência em grupo e na sociedade. Principalmente quando o educando participa criticamente, pois os conteúdos fundamentais são aqueles que advêm das experiências dos alunos. Dessa forma, os conteúdos apresentados tornam-se uma complementação para os conhecimentos já adquiridos de forma mais complexa, onde leva a uma nova visão de mundo.

Ainda se tratando da pedagogia progressista libertária, nela não há coação por parte do professor, ele é um orientador. E se mistura aos alunos sem expor necessariamente sua opinião, para colaborar e participar das atividades em grupo. Ele modifica o pensamento do grupo, para que alcancem o que é esperado.

Tendência “progressista crítico social dos conteúdos” segundo Libâneo (1996) difundir os conteúdos é papel da escola, conteúdos esses que devem ser concretos, totalmente associados à realidade social. A escola é vista como apropriação do saber, pois pode contribuir para acabar com as desigualdades sociais. E agir com ela é contribuir para a melhora da sociedade.

Quanto aos conteúdos, esses devem ser reais, que façam parte da realidade dos educandos. Podendo os mesmos ser de outras culturas, mas que sejam reais, levando estes a terem a oportunidade de conhecerem, respeitar, apreciar e valorizar outras culturas e saberes. Devem ser aprendidos e nunca reinventados. Devem estar ligados a significados humanos e sociais (LIBÂNEO, 1996).

As aulas devem partir das experiências dos alunos que vão sendo

confrontadas com o saber que já está posto. O professor vai confrontando a realidade dos alunos com os acontecimentos, fazendo uma relação entre teoria e prática. De forma que o aluno compreenda a relação da interação entre o sujeito e o meio, da realidade que ele vive, buscando ligar realidade e conteúdo.

O papel do professor é de mediar à aprendizagem, despertando no aluno a vontade e o desejo de aprender. Pois o aluno precisa de uma intervenção, que lhe faça querer ir além, a partir de suas vivências buscar novas experiências para adquirir mais conhecimento. Para tanto, cabe ao professor buscar conteúdos que se liguem diretamente com a realidade dos alunos, para que experiências e conteúdos se completem no diz respeito a apropriação do saber, incitando no aluno a curiosidade, e o desejo pela busca.

Para que o aluno aprenda, ele precisa querer. Com isso, ele acrescenta novas experiências as que ele já possui, ampliando seu campo de compreensão. O professor se empenha em despertar no aluno cada vez mais um conhecimento que o aluno não dispõe. Pois o interesse do aluno depende tanto da sua disposição para aprender, quanto do professor e do que é ensinado em sala de aula. Aprender consiste então em tornar a visão do aluno mais clara, em torná-lo crítico quanto aos fatos.

“Aprender, dentro da visão da pedagogia dos conteúdos, é desenvolver a capacidade de processar informações e lidar com os estímulos, do ambiente, organizando os dados disponíveis da experiência. Em consequência, admite-se o princípio da aprendizagem significativa que supõe, como passo inicial, verificar aquilo que o aluno já sabe. O professor precisa saber (compreender) o que os alunos dizem ou fazem, o aluno precisa compreender o que o professor procura dizer-lhes” (LIBÂNEO, 1996)

Sendo assim, as novas informações que o aluno vai receber devem fazer sentido com o que ele já sabe. Para que ele possa associar os conteúdos antigos com os novos e gerar um novo conhecimento. Para isso, faz-se necessário que o professor conheça seu aluno, e que o aluno entenda o que o professor fala, pois se um dos dois não acontecer não haverá a aprendizagem significativa.

Podemos nos questionar qual seria a melhor tendência pedagógica de ensino em sala de aula, e os meios para ultrapassar as dificuldades diárias. Quais

tipos de trabalhos poderiam utilizar, e a importância das diferentes metodologias nos processos pedagógicos. E quais os papéis característicos dos agentes desse processo que é o professor e o aluno.

Veremos o que diz o movimento da Escola Nova acerca de qual o papel da escola e do professor, frente às mudanças necessárias para que uma boa educação aconteça de verdade:

“Escola Nova surge no final do século XIX justamente para propor novos caminhos à educação, que se encontra em descompasso com o mundo no qual se acha inserida. Representa o esforço de superação da pedagogia da essência pela pedagogia da existência. Não se trata mais de submeter o homem a valores e dogmas tradicionais e eternos nem de educá-lo para a realização de sua 'essência verdadeira'. A pedagogia da existência volta-se para a problemática do indivíduo único, diferenciado, que vive e interage em um mundo dinâmico”. (ARANHA apud FERRARI, 2010)

O movimento Escolanovista trouxe um olhar totalmente novo para a forma de ensinar o aluno. O professor deixou de ser o mais importante no ambiente escolar e dando ao educando o papel de protagonista na sua aprendizagem. O aluno passou a ser entendido em cada fase do seu desenvolvimento, como também por suas vivências pessoais, que passaram a ser levadas em conta. A partir de então os alunos começaram a aprender a aprender, aprender fazendo. Suas experiências começaram a ser o ponto de partida para a aprendizagem significativa.

Deixou-se de lado a decoreba e o aluno passa a pesquisar, buscar, trabalhar em grupo. O professor não é mais o único detentor de conhecimento, alunos e professor aprendem juntos. O professor é o facilitador da aprendizagem, aquele que orienta que leva o aluno a buscar, que instiga a curiosidade, para que o aluno aprenda.

“Os alunos são levados a aprender observando, pesquisando, perguntando, trabalhando, construindo, pensando e resolvendo situações problemáticas apresentadas, quer em relação a um ambiente de coisas, de objetos e ações práticas, quer em situações de sentido social e moral, reais ou simbólicos” (LOURENÇO FILHO apud SILVA, 2012).

A partir desse movimento a escola passa a ter função social. Pois a escola precisa estar atenta a tudo o que acontece na sociedade, e ao indivíduo que dela irá participar. Cabendo a escola o papel de preparar o sujeito para que este seja ativo e participativo, adequando os conteúdos a realidade social da qual este faz parte.

É claro que a escola que queremos para nossos filhos, é aquela que leva em conta suas vivências, suas experiências. A que os leva a refletir, a pensar sobre os fatos, que os torna críticos, que os deixa expressarem sua opinião. Pode ser difícil uma escola pensada assim, mas ela é possível. E só será possível a partir do momento em que acreditarmos, não só acreditarmos, mas a partir do momento em que, como pais, professores, gestores e sujeitos da sociedade, fizermos de fato a diferença, com nossas atitudes, com nossas palavras, quando percebemos que a escola não está indo no caminho é preciso agir, buscar, correr atrás da educação que queremos, pois, somente querer não é suficiente.

Podemos dizer que a escola tem que ter uma relação com a realidade dos alunos que nela frequentam. Utilizando dessas informações para trabalhar a construção dos conhecimentos necessários para o desenvolvimento das habilidades de cada aluno individualmente. E assim torna-los sujeitos do seu próprio saber, incentivando o interesse pelos conteúdos escolares através da problematização, e a resolução dos mesmos com autonomia e competência.

CAPÍTULO IV. O PROFESSOR E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA AQUISIÇÃO DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Quando falamos em aprendizagem no âmbito escolar, o primeiro pensamento que nos vem à mente é o que os professores estão ensinando e o que de fato os alunos estão aprendendo. Entretanto, as questões relacionadas à aprendizagem tem se mostrado muito mais complexas, e vão muito além do que somente o que o professor ensina em sala de aula. Nesse contexto, deve-se pensar no personagem principal nesse processo, que no caso não é o professor e sim o aluno.

Fazer uma reflexão acerca de como as práticas pedagógicas possa favorecer a aprendizagem de forma significativa, deve fazer parte do trabalho docente. Pois, apesar de o aluno estar no centro dos debates nas questões de aprendizagem, ele será o principal favorecido ou prejudicado nesse processo, cabe ao professor fornecer os meios e ser o mediador dessa construção de conhecimentos. Portanto, o trabalho docente tem por principal objetivo a aprendizagem significativa.

Devemos considerar todas as mudanças sofridas na sociedade durante os dois últimos séculos. Todas essas transformações sofridas pela sociedade afetaram diretamente as práticas desenvolvidas pelo educador em sala de aula. Portanto, o que era importante para uma criança aprender em 1900, nos dias de hoje não faz mais nenhum sentido para elas.

Por exemplo, a Revolução Industrial marcou um período onde as escolas abriram suas portas para ensinar as pessoas, pois precisava de mão de obra para essa evolução. Porém, nesse momento não se pensava na aprendizagem, mas sim em formar pessoas padrão para desenvolver tarefas repetidas e com precisão. Nessa época o behaviorismo já estava em plena pesquisa e se acreditava em um controle do comportamento do indivíduo.

Outro momento histórico onde as práticas serviram para uma finalidade específica foi a Ditadura Militar. Nesse momento, não somente as práticas que o professor usava em sala de aula, como também o currículo era totalmente voltado para formar um cidadão que não pensava, e que seguia as regras impostas pela sociedade. Com isso, a aprendizagem ficava limitada ao que se podia aprender, e não ao que se precisava aprender.

Hoje, com todas as “facilidades” que existem para que a aprendizagem ocorra, travamos uma verdadeira batalha nas escolas para que isso realmente aconteça. Com tanta tecnologia e matérias disponíveis para ensinar, acabamos em uma questão primordial, porque as crianças não veem sentido em aprender? O que falta para conseguirmos que nossas crianças aprendam significativamente?

“Fortemente marcada pelo embate teórico-metodológico das matrizes epistemológicas do objetivismo e do subjetivismo do período pós-renascentista, a prática pedagógica adentrou o século vinte mergulhada num oceano de investigações sobre os processos de desenvolvimento e de aprendizagem”. (MARQUES, 2000).

Para Ausubel (1978), não existe um ensino onde o resultado não seja a aprendizagem significativa. Nesse contexto, as práticas pedagógicas devem levar em conta toda a bagagem de conhecimentos prévios trazidas pelo aluno, e o aluno deve ser o foco central no processo de ensino aprendizagem. Portanto, se não houve aprendizagem o ensino não foi feito de forma adequada.

O professor é o personagem histórico no contexto de aprendizagem no âmbito escolar. No entanto, o seu papel nem sempre foi o de incentivador desse processo, e sim como um mero transmissor de conhecimentos pré-produzidos, e dos alunos como receptores desse conhecimento. Nesse contexto, não se via a aprendizagem como meio de autonomia e emancipação do aluno.

“Prática intencional de ensino e aprendizagem não reduzida à questão didática ou às metodologias de estudar e de aprender, mas articulada à educação como prática social e ao conhecimento como produção histórica e social, datada e situada, numa relação dialética entre prática-teoria, conteúdo-forma e perspectivas interdisciplinares”. (FERNANDES, 1999, apud VEIGA, 2008).

Na história da pedagogia, a discussão sobre o significado do contexto de aprendizagem levou a ênfase ora a experiências que trazem maior distanciamento

da vivência cotidiana (OLIVEIRA, 2011). Sendo assim, as práticas pedagógicas devem ir além dos conteúdos escolares e trabalhar a criança como um ser que pensa e constrói seu conhecimento. Para torná-lo apto a exercer seu papel de cidadão nas relações sócias.

“As relações envolvidas em uma perspectiva de aprendizagem significativa não se restringem aos métodos de ensino ou aos processos de aprendizagem. Na sala de aula, o conhecimento não é simplesmente transmitido pelo professor e aprendido pelos alunos. Ensinar e aprender com significados requerem interação, disputa, aceitação, rejeição, caminhos diversos, percepção das diferenças, busca constante de todos os envolvidos na ação de conhecer”. (KLEINKE, 2003)

Sabemos que o papel do professor e das práticas pedagógicas é de fundamental importância para que o aluno construa seu conhecimento. Entretanto, o que temos visto no decorrer dos últimos anos é que essa prática não tem levado o aluno a uma aprendizagem significativa. Cabe a nós pensarmos em uma prática que leve de fato o aluno a ser o autor do seu próprio aprendizado.

Se pensarmos que o conhecimento é algo dialético e não linear, passamos a interpretar a aprendizagem de formas diferentes. Por exemplo, todos nós, mesmo as crianças menores temos conhecimentos específicos, ou pré-formulados sobre alguma situação já vivenciada em nossa vida, sendo assim esse conhecimento pode e deve ser usado na construção de novos significados. Dessa forma, compartilhar esses conhecimentos seria uma maneira de potencializar o aprendizado, e torná-lo mais significativo.

“Apoiando-se na lógica da diversidade, deve começar por diagnosticar as pré-concepções e interesses com que os indivíduos e os grupos de alunos/as interpretam a realidade e decidem sua prática. Ao mesmo tempo, deve oferecer o conhecimento público como ferramenta inestimável de análise para facilitar que cada aluno/a questione, compare e reconstrua suas pré-concepções vulgares, seus interesses e atitudes condicionadas, assim como as pautas de conduta, induzidas pelos marcos de seus intercâmbios e relações sociais”. (SACRISTÁN; GOMES, 1998)

Para Ausubel (1978), a função do professor é de extrema importância para o desenvolvimento do aluno. Para que o progresso ocorra de maneira positiva há caminhos a seguir que auxiliam o processo da aprendizagem significativa. O conteúdo a ser ensinado é um dos aspectos primordiais no processo de ensino e aprendizagem, outro ponto é o material que o professor irá utilizar de forma a

instigar a vontade de aprender, proporcionando-lhe um claro conhecimento na aprendizagem do aluno.

O conteúdo é de enorme relevância e influência em todo o processo, ou seja, o que o professor ensina em sala de aula para os seus alunos, é necessário que o leve a uma reflexão e autonomia de raciocínio. Partindo do princípio de sair da zona de alienação, esse conteúdo deve considerar os saberes prévios do aluno. O material que o professor apresenta faz total diferença no conhecimento, podemos utilizar os meios tecnológicos para o estudo, livros, apostilas, computadores, equipamentos eletrônicos de última geração, tudo vem ao encontro de uma aprendizagem mais concreta, que garanta ao aluno a obter o melhor conteúdo e aprimora-lo.

“Pensada para o contexto escolar, a teoria de Ausubel leva em conta a história do sujeito e ressalta o papel dos docentes na proposição de situações que favoreçam a aprendizagem. De acordo com ele, há duas condições para que a aprendizagem significativa ocorra: o conteúdo a ser ensinado deve ser potencialmente revelador e o estudante precisa estar disposto a relacionar o material de maneira consistente e não arbitrária”. (AUSUBEL apud MOREIRA, 2006)

O professor pode e deve fazer adaptações necessárias em sala de aula visando o perfil, e o público que a escola atende. Tudo que for apresentado tem que ter ligação direta ao cotidiano de cada aluno, ensinar de forma descontextualizada pode até gerar uma aprendizagem momentânea, mas não algo que ajude o aluno em longo prazo. Sendo que, a interação do educando e do educar é de interesse das duas partes, tendo como prioridade a aprendizagem significativa.

No trabalho pedagógico escolar, aluno e professor são sujeitos primordiais no processo de ensino e aprendizagem, ensinar é o meio utilizado pelo professor, mas aprender é o objetivo a ser alcançado nas funções em sala de aula contribuindo nos processos educativos. Levando a uma reflexão pedagógica sobre o papel de cada um, e a importância do trabalho pedagógico realizado pelo professor deixa visível o interesse e respeito pelo educando. Diariamente o professor vai se deparar com desafios em sala de aula e na escola no geral, entretanto, o mesmo tem que achar meios de resoluções em ponderação ao aluno.

Podemos nos questionar qual seria o melhor método de ensino em sala de aula, e os meios para ultrapassar as dificuldades diárias. Quais tipos de trabalho poderiam ser utilizados, e a importância das diferentes metodologias nos processos pedagógicos. Os papéis característicos dos agentes desse processo que são o professor e o aluno.

“Tem-se que ter bem claro o papel do professor em elaborar aulas com planejamento e criatividade, utilizando-se de recursos variados e contextualizando o conteúdo escolar com o cotidiano vivido pelo aluno. Também é papel do professor instrumentalizar o aluno para que ele possa transformar a si, à sua realidade e as pessoas de seu entorno com o seu conhecimento. Ele não deveria sair da escola sem saber para que ele estudou. É o que pais, mercado de trabalho e a sociedade em geral esperam do papel da escola e trabalho pedagógico desenvolvido nela e dos professores“. (CORDEIRO, 2007)

Como pedagogos, devemos deixar bem claro qual é o papel do professor em sala de aula e na escola. Cada um tem o seu método de trabalho e a forma de aplicar com os alunos, não podemos deixar passar a questão de o aluno sair da escola uma pessoa reflexiva e consciente. A aprendizagem significativa partindo do papel do professor não pode ser algo automático.

4.1 A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DE AUSUBEL NO AMBIENTE ESCOLAR

A aprendizagem significativa busca que por meio do conhecimento que o indivíduo já possui, seja ampliada, baseada na realidade que está rodeado. A aprendizagem precisa ser vista como prioridade no meio escolar, os professores percebem de formas de ensinar seus alunos, ainda não conseguiram abstrair, não generalizando, que nem todos os alunos aprendem da mesma forma, portanto seu papel em sala de aula é tornar essa aprendizagem significativa.

Ele entende que a aprendizagem prévia tem influência em sua forma de aprender, ou seja, cada aluno traz sua bagagem de casa, com uma educação, valores, costumes e tudo que o rodeia diferente do seu colega de sala, portanto,

nesse momento que o professor deve levar em conta seu conhecimento prévio, para assim, poder ampliá-lo positivamente, visando à aprendizagem de fato.

Em seu livro, *Psicologia Educacional* (1978), Ausubel, ressalta que o fator isolado mais importante que influencia o aprendizado é aquilo que o aprendiz já conhece. Nesse ponto podemos constatar que tudo que o aluno aprendeu e vivenciou antes de estar na escola e dentro dela, são aprendizagens significativas que vão ser ampliadas ou desconstruídas e reconstruídas.

Ausebel (1978) compreendia que a aprendizagem era feita por meio de links, um conhecimento prévio se interligava a outro novo e assim a aprendizagem era ampliada significativamente. A aprendizagem significativa acontece de forma diferente para cada pessoa, afinal cada indivíduo detém sua cultura, sua forma de ver, sentir e entender o mundo. Por esse motivo que dentro da sala de aula o professor deve conhecer seus alunos, sua cultura, o local que ele está inserido, para assim, construir sua proposta pedagógica.

“A aprendizagem significativa é um processo no qual o indivíduo relaciona uma nova informação de forma não arbitrária e substantiva com aspectos relevantes presentes na sua estrutura cognitiva”. (LEMOS, 2011 apud FERREIRA, 2014)

Para que a aprendizagem seja real, o professor precisa dar subsídios e instigar o educando a todo tempo. Colocá-lo em contato com o pesquisar, o querer aprender, incentivá-lo a ser crítico, criativo e ter autonomia durante o ato de aprender. Valadares (2011) nos mostra que a aprendizagem ocorre de forma diferente para cada indivíduo dependendo do que já tem de conhecimento prévio.

Ainda podemos observar que o conhecimento prévio envolve muito mais que apenas conhecimento, envolve o sentir, o meio inserido, as relações com os outros e tudo que essas interações revelam. Assim como todos os autores das teorias construtivistas vem afirmando em seus estudos.

“Dizemos que um indivíduo aprende significativamente quando consegue relacionar, de maneira substantiva (não literal) e não arbitrária, a nova informação com uma estrutura de conhecimento específica que faz parte integrante da sua estrutura cognitiva prévia. Esta é singular, idiossincrásica e complexa, e nela constam as afirmações e os conceitos que o indivíduo previamente aprendeu, mas onde também está plasmada toda a

componente afetiva do indivíduo e o resultado de todas as suas ações e vivências". (VALADARES, 2011)

A aprendizagem significativa é incentivar que o aluno queira e aprenda sozinho em algumas situações, professor é o mediador e não o centro da aprendizagem, ele proporciona subsídios para que ocorra, mas não detém o conhecimento. Por isso ele media toda a aprendizagem, instigando o aluno e confirmando ou não de suas hipóteses levantadas.

"Sugere-se que os alunos 'realizem aprendizagens significativas por si próprias' o que é o mesmo que aprendam a aprender. Assim, garantem-se a compreensão e a facilitação de novas aprendizagens ao ter-se um suporte básico na estrutura cognitiva prévia construída pelo sujeito". (PELIZZARI; KRIEGL; BARON; FINCK; DOROCINSKI, 2002)

David Ausubel trouxe contribuições muito importantes para a educação. Ele norteou e mostrou para os educadores, em seus textos, que a aprendizagem passada não é significativa. Que o aluno não está aprendendo e sim reproduzindo mecanicamente o que lhe foi transmitido. E dessa forma a aprendizagem não ocorre de forma real.

É relevante lembrar que essa aprendizagem significativa, depende muito do professor, entretanto mais ainda do educando. Se o aluno não se dispuser e quiser aprender, essa aprendizagem também não acontece. O papel do professor é montar um ambiente que incentive e possibilite esse momento ser prazeroso para o educando.

"É importante ressaltar que a teoria de Ausubel é uma teoria de aprendizagem em sala de aula. Portanto, sua teoria fornece subsídios e favorece a compreensão das estratégias que o professor pode selecionar ou construir para efetivamente ensinar. No entanto, a responsabilidade pela aquisição de conhecimentos não depende apenas do professor. Ao contrário, depende muito do aluno. Enquanto o papel do professor é ser o facilitador do processo, o do aluno é decidir se quer aprender significativamente ou não". (PORTAL DA EDUCAÇÃO, 2013)

A teoria de Ausubel sobre a aprendizagem significativa é um movimento coletivo. Se o professor se empenha e o mesmo não ocorre por parte do aluno, não há aprendizagem significativa e o contrário também é verdadeiro. É um movimento que depende das duas partes, não adianta culparmos apenas o professor se o aluno não se dispõe a aprender, e não podemos rotular os alunos de incapazes se o ambiente não é favorável.

“O próprio educador, praticante da sua área de conhecimento, é uma ferramenta do saber do aluno. Se ele for apaixonado pela sua área de conhecimento e for capaz de encantar, o aluno poderá talvez perceber que existe algo pelo qual alguém de fato se interessou e que talvez possa valer a pena seguir o mesmo caminho. Mas se essa não for a realidade vivida pelo professor, se ele apenas transmitir aquilo que leu nos livros, por mais que ele fale de determinado assunto, todo corpo estará dizendo o contrário e o aluno provavelmente terá aquele conhecimento como algo para apenas ser cumprido, porque a mente humana é capaz de fazer leituras bastante profundas dos detalhes aparentemente insignificantes, mas que certamente têm um grande poder de semear profundo significados”. (PELIZZARI; KRIEGL; BARON; FINCK; DOROCINSKI, 2002)

A paixão do professor ao ensinar, fará o aluno se encantar também e querer aprender. Se o professor não passar esse encanto e amor pelo que faz, provavelmente será perdido tudo que envolva essa relação professor-aluno. A prática construída embasada apenas na teoria não abre espaço para o envolvimento do professor, e, uma prática atrelada à teoria buscando ampliar o conhecimento prévio do aluno, abre caminho para o envolvimento do professor. Tornando esse momento prazeroso e significativa.

O momento da aprendizagem é regado de amor, cuidado, atenção e entendimento dos dois lados. Não há aprendizagem se só um dos lados a quer. É necessário um trabalho em equipe, enriquecedor que aja aprendizagem mútua. Portanto, não adianta dizermos que houve fracasso do aluno, se não houve o envolvimento e a troca de aprendizagem de ambos.

Para podermos dizer que a aprendizagem foi significativa há um conjunto de coisas. Como dissemos anteriormente, temos que ter atenção, cuidado e planejamento direcionado do professor, para que ele medie de forma prazerosa, eficaz e significativa à aprendizagem. Ainda precisamos que o aluno queira aprender, se identifique e se relacione com a aprendizagem e a queira internalizar.

O ambiente deve ser propício, o professor deve entender e investigar a cultura, o local e os conhecimentos prévios de seus alunos para construir sua prática em sala de aula linkando-a com a realidade em que estão, para que a aprendizagem não seja perdida.

“Desse modo, o significado de aprendizagem significativa aponta para o papel do professor e do aluno no processo de ensino e de aprendizagem. Ou seja, se a aprendizagem significativa de um determinado corpus de

conhecimento instrumentaliza o indivíduo para intervir com autonomia na sua realidade, é essencial que o professor esteja comprometido com a aprendizagem do aluno e este, por sua vez, com sua própria aprendizagem”. (LEMOS, 2011 apud FERREIRA, 2014)

A aprendizagem é um ciclo, se houver uma quebra de qualquer uma das partes, não haverá a aprendizagem significativa. Portanto, cabe ao professor sensibilizar o aluno e ao aluno se empenhar para construção do conhecimento acontecer. Dessa maneira a aprendizagem pode realmente ocorrer de forma significativa.

4.2 O CAMINHAR DO EDUCADOR RUMO A UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

A sociedade localiza-se em algo programado e automático, onde os alunos são obrigados a aprender, no qual na maioria das vezes não tem noção do que estão sendo compelidos a aprender. Vivemos em processo de mecanização, onde fazemos porque todos fazem, sem nem mesmo nos perguntar se necessitamos daquilo. O professor nas suas práticas pedagógicas tem função de mudar esse quadro, fazendo o aluno pensar e questionar as suas necessidades.

“É comum na escola de hoje ser desenvolvido um trabalho pedagógico com preocupação em preparar o aluno para as mudanças constantes no mundo em que vive prepará-lo para a tomada de atitudes e para o exercício consciente de seus direitos e deveres, mas principalmente instrumentalizá-lo para o aprendizado escolar e sua, levando-o a perceber a importância desse aprendizado para sua vida cotidiana”. (CORDEIRO, 2007)

Os primeiros passos para desenvolver um trabalho pedagógico que desenvolva uma aprendizagem significativa é a construção da confiança entre aluno e professor. O professor é exemplo para o aluno, à criança muitas vezes o vê como um ser distante, detentor do saber e inalcançável, isso de todas as formas dificulta o trabalho do professor e aprendizagem da criança. Estabelecer regras de convivência, onde eles possam opinar sobre questões importantes para a sala faz com que eles se sintam importante nesse processo.

Se pensarmos em uma prática que favoreça a aprendizagem significativa pensada por Ausubel não é possível que esta contemple apenas um aspecto da criança. Devemos olhar a criança como um todo, a parte cognitiva é extremamente importante, mas se não pensarmos na criança como um ser social, emocional e que vive em contato com um mundo globalizado, nosso trabalho se torna perdido. Sendo assim, esse olhar sensível deve fazer parte do trabalho pedagógico praticado pelo professor.

Precisamos ter consciência que não existe uma boa prática se não houver teoria, e vice e versa. Com esse pensamento vem à percepção que o educador que não tem como prioridade a formação continuada muito provavelmente não conseguirá desenvolver um bom trabalho pedagógico, pois o mundo se transforma a cada momento, e nós não podemos não segui-lo. Portanto, parte dessa aprendizagem deve fazer parte do repertório do educador.

Nesse contexto onde já sabemos através das teorias psicológicas que não é somente as questões ambientais, nem somente cognitivas que nos levam a prender significativamente, não podemos mais utilizar modelos falidos de aprendizagem. O educando está no âmbito central dessa aprendizagem, então se a nossa prática não o leva a ela, devemos fazer uma análise de todo esse processo e o que o levou a ser ineficaz.

Segundo Cortella (2011), jamais devemos cometer o “pedagocídio”, que é o fazer sem pensar, de reproduzir conteúdos aleatoriamente, sem refletir na importância do que se está passando para o aluno. Refletir também na avaliação, tanto na do aluno quanto na própria. Identificar problemas, e perceber as dificuldades no ensino/aprendizagem, reorientando o processo se necessário for.

As práticas pedagógicas significativas podem ser trabalhadas de diversas maneiras. Elas se modificam de profissional para profissional, pois é através da sua realidade em sala de aula que ele definirá o melhor método para que a aprendizagem ocorra de forma significativa. Cada professor tem objetivos diferentes e conquistas diversas focando sempre no aluno e sua aprendizagem.

A mediação entre alunos e professores, professores e alunos são fundamentais no processo. Cada ser humano tem uma história de vida diferenciada no qual traz consigo conhecimentos significativos para a interação um com o outro. Esse processo é de suma importância para o desenvolvimento na aprendizagem significativa, deixando de lado a questão mecânica.

“Não se consegue a reconstrução dos conhecimentos, atitudes, e modos de atuação dos alunos/as, nem exclusiva, nem prioritariamente, mediante a transmissão ou intercâmbio de ideias, por mais ricas e fecundas que sejam. Isto ocorre mediante as vivências de um tipo de relações sociais na aula e na escola, de experiências de aprendizagem, intercâmbio e atuação que justifiquem e requeiram esses novos modos de pensar e fazer”. (SACRISTÁN; GOMES, 1998,)

Como Pedagogos conscientes que devemos ser, por mais que o prazer da comodidade esteja sempre próximo de nós, temos que modificar esse quadro negativo que a educação vem passando. Sair do processo mecânico que leva o ser humano a apenas reproduzir situações é basilar, levando-o a se tornar um ser mais reflexivo. Entretanto, ser mais efetivo e eficaz como professor na construção desse conhecimento, é essencial para que ocorra a aprendizagem significativa.

O professor tem o papel de proporcionar conhecimentos atuais, e que sempre mostre o caminho para a aprendizagem dos alunos. Os meios que serão utilizados devem levar o aluno a ir buscar o conhecimento, investigar e aprender. Assimilar de forma saudável, e fazendo a ligação com a realidade sempre é substancial.

“Hoje a aprendizagem vem inserida no bojo dos debates acadêmicos e entra na escola pela porta da frente”. Aprender deixa de ser apenas um significado singular e assume uma vertente plural. “Ao contrário da memorização privilegiada ao longo dos séculos, a aprendizagem assume um status de ser ressignificada, de ser construída sobre o aprender a ser, aprender a viver junto, aprender a conhecer e aprender a fazer”. (DELORS, 1998).

As experiências vivenciadas pelo professor fazem parte do processo organizacional pedagógico. O fazer pedagógico engloba o trabalho realizado por toda a escola, ou seja, a equipe pedagógica trabalha em conjunto. Desde o diretor até os alunos. E essas vivências em sala e na escola devem de fato contemplar os quatro pilares da educação mencionados acima por Delors, pois sem essa perspectiva não há aprendizagem significativa.

A interação dos professores e dos alunos, tanto em sala de aula quanto em outros espaços, traz um estado de cooperação partilhada. Trabalhando com ética e visando sempre o sucesso de cada aluno. Algumas providências no processo educacional são medulares:

- De acordo com as políticas educacionais programar as propostas;
- Focar sempre na realidade vivida para a melhoria do processo de aprendizagem;
- Trabalhar e acompanhar o trabalho desenvolvido por todos da equipe pedagógica não apenas pelo professor;
- Debater sempre sobre o projeto político pedagógico da escola, sobre os conteúdos e didáticas;
- Levar ao conselho de classe os problemas coletivos da escola, planejando sempre em conjunto as resoluções;
- Argumentar em grupo os dados de aproveitamento da escola;
- Apurar os conteúdos significativos, e selecionar os conteúdos;
- Ser frequente nas atualizações dos livros e acervos escolares;
- Edificar projetos;
- Discernir e projetar as dificuldades na aprendizagem;
- Pesquisar escolher os melhores materiais para o uso didático;
- Sistematizar grupos de estudos para uma observação em grupo.

Fonte: (MASETTO, 2007)

O processo de aprendizagem realiza-se por meio do relacionamento interpessoal muito forte entre o aluno e o professor, aluno e aluno, professor e professor. Enfim, entre toda a comunidade escolar (MASETTO, 2007). Dessa forma,

é de suma importância estabelecer relações de cumplicidade e respeito para que a aprendizagem se torne mais significativa.

Idealiza-se a descrição do processo de ensino e aprendizagem, ou seja, quando isso ocorre o ensino fica rotulado. Os aspectos fundamentais não são levados em conta que são os reais acontecimentos em sala de aula e os itens citados acima, ou seja, as aplicações de ideias. O trabalho do docente acaba ficando limitado e a aprendizagem significativa não acontece.

A relação entre professor e aluno é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, essa relação pautada na afetividade era categórica na teoria de Wallon (GALVÃO, 1998). A afetividade pode funcionar trabalhando sempre a questão da aprendizagem não ser pré-determinada, e sim uma relação de prazer entre todas as partes envolvidas no processo. O ensino tem que ser algo livre e prazeroso, onde os trabalhos são realizados em equipe, o professor sempre acompanhando e registrando o que cada aluno faz.

Registrar as produções feitas pelo aluno é primordial em todo processo. É medular que o professor faça uma análise crítica visando os ideais e os objetivos a serem alcançados, essa confiança de que o aluno é capaz de ser auto suficiente pode gerar resultados positivos na aprendizagem. A avaliação deve ser feita com muito cuidado e atenção, cada aluno tem o seu tempo e momento, e cada um aprende de maneira diferente, de acordo com suas necessidades.

“Se a comunicação da avaliação estiver pautada apenas em qualificações, pouco poderá contribuir para o avanço significativo das aprendizagens; mas, se as notas não forem o único canal que o professor oferece de comunicação sobre a avaliação, podem constituir-se uma referência importante, uma vez que já se instituem como representação social do aproveitamento escolar”. (BRASIL, 1997)

Avaliar um aluno em desenvolvimento deve ser algo metódico, ou seja, feito com muito cuidado. Cada pessoa tem o seu tempo e momento, pode ser que no dia da avaliação o aluno não esteja bem, por esse motivo não se pode avaliar um aluno baseado somente em provas de conteúdos acadêmicos, mas principalmente no que ele é capaz de produzir ao longo de um período. Portanto, devemos fazer a avaliação todos os dias, em constante observação.

Esse método de avaliação formativa é algo novo, e que o educador deve seguir para a aprendizagem possa ser mais bem avaliada. A questão do copiar e colar é algo arcaico, que de todas as formas tiram a autonomia do aluno no processo de aprendizagem, levando-o a nem mesmo entender para que aprender aquilo. Métodos avaliativos feitos com provas, apenas em um momento, também é ultrapassado, a sociedade precisa de práticas pedagógicas novas, onde o aluno seja considerado em suas particularidades.

“Assim fica claro que o principal objetivo da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens criativos, inventores, responsáveis e comprometidos com o futuro não só de si mesmo, mas dos outros, sejam animais, plantas ou o próprio planeta. Educação é transformação”. (CORDEIRO, 2007).

As atividades que promovam mudanças devem fazer parte do perfil de cada professor. Desenvolver uma relação através de atividades reflexivas é essencial, mostrar ao aluno que a aprendizagem tem haver com as questões do mundo a nossa volta, e não somente a conteúdos que talvez nunca sejam usados. O saber que está em jogo ajuda-nos a identificar e construir o caráter de cada sujeito, moldando a identidade e o caráter de cada aluno.

O professor de qualidade tem que estar em constantes questionamentos e mudanças. Deve-se perguntar qual é a realidade local, estar sempre estudando e se atualizando das questões atuais, para desenvolver um trabalho mais próximo das necessidades do grupo a que esta inserida. Portanto, atualizar-se conforme o perfil da sala de aula, comunidade, escola e aluno em individual são indispensáveis nas práticas pedagógicas e na aquisição da aprendizagem significativa.

A reflexão sobre qual é o real papel dos docentes gera uma melhoria na qualidade de ensino enorme. Todos tendo a consciência de que, tanto o professor quanto o aluno, tem papéis a serem desenvolvidos se faz importante em todo processo da educação, e que estas questões não podem ser negligenciadas, pois vivemos em uma estrutura social que se cada um não fizer seu papel essa estrutura desmorona. Trabalhar visando à restauração dos saberes auxilia nos procedimentos.

Utilizar de meios de reflexão é importante, os alunos passarão a olhar à escola de forma diferente, trazendo questionamentos em sala de aula. Os educandos mudarão as estruturas pré-determinada pela história, pois deixaram de ser coadjuvantes, para serem protagonistas na sua aprendizagem. A troca de conhecimento será realizada por toda a escola, a equipe pedagógica faz parte desse desenvolvimento.

“A reflexão crítica não se pode ser concebida como um processo de pensamento sem orientação. Pelo contrário, ela tem um propósito muito claro, ao definir-se diante dos problemas e atuar conseqüentemente, considerando-os como situações que estão além de nossas próprias intenções e atuações pessoais, para incluir sua análise como problemas que têm sua origem social e histórica”. (CONTRERAS, 2002)

A reflexão é algo que leva ao pensar criticamente, é posicionar-se a partir de um conjunto de informações conquistadas através da pesquisa ou de vivências de vida. O aluno tem que passar por essas experiências durante o processo de aprendizagem, para poder se construir como pessoa. O professor é o mediador de como levar os alunos a serem seres humanos mais pensantes.

As reflexões são estendidas a discurso do que vivemos em sociedade. Os métodos utilizados têm que haver uma conexão com a vida real. A aprendizagem tem que ser algo real e vivo, para que os alunos entendam os reais ensinamentos da vida, preparar cada um para ser inserido no mundo, não apenas para provas.

Os objetivos de alcançar o bem comum, na vida em sociedade não podem ser deixados de lado. Segundo David Ausubel (1978), a vida do sujeito não pode ser esquecida, na verdade o que a criança vivência na escola durante todos os anos que passará lá, é na verdade a construção de sua verdadeira vida. Engloba tudo o que vivemos todos os dias, as verdadeiras aprendizagens fora de sala de aula.

O professor é o mediador e o gerenciador do processo de ensino aprendizagem. Sendo responsável por deixar de lado todo o conhecimento mecânico e transformar em aprendizagem significativa, onde a criança se beneficie de forma real daquilo que aprendeu. Com a finalidade de transformar os alunos em pessoas ativas na sociedade.

“Rubem Alves diz que o objetivo dele é criar um novo tipo de professor. O professor que não ensina nada, não é professor de história, matemática ou geografia. Ele é um professor de espantos criando alegria ao pensar”. (ALVES, 2000).

Quando pensamos em um professor que não ensina nada, vem uma reflexão do que seria um professor que não ensina matérias concretas. Mais ao analisarmos os educadores que estão revolucionando o aprendizado logo entendemos que esse é o real professor. O professor que leva o aluno a criar soluções para os problemas vividos e acima de tudo a refletir sobre a vida e a sociedade.

Ele deixa bem claro de como os professores devem agir. Ser um ser humano em primeiro lugar reflexivo, deixando a pessoa tradicional, para dar lugar a uma pessoa mais reflexiva. Ser uma pessoa aberta às novas vivências da vida, e conhecimentos significativos.

O professor deve sempre ter como ponto de partida para o seu trabalho pedagógico, as necessidades dos alunos. Se o professor não levar em consideração, o fator sociocultural e individual de cada aluno, dificilmente terá êxito no seu trabalho. Cabe ao professor promover um ambiente de satisfação, dedicação e prazeres compartilhados com seus alunos, mesmo a escola sendo um lugar de medo, inseguranças e confrontos.

A palavra-chave é confiança mútua e cumplicidade, a partir daí podemos pensar em uma mudança nos paradigmas da educação. Conteúdos mesmo sem caráter pedagógico também devem ser discutidos em sala, desde que parta das preocupações e necessidades que os alunos carregam. Otimismo ingênuo, achar que a escola será a salvadora do mundo e a educação a única forma de caminho para o ser humano aprender significativamente.

“A alegria vem, em grande parte, da leveza com o qual se ensina e se aprende; vem da atenção àquelas pergunta que parecem fora do assunto, mas que vão capturar o aluno para um outro passeio pelos conteúdos; vem da percepção de que aquilo que se está estudando tem um sentido e uma aplicabilidade (mesmo não imediata).” (CORTELLA, 2011)

É papel da escola, repensar e contribuir para a formação dessa nova educação. O educador tem um papel político e pedagógico importante nessa

mudança, por isso nossa atividade não pode ser neutra, apesar de termos autonomia relativa, também temos um compromisso com a mudança. O saber terá sempre um interesse, um significado e uma intenção.

A aprendizagem significativa acontece da melhor forma possível com a interação de ambas as partes, tanto do professor, quanto do aluno. Os passos iniciais é entender que cada um tem o seu conhecimento, os dois trazem uma bagagem muito importante que devem ser compartilhadas. Em sala de aula o professor tem que deixar claro a importância de cada um.

O fazer pedagógico proposto por Ausubel em sua teoria vai muito além de somente aprender significativamente. Apesar de nos dar subterfúgios de onde deve partir essa prática, ele também nos leva a refletir as questões humanas da relação professor/aluno. Pois sem considerar essas questões não temos como considerar os saberes prévios dos alunos.

Vemos a partir daí que a intervenção pedagógica deve trazer uma mudança na maneira como vemos a aprendizagem da criança. Essa prática deve favorecer que o aluno aprenda a fazer, aprenda a conviver, aprenda a ser e, sobretudo aprenda a aprender significativamente. Esse olhar sensível é o que deve guiar o educador no seu fazer pedagógico.

V. ANÁLISE

5.1 METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta metodologia propõe-se a tratar os princípios fundamentais da pesquisa científica, do tema ao problema, e revisando a bibliografia utilizada no trabalho para se chegar ao problema de pesquisa. Desde a classificação das pesquisas até o planejamento de como essa pesquisa seria estruturada. Também visa desenvolver conteúdos referentes aos enfoques específicos de pesquisas quantitativas e qualitativas, às referências teóricas utilizadas como base da elaboração do marco teórico e suas implicações para a realização da pesquisa.

Mostrar as características, possibilidades e limites, que envolvem os instrumentos e técnicas utilizadas na pesquisa de campo. Desenvolvendo igualmente conteúdos sobre a escolha, a adaptação, o desenvolvimento de estratégias para a aplicação dos instrumentos e técnicas. Com a finalidade de compreender, utilizando de métodos e processos aplicáveis à pesquisa em suas diversas etapas.

A pesquisa de campo é o momento onde podemos de fato comprovar nosso problema de pesquisa, ou constatar que outros fatores contribuem para que o resultado se dê, de forma diferente ao esperado. Nesse sentido, verificamos a importância da pesquisa para dar credibilidade ao trabalho, mas principalmente para dar uma resposta mais objetiva ao problema de pesquisa. Portanto, utilizar uma metodologia de pesquisa que contemplem as necessidades da pesquisa se faz necessário para que o resultado seja o mais fiel possível ao problema apresentado no trabalho.

“Pesquisa é definida como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados”.
(GIL, 1999)

Existem alguns critérios que devem ser seguidos para elaboração da pesquisa de campo. O primeiro é definir o público alvo, aquele que tem haver com aquilo que se deseja saber, e que de fato tem conhecimentos específicos sobre o foco do trabalho. Podendo assim contribuir de fato para que o problema de pesquisa seja solucionado.

As perguntas elaboradas devem contemplar de maneira ampla tudo que é necessário saber do pesquisado sobre o problema de pesquisa. Elaborar questões onde fique claro para o pesquisado aquilo que se quer saber, pois assim a entrevista se dará de forma mais dinâmica, e trará respostas coerentes com o tema abordado.

O entrevistado deve possuir conhecimentos específicos sobre o tema a ser abordado na pesquisa. No entanto, se os conhecimentos do entrevistado forem rasos, ou até mesmo não tenha conhecimentos de fato sobre o tema, pode-se colocar tudo a perder. E para que um trabalho de pesquisa de campo tenha êxito no seu resultado, escolher bem o entrevistado é um ganho para a pesquisa.

Decidimos por elaborar perguntas abertas, onde a entrevistada pudesse dissertar de forma menos formal a respeito do que queríamos saber. Cinco integrantes do grupo participaram de forma integrativa e desenvolvemos um diálogo a partir das perguntas, sempre levantando questões a partir das perguntas feitas a priori. Podemos dizer que a entrevistada possuía muitos conhecimentos teóricos e também práticos a respeito dos temas abordados, o que tornou nossa entrevista bastante satisfatória.

A pesquisa de campo nos possibilita ver na prática se o problema levantado no trabalho é real. Entretanto, vai muito, além disso, nos possibilita vivenciar a pesquisa de maneira concreta, real, dinâmica, e a partir daí, desenvolver em nós o senso de observação, assimilação e comparação de dados que outros tipos de trabalho não conseguem. Utilizar de uma metodologia de pesquisa nos garante uma maior idoneidade em todo o processo da pesquisa.

5.2 A ESCOLA

O Centro Educacional Moema é uma escola privada que está em atividade há mais de 40 anos, desde sua fundação em 1972, desenvolve suas atividades, do berçário a 9º, em período integral. Toda a grade curricular e o planejamento pedagógico oferecem à criança (desde os primeiros meses até os 14 anos de idade), de forma equilibrada, condições ideais para que desenvolva habilidades e competências nas mais variadas áreas de atuação humana, possibilitando a cada uma desenvolver seus potenciais.

Segundo dados da entrevistada a família que opta pelo período integral possibilita aos filhos uma convivência rica e intensa, com diferentes pessoas, adultos e crianças de diferentes idades, e em diferentes momentos. Os alunos têm muitos colegas, amigos e momentos para trabalhar, brincar, conversar, descobrir prazeres e potencialidades. Nos dias atuais e na cidade em que vivemos, as crianças perderam muitos direitos, como o de brincar livremente e em segurança na rua, por exemplo.

Hoje, o Centro Educacional Moema desenvolve suas atividades nos segmentos de Educação Infantil (de 0 a 5 anos) e Ensino Fundamental (1º a 9º ano), em período integral, e conta com mais de 220 funcionários que estão em constante formação, para que possam alinhar as ações e continuar construindo juntos uma história de tradição de mais de quatro décadas.

O Projeto Pedagógico do Centro Educacional visa formar alunos como sujeitos históricos, biográficos e únicos. A vida e as expectativas de cada sujeito em processo de formação ocupam espaço importante na escola, que se compromete, primordialmente, com valores que dão sentido à vida e à formação de pessoas autônomas, responsáveis, íntegras e comprometidas consigo mesmas e com a sociedade.

A escola tem uma perspectiva sócio-interacionista, onde conhecimento é um processo de construção e apropriação de saberes formais, que se efetiva a partir da relação com o outro, das interações socioculturais e da mediação de um parceiro

mais experiente. A aprendizagem de conceitos (conhecer), procedimentos (fazer e criar) e atitudes (ser e conviver) compreende o conjunto de saberes essenciais à formação do aluno como indivíduo e cidadão.

Prioriza a autonomia como uma capacidade de fazer escolhas nos campos moral e intelectual, independentemente de sanções ou recompensas. Dialogar, posicionar-se, agir com independência e responsabilidade, tomar decisões e participar da resolução de problemas e conflitos são procedimentos intencionalmente estimulados que permitem ao aluno do centro educacional avançar na construção de sua autonomia.

Propõe-se a instrumentalizar o aluno com um rol de conhecimentos e competências que lhe possibilitem analisar, buscar alternativas e solucionar problemas; interpretar, atuar e transformar a realidade em que está inserido; exercer consciente e efetivamente sua cidadania desenvolver-se como ser humano, capaz de construir e realizar o seu projeto de vida.

A escola reconhece e valoriza os conhecimentos prévios e as experiências que o aluno traz consigo, como contribuições importantes para o processo de construção de conhecimentos e para a aprendizagem. Aos conhecimentos e experiências do aluno somam-se os de outros alunos, as informações e os conceitos e, então, é possível confrontar, reconstruir, sistematizar e ampliar a teia de saberes.

Os saberes são sistematizados e ampliados pelo professor, que tem como tarefa promover a construção do conhecimento científico. Cabe ao professor avaliar os conhecimentos do aluno para definir os desafios possíveis e os conteúdos a serem trabalhados para promover os avanços desejados. Os conteúdos contemplam conceitos, procedimentos e atitudes.

“O Centro Educacional é uma escola pensante, reflexiva que vive em movimento, acho que isso traz para quem trabalha aqui a possibilidade de refletir sobre a sua prática o tempo inteiro. Então eu costumo dizer sempre da muito trabalho trabalhar no Centro educacional, porque nós como profissionais estamos sempre em busca de excelência, porém a gente nunca alcança, porque quando você chega em determinado patamar você sempre quer mais.” (ALICE, 2016)

Além da construção, a escola valoriza e investe na integração de conhecimentos e na interação entre parceiros de aprendizagem, desenvolvendo projetos multidisciplinares, incentivando e estruturando o trabalho de pesquisa, realizando atividades extraclasse planejadas e eventos para a comunidade.

Para a construção e a vivência de valores éticos e morais necessários à convivência social, são promovidas situações de aprendizagem que envolvem o respeito a si mesmo, a seus semelhantes, ao ambiente e à vida, a solidariedade, a cooperação, o reconhecimento e a valorização do outro, desenvolvidas em todos os espaços e com todos com quem se convive.

5.3 A ENTREVISTADA

A entrevistada trabalha na área da educação há mais de vinte anos. Tem como primeira formação acadêmica a nutrição, cursou pedagogia pensando em utilizá-la na área da nutrição, mas se apaixonou pela prática em sala de aula. A partir de então nunca mais a deixou.

Atualmente ela trabalha no Centro Educacional onde é orientadora pedagógica do ensino fundamental I e II, está aqui denominada como Alice, nome fictício que busca preservá-la. Com mais de vinte anos trabalhando na escola já passou por várias áreas, e desenvolveu inúmeros projetos que ajudaram a desenvolver a identidade da escola. Portanto, possui uma vasta experiência na área educacional.

Em sua trajetória no Centro Educacional, teve muitas experiências importantes com modelos educacionais de sucesso no mundo. Viajou para Reggio Emilia para fazer um work shop e poder observar como a prática pedagógica de lá poderia ajudar a auxiliar a práxis utilizada na escola. Também participou de experiências semelhantes na escola da Ponte em Portugal.

Como profissional acredita na formação continuada não só para melhora do trabalho do docente, mas principalmente como parte primordial para elaboração de um planejamento que contemplem as necessidades pedagógicas da criança. Acredita na educação como um processo reflexivo, dialógico, social, e na autoavaliação como princípio básico para o início de qualquer trabalho pedagógico que tenha por finalidade a aprendizagem significativa.

5.4 ANÁLISE

A escola adota uma postura sócio-construtivista, visa trabalhar a criança como personagem principal na construção do conhecimento e da autonomia. A proposta pedagógica utilizada pelo Centro Educacional Moema é muito clara nesse sentido, sendo assim, podemos dizer que parte das necessidades reais de vida das crianças, ancora-se nos pressupostos de cada um, na bagagem cultural que cada indivíduo traz para a construção do trabalho pedagógico. Portanto, podemos perceber que o conceito de Aprendizagem Significativa de fato é utilizado por todos que compõem o quadro de educadores no Centro Educacional.

“Eu acho que a educação vive de modismo, muitas escolas se autointitulam construtivistas, e nem sabem o que é ser construtivistas, vira um “laissez-faire”, vira qualquer coisa menos um trabalho na linha da construção de fato. Ter muito claro qual é nossa proposta, nosso embasamento teórico todo é em cima do Vygotsky, no sócio-interacionismo, claro que tem as ideias do Piaget, claro que o Ausubel está lá também, eles conversam entre si, porém não dá para você sair dizendo que é um pouquinho de tudo. Acho que a nossa trajetória é pautada em muita responsabilidade e muito estudo, muito engajamento para que se consiga unir teoria e prática, mas sempre respeitando a identidade pedagógica da escola.” (ALICE, 2016)

Pudemos identificar algumas questões muito importantes no que se refere à aquisição da aprendizagem significativa. Quando as escolas não definem uma identidade pedagógica que norteie à práxis, os educadores não sabem ao certo que caminho seguir, e cada um vai por aquilo que lhe é mais confortável, mas o mais grave de tudo isso são os alunos que ficam totalmente perdidos com propostas que não dão continuidade na aprendizagem e não conversam entre si, deixando os

alunos completamente perdidos. Quando essa identidade é respeitada existe mais chance da aprendizagem acontecer.

A identidade pedagógica do Centro Educacional se mostra muito definida, prioriza-se formar cidadãos integrais com base nos quatro pilares da educação. Preza-se a criança como protagonista na construção da sua aprendizagem, visa à autonomia do saber fazer, pois desde a tenra idade são incentivados a desenvolver essa autonomia em suas ações diárias. Sendo assim, os alunos também são responsáveis por tomarem decisões em relação à sua própria aprendizagem.

O aluno é protagonista de seu processo de aprendizagem. A escola, como parceira mais experiente, auxilia o aluno, por meio de diálogos e intervenções, ao perceber-se responsável pela autoria de suas ações, pelas relações que estabelece e pelas escolhas que faz. O aluno deve buscar, de maneira constante e competente, superar a si mesmo. Essas práticas quando são utilizadas de forma certa e em um contexto adequado as necessidades das crianças dão resultado.

Ao longo da análise fica muito clara a presença de conceitos de Ausubel, uma vez que a escola adota uma postura de contextualização de conteúdos escolares à realidade e a necessidade daquela comunidade escolar. A escola valoriza em todos os sentidos o tempo, o limite, o contexto social e o nível de cada um. Para as crianças fica sempre clara a necessidade de aprender tal ou qual conhecimento, a importância e as raízes daquele conteúdo.

Percebe-se ao longo da análise que o intuito do Centro Educacional Moema é formar um educando que consiga se enxergar como indivíduo pensante, como produtor e possuidor de cultura, como ser histórico. Os saberes precisam estar atrelados e serem tecidos a partir do contexto social de cada realidade escolar, é possível identificar a preocupação da escola com esses pressupostos. O saber desconexo que não leva em consideração o que o educando já possui contribui para o insucesso.

O material didático descontextualizado da realidade promove o insucesso, não só por parte do educando, mas também por parte do educador, o que é mais agravante, pois esse irá reproduzir por décadas o que aprendeu em sua vida

acadêmica construindo um círculo de aprendizagens sem significação alguma. A falta de visão crítica faz com que o educador não contextualize o material didático tornando-o assim significativo, de acordo com aquela realidade. Este o recebe pronto dos órgãos superiores e simplesmente o reproduz, de maneira crua e abstrata, tornando a aprendizagem maçante, fora da realidade.

“Ausubel é importante até pelo momento histórico que ele se coloca, pela proposta dele frente a uma nação inteira que acredita num tipo de proposta significativa. Acho eu que ele traz para gente uma cara de “olha para o que você tem”. Traz também a coisa da memorização como sendo importante, não perca isso de vista, porque eu acho que uma coisa importante de a gente não perder de vista é que a escola é sim reprodutora de saberes, é sim o lugar onde somente alguns conteúdos as crianças entrarão em contato, é sim uma instituição que precisa conversar com esse passado, presente e esse futuro, e por isso que a gente tem tantos desafios. Eu acho que o maior desafio é contextualizar o mundo que foi escrito e que é vivido, Ausubel traz essa ideia na teoria da aprendizagem significativa”. (ALICE, 2016)

Se pensarmos na escola como espaço de construção de saberes culturais e históricos da humanidade, podemos então questionar e refletir o papel da escola nessa aprendizagem. Ao longo do processo da entrevista percebemos na fala da entrevistada que os saberes científicos muitas vezes necessitam de um momento de memorização para criar novos subsunçores para ancorar novos conhecimentos de forma significativa e concreta. Em alguns momentos a memorização se faz necessária para criar uma correlação entre passado, presente e futuro.

Todo conteúdo escolar no Centro Educacional está significativamente conectado com a realidade dos alunos que ali frequentam. Há sempre a ligação de saberes em prol da construção de conhecimentos, priorizando o desenvolvimento das habilidades próprias de cada aluno. A escola estimula os alunos a problematizarem os conteúdos escolares de forma que eles aprendam a resolver os problemas com mais autonomia e competência.

Ela deixa claro na sua visão que o que Ausubel fez foi desmistificar essa relação entre professor e aluno, de forma que as relações interpessoais fossem utilizadas na construção desse conhecimento. Ao passo que o educador mantém um canal aberto para o ensino e aprendizagem, fica mais fácil identificar em qual nível que o educando se encontra e qual método utilizar, se memorístico ou se o aluno já esta totalmente maturo para inserir o contexto problematizador.

“A aprendizagem nunca pode transcender a maturação” (GESELL, 1998). Muitas vezes o insucesso é fruto desse desrespeito. Não se podem ultrapassar as fases de desenvolvimento do educando, deve-se respeitá-las e inserir saberes de acordo com a maturação de cada educando. Quando se respeita o tempo cognitivo de cada integrante do processo de aprendizagem essa se torna significativa e mais prazerosa.

Observamos que a dialética e a pluralidade de ideias dentro e fora do âmbito escolar são fatores contribuintes para o sucesso da aprendizagem. Uma aprendizagem onde o educando tem voz dentro da práxis é mais significativa, promove o interesse, forma um aluno crítico e pensante e contribui para o planejamento do educador. Não existe aprendizagem significativa sem acontecer um círculo de conversas, sem haver relações de afetividade, sem o educando expor seus ideais, já que para ela existir é necessário partir de subsunções.

“Eu acho que tem duas coisas para a gente considerar, há muitas teorias que falam sobre o assunto e elas são superimportantes para o nosso trabalho do dia a dia que é o que vai influenciar, tem uma questão que é clássica que é o conhecimento que a criança tem e o que ela sabe. Hoje temos uma sociedade de jovens que tem informações sobre tudo, mas que não sabe nada. Tudo o que você falar eles sabem citar alguma coisa, porém se aprofundar o assunto, eles já não sabem do que estão falando.” (ALICE, 2016)

Nesse momento da análise, entramos em uma questão realmente importante da teoria de Ausubel, porém Alice nos mostra outro olhar na questão dos conhecimentos prévios do aluno, na qual não nos atentamos quando elaboramos o marco teórico. Quando nos perguntamos o que de fato as crianças sabem devemos ter um olhar muito atento para isso, dessa forma poderemos partir das reais necessidades das crianças. Entretanto, essa visão advém da prática e vivência que ela possui, ficando clara a importância de um olhar mais observador do educador.

Por essa razão o trabalho do educador vai muito além de ensinar conteúdos escolares. Quando Ausubel salienta em sua teoria que a significação desse aprendizado parte do que a criança já possui de conhecimentos, ele afirma sim que elas possuem conhecimentos, que não são formais, mas servirão para dar suporte e correlacionar as novas aprendizagens que virão. Portanto, nós como educadores quando desconsideramos isso estamos determinando o fracasso do nosso trabalho,

e ainda pior determinando que aquela criança não irá aprender, efetivando assim a profecia de autocumprimento.

“Então a gente precisa cuidar para não partir de um lugar que não é consistente e criar nosso castelo na areia, porque você vai plantando parte daquilo e ficando muito aquém, e na realidade não é um conhecimento construído é uma informação que foi ouvida. O advento da tecnologia ajuda, mas também faz com que nos fiquemos cuidadosos, será que eles sabem de fato? Ele ouviu? Alguém disse? Pois, muitas vezes eles trazem informações que não são pertinentes para a faixa etária deles. Será que eles sabem do que estão falando? Em geral, não sabem de nada...” (ALICE, 2016)

Nesse processo, devemos sempre nos perguntar o que as crianças já sabem quando chegam à escola, e o que elas precisam realmente aprender. Essas são questões relevantes que devemos nos fazer sempre que a aprendizagem da criança não acontece de maneira significativa. Com isso, faremos essa ponte entre saberes, e levá-los a compreensão desse conhecimento.

Nos dias de hoje, devemos pensar para nossas crianças uma aprendizagem mais dinâmica e real. Elas nasceram em uma geração onde a velocidade das informações derrubaram todas as fronteiras, tornando tudo mais próximo e acessível. Entretanto, para que eles possam usufruir de todas essas informações de forma correta devemos estar atentos se elas trazem de fato uma aprendizagem que será utilizada de forma significativa em suas vidas.

A responsabilidade de promover uma avaliação diagnóstica para de fato ter certeza do que as crianças realmente sabem é exclusivamente do educador. A partir daí saber de verdade o que eles sabem e construir um trabalho pedagógico com bases mais firmes, visando o aluno como parte importante dessa construção. Faz parte dessa construção, observar, analisar, perceber o aluno em suas dificuldades, em suas potencialidades, e ajudá-lo a percorrer esse caminho que o leve a uma aprendizagem real.

Deve-se localizar e tomar os erros passados e identificados como experiência e não repeti-los. Ao passo que se localiza a raiz do erro pode-se não mais reproduzi-lo, pode-se fazer a partir daí uma ressignificação de todo o processo. A escola é o espaço para a transformação, é ela quem necessita dar o primeiro

passo. Tudo funciona como um ciclo, não será imediato o resultado, isso será um caminho extenso e árduo, porém frutífero.

“O trabalho do pedagogo deve ser olhado de forma mais humana, o fracasso acontece quando o educador não reflete a sua prática. Atualmente existe um melindre entre os educadores, causando muitas vezes um isolamento do trabalho realizado que de todas as formas prejudica a aprendizagem do aluno. Existe uma subjetividade do olhar de cada um, olhares diferentes, trazem experiências diferentes, precisando também de estratégias diferentes para diferentes problemas”. (ALICE, 2016)

Muitos são os fatores que pudemos identificar ao decorrer da análise, que contribuem negativamente para a não ocorrência de um ensino e uma práxis efetivamente significativa. Ela salienta esse comportamento muitas vezes negativo do educador em face dos desafios que enfrentamos em nossa práxis, esse negativismo impeditivo se faz presente em diversos momentos da história da pedagogia, da educação, do ato e da práxis do ensinar. Em síntese, nos deparamos com as negatividades e impedimentos no processo de ensino/aprendizagem desde o surgimento da vida humana.

As respostas indicam que a má formação dos professores, a falta de preparo dos mesmos também reflete negativamente para o sucesso da aprendizagem significativa. O professor detém conhecimentos, porém, na sua formação é quase que nulo o ensino de como flexibilizá-lo, de como aplicá-lo de forma significativa. Desde a formação acadêmica, muitas e quase todas às vezes, não se ensina o educador a pensar de forma crítica, a ser transformador.

Observamos que a falta de relacionamento entre os educadores e a falta de interdisciplinaridade contribui drasticamente para um aprendizado raso. A interdisciplinaridade se faz importante para um ensino e um aprendizado significativo. Percebemos assim que a relação de parceria entre os educadores contribui com um aprendizado mais sólido.

Diversas vezes uma prática não é eficaz a determinado professor e a determinada turma, isso não afirma que tal prática não funcione efetivamente. Percebemos na fala da entrevistada que o diálogo entre os professores sobre suas práticas é importante para a construção de um planejamento eficaz. Os professores

precisam dialogar sobre suas práticas para a construção de um trabalho com bases sólidas e resultados positivos.

Atualmente busca-se muito um ensino efetivamente significativo, fala-se muito em como fazê-lo, em como ressignificá-lo, em desenvolver um cidadão crítico e autônomo e quase nos esquecemos de pontuar o que impede a realização do tão almejado ensino significativo. O pensar sobre os aspectos negativos dentro do processo da aprendizagem é de extrema importância, somente após a identificação das falhas, aspectos e fatores que impedem a realização da práxis significativa é que poderemos, efetivamente, realizar mudanças e trilhar novos horizontes e rumos para uma ressignificação da aprendizagem.

Esse processo de tomada de consciência onde nos enxergamos como seres humanos que falham que também cometem erros são primordiais para essa construção. Existe muita pressão para que o professor seja perfeito, acabamos nos tornado seres místicos, acima do bem e do mal, o professor é um profissional como todos, com direitos e deveres a serem cumpridos. Essa falta de humanização da profissão compromete uma classe, pois muitos ainda batalham para a melhoria da educação, mas no fim quando se hegemoniza toda uma categoria gera todo esse melindre discutido na análise, um desânimo geral.

Deve-se priorizar a bagagem cultural dos alunos, a troca de saberes entre educando e educador, todos são aprendentes e ensinantes no processo de ensino e aprendizagem, tivemos a oportunidade de relacionar nossos saberes teóricos com a prática real da entrevistada. Não podemos dar respostas prontas, as crianças devem ser estimuladas á todo momento a fazerem perguntas, e todos os recursos disponíveis para solidificar essa aprendizagem. Ter como finalidade criar oportunidades para que as crianças possam problematizar e refletir as ações coletivamente, trabalhar o todo da criança criando possibilidades e oportunidades.

“Eu acho que os PCN’s, como o próprio nome diz, são parâmetros, “só parâmetros”. Muitas vezes os educadores se sentem confortáveis e se escondem atrás deles, acreditam que é uma regra, que precisam a qualquer custo segui-lo a risca, como se estivessem cometendo um crime se não o fizer. Vivemos em um país enorme e super diverso, fico pensando, aqui em São Paulo se usarmos o mínimo é uma hipocrisia”. (ALICE, 2016)

Neste momento, a entrevistada deixa claro a necessidade de o educador saber interpretar os documentos oficiais para uma melhora da aprendizagem. Além de saber interpretar, ele tem que saber ser flexível para poder contextualizar os conteúdos que estão nos PCNs com a realidade vivida pelos alunos. Quando essa contextualização não é feita a aprendizagem não acontece de maneira real.

O currículo se torna inflexível, inviável, descontextualizado por falta de um olhar atento e uma clara interpretação. Os parâmetros, referenciais, as leis, devem perpassar pela educação somente como um norte, uma referência pra a realização da práxis educacional significativa. Cabe ao professor viabilizar esse processo, contextualizar esses documentos, tornar teorias cruas em objetos palpáveis, concretos, significativos.

Percebemos presente no currículo do Centro Educacional Moema a valorização do pensamento coletivo, de uma análise reflexiva e o professor sempre está em processo de renovação, nesse processo o professor é dotado de uma postura de pesquisador. Os educadores do Centro Educacional sempre estão a campo em busca de entender e contextualizar novas teorias, novas maneiras de ensinar, porém, nunca perdendo a identidade pedagógica da escola. O currículo é formulado de maneira democrática, pensando na práxis do professor, na apropriação de conhecimentos por parte dos alunos de maneira real e significativa, sempre com a intencionalidade de estimular a criticidade dos alunos.

“Se pegarmos uma sala multisseriada no agreste nordestino, onde a dificuldade de acesso à escola é enorme em decorrência do percurso extenso, não é possível seguir a risca esses parâmetros. A bagagem de vivências deles é muito diferente das dos nossos alunos em relação a saberes específicos que, muitas vezes, são regionais. Pude constatar esse posicionamento ao visitar, com os alunos do 8º ano, a FUNDAÇÃO CASA GRANDE, no Cariri (Ceará). Com todas as dificuldades enfrentadas, eles são riquíssimos em questão de bagagem cultural, por esse motivo acredito que precisamos parar de nos esconder atrás dos PCN's e aproveitarmos as condições que temos para construir nosso planejamento. No país em que vivemos, onde possuímos uma vasta diversidade cultural, a criança tem o direito de manter a sua cultura, mas também de conhecer as outras culturas que compõe seu país.” (ALICE, 2016)

Aqui fica muito claro que não se trata somente de recursos financeiros para que a educação promova uma aprendizagem integral para a criança. Duas situações distintas, mas que se passam no mesmo lugar são citadas, as salas multisseriadas

no nordeste onde as crianças passam por muitas privações na escola e fora dela, e para os educadores muitas vezes falta tudo para desenvolver a sua prática. Entretanto, vemos a Fundação Casa Grande onde as privações são grandes, mas o trabalho pedagógico é de fato eficiente levando as crianças a ter uma aprendizagem sólida.

Existe sempre uma intencionalidade naquilo que se ensina, mas para a criança precisa estar claro porque ela está aprendendo. Mostrar ao aluno a importância desses saberes é primordial para que eles se sintam participantes da construção histórica e cultural de seu país. Faz parte do currículo escolar, oferecer aos alunos conteúdos acadêmicos, mas é obrigação do educador contextualizar esses conteúdos de maneira que a criança aprenda a partir de suas reais necessidades.

A análise realizada no Centro Educacional nos deixou claro que ali acontece a aprendizagem significativa. Entretanto, para que isso ocorra foi preciso muitos anos de planejamento, estudo de diversas teorias para que pudesse ser definida a identidade pedagógica da escola, a formação continuada dos profissionais é frequente, eles estão sempre se apropriando de tudo que há de novo na área da educação, dando ao educador muito mais repertório para poder ensinar. Porém, é importante salientar que a escola prioriza acima de tudo a criança, suas necessidades, sua aprendizagem, sua autonomia, sua formação como pessoa, fator determinante para que a aprendizagem significativa aconteça.

A análise confirma de maneira categórica as ações e estratégias promotoras da aprendizagem significativa levantado no marco teórico, também salienta o que pode levá-la ao fracasso. Podemos ver na prática como funciona algumas dessas estratégias no contexto escolar, como são aplicadas e como elas funcionam na promoção dessa aprendizagem. Podemos salientar a importância de saber as teorias para melhorar o trabalho pedagógico, mas acima de tudo saber relacioná-la com a prática para se obter um resultado mais satisfatório.

O que encontramos no Centro Educacional Moema foi uma realidade muito diversa do que temos visto na educação brasileira. Uma escola bem estruturada,

com profissionais bem qualificados, não só os professores, mas todos os colaboradores envolvidos na práxis pedagógica, um espaço que desperta o interesse da criança e que favorece a construção de novos conhecimentos. Dessa forma, observamos quais fatores são contribuintes direta e indiretamente para que a aprendizagem se torne significativa para criança.

Um desses fatores que favorecem a aprendizagem significativa levantados pela entrevistada na análise é uma reflexão consciente sobre a prática do educador em sala de aula. Refletir criticamente o porquê e para quê ensinar determinados conteúdos para as crianças, mas acima de tudo refletir nossa postura e ética como educadores, é um momento importante para que se possa autoavaliar nossos erros e corrigi-los. O educador que reflete sobre seu trabalho, e sobre sua responsabilidade com os outros é o quem tem maior chance de fazer um trabalho de excelência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância de realizarmos essa pesquisa foi exatamente por percebermos que nós mesmas não estávamos aprendendo significativamente em nosso processo de formação. Entretanto, após a análise conseguimos entender quais fatores são determinantes no contexto escolar para que a aprendizagem não ocorra. Portanto, a partir daqui podemos ter bases mais concretas para nos ancorar, e assim podermos desenvolver um trabalho mais reflexivo e, sobretudo eficiente, que leve de fato a aprendizagem significativa que tanto buscamos.

O objetivo central deste trabalho era abordar os possíveis aspectos e fatores contribuintes para o sucesso do ensino/aprendizagem verdadeiramente significativo. Identificar a mola propulsora é o passo mais significativo para a mudança. Ao passo que se pontua as dificuldades e impedimentos, pudemos identificar em qual momento se perde o ensinar e aprender de forma sólida, e crítica, e enfim aplicar de maneira eficaz e efetiva a aprendizagem significativa de Ausubel.

Percebemos que existem muitas condições que favorecem a ocorrência da aprendizagem significativa. Devemos pensar e considerar a complexidade e à totalidade do ser sociocultural em suas manifestações e linguagens, corporais, afetivas, cognitivas e biológicas. Envolvendo uma maior compreensão de que o aprender ocorre em cada um na sua individualidade, pautado pelas relações do ser que aprende com o objeto do conhecimento, em cada situação específica, e na interação sujeito/aprendiz com sujeito/ensinante contextualizando o meio cultural e social ao qual cada um está inserido.

Podemos dizer que agora temos muitos olhares a respeito de como a aprendizagem significativa acontece. Com o desenvolvimento do marco teórico, e, sobretudo com a análise pudemos formular novas questões que nos ajudarão a desenvolver uma práxis mais significativa em sala de aula. E acima de tudo compreender as relações ensino/aprendizagem nas concepções professor/aluno como sujeitos de saberes.

Apesar de verificarmos uma resposta diferente ao que foi proposto em nosso problema de pesquisa temos em mente que essa não é uma realidade em nossas escolas. O que ainda vemos no contexto escolar é uma prática tradicional onde o aluno é depositário de conteúdos sem sentido, e que não o prepara para a vida. Portanto, cabe salientarmos que o Centro Educacional Moema é um Oasis no meio do deserto que temos visto na educação.

Mas cabe salientar também que para nós foi de grande importância perceber que é possível sim desenvolver essa aprendizagem significativa. Ver os fatores que a levam a ter sucesso e que as crianças podem desfrutar de um contexto escolar que abrange todas as suas necessidades é maravilhoso para qualquer educador, nos dá esperança, renova nossos ideais de trabalho e isso é muito positivo para nós. Muitas vezes nos deixamos levar pelo pessimismo por estarmos acostumados a ver tantas coisas fora do contexto educacional, mas ter essas experiências nos renova como profissionais.

Quando elaboramos uma pesquisa que fala sobre aprendizagem em um contexto educacional com uma estrutura macro, e com uma diversidade sociocultural tão heterogênea, devemos ter um olhar cuidadoso a respeito do assunto. Fizemos a análise em uma escola que oferece uma prática pedagógica que visa uma aprendizagem significativa, todas as ações promovidas nessa escola favorecem essas situações, desde os conteúdos, um espaço físico adequado, profissionais qualificados, contextualização de conteúdos, entre outras estratégias promotoras dessa aprendizagem. Mas exatamente por termos uma estrutura educacional tão grande sabemos que essa não é a realidade da educação brasileira.

A grande questão que observamos nesse processo é que é possível desenvolver a aprendizagem significativa proposta por Ausubel em sala de aula. E apesar de vermos ela de fato acontecer em uma escola com recursos financeiros, fica claro que não é um fator determinante para que ela ocorra. Portanto, cabe nos questionarmos porque em outras escolas essa aprendizagem não acontece de forma significativa.

Esses questionamentos devem partir de uma reflexão/ação do educador em face não somente do que acontece em sala de aula. Nosso trabalho é pautado por leis, regras e parâmetros que são feitos por pessoas que muitas vezes não estão ligadas direta ou indiretamente a educação, nem mesmo estiveram em uma sala de aula, mas pior ainda por políticas públicas que não priorizam um indivíduo crítico e pensante no contexto social. Entretanto, nós como educadores temos visto esse tipo de “alienação social” por muitas décadas, e é exatamente contra essas práticas dissociativas que devemos nos opor na educação.

Durante muito tempo a responsabilidade do insucesso foi atribuída aos alunos e somente a eles, mas a quem atribuir essa responsabilidade? São inúmeras as causas, fatores, as razões que levam ao insucesso. Professores, alunos, o currículo, os fatores que contribuem para esse insucesso permeiam desde as questões sociais até as psicológicas. Perpassam desde os fatores internos e externos ao âmbito escolar ocupam uma posição influente nesse processo.

Podemos salientar que as causas para o fracasso da aprendizagem significativa são inúmeras. Vão desde o descaso do poder público, passando pela falta de vontade de alguns professores em mudar suas metodologias retrógradas e há muito ultrapassado, até chegarmos à gestão e coordenação das escolas, que são os responsáveis pelas reuniões de formação nas escolas. Não existe interesse de nenhuma das partes em desenvolver projetos que aprimorem o planejamento feito com os alunos.

Os recursos financeiros são poucos, mas existem projetos que podem ser subsidiados por várias verbas do governo, porém a maioria das escolas não aderem aos mesmos. Essa seria uma forma de ampliar a capacidade da escola em suprir as necessidades de verbas para uso no desenvolvimento de projetos. Mas a adesão é opcional, e a maioria das escolas pode continuar se escondendo atrás de desculpas, como a falta de dinheiro, se escondendo atrás desse motivo para continuar a encobrir as falhas e o fracasso do ensino apresentado pela escola.

Sendo assim, os únicos prejudicados continuarão sendo os alunos, que permanecerão sem a devida atenção em relação a sua educação e aprendizagem.

Privando-os de seus direitos primordiais, o acesso e permanência na escola. E dessa forma não participarem da sociedade como cidadãos, dignos, críticos e autônomos, em perfeita situação de igualdade social e cultural.

É um erro gravíssimo olhar a crise escolar sob uma ótica superficial, atribuindo a responsabilidade somente ao educando e a seu desempenho. Deve-se ter um olhar minucioso, crítico, estudar as especificidades e peculiaridades que a educação atual possui. A realidade é que a responsabilidade do insucesso é de todos que participam do processo educacional, direta e indiretamente falando. É chegado o momento de mudar o olhar sob essa temática. Faz-se necessário que cada componente dentro do processo educacional assuma sua responsabilidade efetivamente para que se faça uma ressignificação de todo o processo escolar.

Durante séculos nossa educação se solidificou sobre bases totalmente tradicionais. Entretanto, o último século com as novas teorias de aprendizagem, se promoveu uma verdadeira revolução ao pensar em como os indivíduos aprendem, e muito se renovou nas práticas desenvolvidas pelos educadores em sala de aula. Portanto, cabe às nós entendermos porque ainda é praticado um tipo de educação que não favorece a aprendizagem e a construção do pensamento crítico da criança.

Ao observarmos a diversidade educacional do nosso país, fica claro a falta de identidade pedagógica das escolas brasileiras e isso gera de muitas formas o insucesso na aprendizagem. Apesar de termos documentos oficiais que norteiam nossa educação, e bases teóricas muito sólidas, a educação não avança e a aprendizagem não acontece. Descobrir o porquê essa aprendizagem não ocorre para todas as crianças e de maneira concreta é primordial para todo esse processo, e o que propomos com essa pesquisa.

Para que o aluno se torne crítico e questionador o primeiro lugar que ele deve manifestar sua criticidade é em sala. Perguntando por que tem que aprender determinado conteúdo, para que vai servir na sua vida. Entretanto, sabemos que nem todo professor dará oportunidades para o aluno ter voz. Sendo assim, muitos alunos já são críticos por si só, mas há aqueles professores que podam essa criticidade ao invés de ampliá-la.

Durante os meses que elaboramos essa pesquisa muitos foram os fatores que observamos para a ocorrência ou não da aprendizagem significativa. Fatores esses ligados aos mais diferentes aspectos educacionais socioculturais, ambientais, afetivos e psicológicos, pois consideramos a criança em sua integralidade. E talvez a falta de uma visão mais ampla dessa criança seja um dos fatores que impeçam essa aprendizagem em sua totalidade.

Ao longo do processo, muitos eram os questionamentos a respeito da aprendizagem significativa. Se ela seria realmente possível na prática, ou se era apenas mais um sonho de educador. Com a análise, concluímos que sim ela é possível, e se não acontece em todas as salas de aula é porque em algum momento alguém a negligenciou, mas não por falta de condições.

Foi possível perceber que o professor juntamente com a equipe escolar pode sim fazer diferente, isso independente da escola, seja ela pública ou privada. Pois para que a aprendizagem significativa aconteça não são necessários recursos, é preciso que ambos, professor e aluno queiram. O aluno queira e sinta necessidade em aprender, e o professor que queira tornar o seu aluno crítico e participativo.

A partir da pesquisa de campo, identificamos que a teoria proposta por Ausubel não é mera utopia. Podemos dizer agora que possuímos bases teóricas e práticas para realizar um trabalho pedagógico com eficácia e que contribua principalmente para a construção de um ensino e aprendizagem onde o aluno possa ser protagonista desse processo. Esse processo foi primordial para que pudéssemos identificar a partir da prática real, o motivo de não acontecer uma aprendizagem significativa na grande maioria das Instituições de ensino.

Sabemos que a realidade das escolas atuais ainda é muito distante da realidade que presenciamos no Centro Educacional Moema, porém ficou claro que não se tratam somente de subsídios financeiros para que a aprendizagem aconteça. O sucesso do trabalho pedagógico e da aprendizagem dos alunos é fruto de muito estudo e pesquisa. Portanto, podemos dizer que se houver zelo, pesquisa, planejamento e força de vontade por parte de todos que são partícipes do processo escolar, se faz possível a resignificação de todo o processo de aprendizagem.

Não existe uma receita pronta para ensinar significativamente, pois, a escola e todos os âmbitos sociais não são compostos por pessoas homogêneas. O que existem são teorias que podem e devem ser aplicadas para cada contexto, cada momento. Cabe ao educando articular e flexibilizar a aplicabilidade de tal ou qual teoria, muitas vezes mesclando-as, porém adequando-as à sua identidade pedagógica, para maior eficácia.

Um aprendizado e um ensino significativo perpassam por diversas teorias. Ausubel reuniu em sua teoria o melhor de todas as teorias de aprendizagem para a obtenção e construção de uma aprendizagem significativa. Entende-se assim, portanto, que todas as teorias da aprendizagem trazem em sua essência uma ânsia pelo ensinar e aprender de forma significativa, porém, isoladas de outras teorias não funcionam e fracassam. Fica claro após o caminho que percorremos ao confeccionar nossa pesquisa que a teoria só funciona de fato quando se tem um olhar diferente para o aluno, quando se enxerga o educando como protagonista do seu próprio aprendizado e quando se constrói a consciência de que nós educadores precisamos ser efetivos mediadores dentro desse processo.

Durante a construção dessa pesquisa, fica evidente a necessidade de utilizar métodos avaliativos em todo o processo de desenvolvimento de um planejamento. A todo o momento identificamos a necessidade de refletir e avaliar as informações que fomos colhendo ao longo dessa construção. Durante a realização da pesquisa de campo, isso se mostrou de uma forma mais concreta, a educação precisa rever seus métodos avaliativos para alcançar o sucesso.

Sabemos que todo processo educacional deve levar em consideração o tempo, o limite de cada indivíduo e que este não é composto de pessoas homogêneas. Pudemos nos certificar dessa teoria no caminho que percorremos para construir essa pesquisa. Toda construção, não só pedagógica bem como na vida necessita de um olhar respeitoso quanto às limitações do próximo, tudo faz parte de um trabalho em conjunto e só assim, ao adquirirmos essa consciência que iremos obter êxito em nossa caminhada e poderemos colaborar com a construção de um ensino e aprendizagem verdadeiramente significativo.

A construção de um ensino e uma aprendizagem significativa só é possível se no processo educacional levamos em consideração que esse aprendizado só irá se constituir se trabalharmos a partir de questões de ordem biopsicossociais. A aprendizagem só se faz efetiva nas estruturas cognitivas quando esta caminha em parceria com o desenvolvimento do aluno de forma integral, e não de maneira fragmentada, como vemos ocorrer na educação dos dias atuais. Questões emocionais, afetivas, morais e éticas devem perpassar por todo processo de construção da aprendizagem significativa.

Identificamos que dentro do processo de construção do ensino e aprendizagem, ao contrário do que acreditávamos no início dessa pesquisa, que a aprendizagem memorística sempre se fará necessária. É necessário utilizar-se muitas vezes desse recurso para criarmos subsunçores de ancoragem para novos conhecimentos. Quando se insere um conhecimento novo sem ter uma base de ancoragem esse não faz sentido, não se aloca nas estruturas cognitivas tornando-o assim sem sentido e significado para os alunos.

Entender que a educação é política, e pensar que tipo de educação quem faz política quer de verdade para nossas crianças são tarefa do educador que reflete sua prática e, pensa uma educação de qualidade para nossas crianças. Quebrar esse círculo vicioso que tem transformado nossa educação em mera transmissão de conhecimentos, e nossos alunos em pessoas que reproduzirão uma realidade desigual mantendo esse “status quo” que temos visto em nossa sociedade, é responsabilidade do educador. Afinal como função social ele tem o dever de formar a criança para vida, para exercer seu lugar na sociedade, para ser autônomo, crítico e entender e participar ativamente do mundo em que vive.

“Não é o melhor do mundo. É o teu melhor na condição que você tem enquanto não tem condições melhores para fazer melhor ainda. Pergunto de novo, mas não responda ainda, você está fazendo o teu possível ou o teu melhor? Porque se você ou eu podendo fazer o meu melhor, me contento com o possível, eu caio num lugar perigoso chamado ‘mediocridade’. Uma pessoa medíocre é aquela que é morna. Que está na média. Que não é quente e nem fria.” (CORTELLA, 2007)

Nós educadores temos que fazer o possível para que as crianças aprendam, mas o possível não é o suficiente. Estudamos de fato para fazer o nosso melhor e é

exatamente isso que elas esperam de nós em sala de aula, o melhor dentro daquilo que podemos fazer melhor, enquanto não temos condições de fazer melhor ainda. Então não adianta nos escondermos atrás dos problemas que já sabemos que existem na educação, e ficar nos lamentando do quanto é difícil, afinal já sabíamos disso quando decidimos sermos educadores, agora é arregaçar as mangas e trabalhar, pois temos muito ainda por fazer se não quisermos nos tornar profissionais medíocres como cita Cortella.

Vivemos um momento de descrença e desesperança na educação brasileira, muito se dá pela falta de investimentos na educação, por uma rede sucateada, pela desvalorização do profissional da educação. Conseguimos desenvolver um papel mais crítico ao sairmos com resultados que nos mostrou uma realidade diferente da que nós pensávamos no começo. Portanto, as observações foram fundamentais para termos uma visão mais ampla e profunda sobre o nosso problema de pesquisa.

Inicialmente tínhamos uma visão muito negativa e pessimista a respeito da educação e a aprendizagem no contexto escolar. Porém, ao desenvolvermos o marco teórico e vermos o quanto de subsídios que temos para que essa aprendizagem ocorra não podemos ficar alheios a essa realidade. E acima de tudo após realizarmos o contraponto do marco teórico com a análise, mudamos as nossas concepções iniciais, pois agora não podemos mais negar que a aprendizagem significativa de fato é possível.

Pensamos que a nossa hipótese inicial é verdadeira, em muitas escolas por muitos fatores já levantados antes ela não ocorre de fato. Entretanto, apesar dos prós e contras, há uma possibilidade real de a aprendizagem significativa acontecer. Porém fica evidente para que a aprendizagem aconteça todos precisam estar conscientes do papel que cada um tem na formação integral da criança.

Ao longo do processo muitos eram os questionamentos a respeito da aprendizagem significativa. Se ela seria realmente possível na prática, ou se era apenas mais um sonho de educador. Com a análise, concluímos que sim ela é possível, e se não acontece em todas as salas de aula é porque o processo é

negligenciado em algum momento, mas não por falta de condições, e sim por falta de vontade dos envolvidos.

Foi possível perceber que o professor juntamente com a equipe escolar pode sim, fazer diferente, isso independente da escola, seja ela pública ou privada. Pois para que a aprendizagem significativa aconteça não são necessários somente recursos, é preciso que ambos, professor e aluno, e todos envolvidos no contexto escolar queiram. O aluno queira e sinta necessidade em aprender, e o professor queira tornar o seu aluno crítico e participativo.

A aprendizagem com significado é onde o conhecimento é adquirido e não mais esquecido pelo indivíduo. Concluimos que é na práxis onde os professores aproveitam o que seus alunos já trazem consigo e usam em sala de aula para a construção e evolução na aquisição de novos conhecimentos. Conhecimentos esses que precisam ser estimulados para que o aluno seja levado ao pensamento crítico e analítico, mesmo sem saber que estão usando essa forma de pensar.

Ausubel quando apresentou essa inovadora maneira de conhecimento, do cidadão em formação de seu aprendizado, por muitas vezes se inspirou em sua própria realidade escolar. Lembrando sempre e enfatizando que quando algo novo é passado em sala de aula, mas o aluno não consegue fazer links com sua realidade, não é possível dizer que o aluno desenvolveu algo significativo em sua vida. Isso pode se tornar algo perdido, que não irá agregar novos interesses para esse aluno. Já quando uma nova aprendizagem faz sentido na vida do aluno, esses com certeza, terão mais interesse em aprender e se aprofundar em novos conhecimentos.

Muitos professores por acharem que são donos do conhecimento pleno preferem ignorar essa forma de aprendizado. Achando muito mais relevante o uso de conteúdos prontos, o que está posto em livros didáticos, somente o que está escrito no currículo, e não permitindo que seus alunos pensem e associem com situações já vividas, com sua realidade, o que tornaria a aula muito mais gratificante e interessante para ambas às partes. Assim é muito mais fácil, pois com isso saberá

que dificilmente será indagado por questionamentos que fazem parte da formação de um indivíduo pensante.

Cada aluno tem uma maneira de aprender, cada aluno tem o seu tempo e sua forma de associar determinados fatos. Através da aprendizagem significativa fica mais fácil fazer com que o aluno, principalmente em seus anos iniciais, lembre-se e fale de suas experiências já adquiridas, suas vivências, e dessa forma levar o aluno ao pensamento, e qual é a real importância de suas novas aprendizagens. Novos aprendizados que servem para seu crescimento psicológico e intelectual, mas que não ficam somente em situações de teoria e partem para a vida cotidiana, e deixando o conhecimento e novas aprendizagens muito mais ricas e de um valor extremo para esses novos formadores de opinião.

Enfim, conseguimos durante esse processo enxergar uma aprendizagem significativa mais real. Passamos a ver a aprendizagem como algo alcançável, possível e concreto. A partir daqui, poderemos construir um trabalho pautado em uma prática contextualizada, levando em consideração as questões de ordem biopsicossociais, e favorecendo assim a formação de um aluno protagonista e autônomo dentro de seu processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Indústria Cultural e Sociedade**. ed. 5. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

AFONSO, C. **Inclusão e mercado de trabalho** - Papel da escola na transição para a vida adulta de alunos com N.E.E. Saber (e) educar. ed. 10. Porto: 2005.

ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2003.

ALBINO, César; DE LIMA, Sônia Albano. **A aplicação da teoria da aprendizagem significativa de Ausubel na prática improvisatória**, 2008. <<http://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/issue/view/16>>. Acesso em 23 de Junho de 2016 às 8hs40min.

ALFANDÉRY, H. G. **Henry Wallon**: Coleção Educadores. Recife, 2010. <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4686.pdf>>. Acesso: 05 de maio de 2016 às 00h25min.

ALMEIDA, V. R de. **Pedagogia da Autonomia**. Publicado em 08 de 2014. <<https://www.youtube.com/watch?v=tTsb12SY1Y> >. Acesso em 26 de maio de 2016 às 11h07min.

ALVES, Rubem. **Alegria de ensinar**. 3. ed. São Paulo: Ars Poética, 1994.

_____. **Monjolos e moinhos**. <http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Artigos%20Diversos/internet/Monjolos%20e%20moinhos%20-%20rubem%20alves_files/monjolos.htm>. Acesso em 27 de setembro de 2016 as 18h11 min.

_____. **O Papel do Professor**. Postado em 07 de Janeiro de 2011. <<https://www.youtube.com/watch?v=OsYdePR1IU>>. Acesso em 22 de maio 2016 às 11h04 min.

_____. **Estória de quem gosta de ensinar: O fim dos vestibulares.** ed. 11. Campinas, SP: Papirus, 2000.

ANTUNES. C. **Alfabetização emocional: novas estratégias.** ed. 12. Petrópolis: Vozes, 1999.

ARANHA, 1996 apud FERRARI, A. Samuel 2010. **A função social da escola pública na sociedade contemporânea visando à melhoria do desempenho escolar.** Secretária da educação. Governo do estado do Paraná. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_uel_gestao_pdp_adriana_samuel_ferrari.pdf> Acesso em 27 de julho de 2016 às 07h39min.

ARAÚJO, Ana Maria Teixeira; MENEZES, Crediné Silva de; CURY, Davidson. **Um ambiente integrado para apoiar a avaliação da aprendizagem baseado em mapas conceituais.** Publicado em 2002 <<http://br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/viewFile/164/150>>. Acesso em 23 de Junho de 2016 às 9hs20min.

ARAÚJO, S. da Silva. **Hume e Leibniz: Entre o inatismo e o empirismo.** <<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/.../suzanearaujo245.pdf>>. Acesso: 16 de maio de 2016 às 13h38min.

AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel.** São Paulo: Moraes, 1982.

_____. **A aquisição e retenção de Conhecimento: Uma Visão Cognitiva.** ed. 1. Editora: Springer Netherlands. EUA: Nova York, 2000.

_____. **Theory and Problems of Adolescent Development: Third Edition.** ed. 3. EUA: Nova York. Editora: iUniverse, 2002.

_____. **Educational Psychology: A Cognitive view.** ed. 2. EUA: Nova York. Editora: Holt, Rinehart and Winston, 1978.

_____. **The psychology of meaningful verbal learning.** New York: Grune and Stratton, 1963.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem.** ed. 7. São Paulo: Hucitec, 1995.

BARRETO, A. M. F. **Relatório de identificação dos principais avanços e obstáculos à promoção da equidade na educação básica e profissional no Brasil.** Brasília: DF, 2007. <<http://www.scielo.br/pdf/es/v18n60/v18n60a8.pdf>> Acesso em 23 de julho de 2016 às 02h 38min.

BARROSO, J. **O estudo da autonomia da escola: da autonomia decretada à autonomia construída.** Porto: Porto Editora, 1996.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica /** Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

_____. **Referenciais curriculares para a Educação Infantil:** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância: **(Coleção PROINFANTIL; Unidade 1) 1. Educação de crianças. 2. Livro de estudo:** Módulo II / Karina Rizek Lopes, Roseana Pereira Mendes, Vitória Líbia Barreto de Faria, organizadoras. Brasília: MEC, 2005.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAETANO, L. M. **A Epistemologia Genética de Jean Piaget.** ed.1. Campinas: 2010.

CAÑAS, A. J.; NOVAK, J. D. **A concept map-centered learning environment.** Paper presented at the Symposium at the 11th Biennial Conference of the European Association for Research in Learning and Instruction (EARLI), Cyprus, 2005.

CASTRO, Olga de. **Reflexões em Torno da Autonomia e Autonomização.** Revista / Ensino Superior 41 - Revista do SNEsup: Julho - Agosto – Setembro, 2011. <www.snesup.pt/htmls/EFkFEZyyVuKhVISOm.html>. Acesso em 17 de julho de 2016 às 03h 02min.

COMENIUS, J. A. **Didática Magna.** ed. 2. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CONTRERAS, J. **Autonomia dos professores.** São Paulo: Cortez, 2002.

CORDEIRO, J. **Didática.** São Paulo, Scipione, 2007.

CORTELLA, M. S. **A Escola e o Conhecimento:** Fundamentos epistemológicos e políticos. ed. 14. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Qual é a sua obra?** Inquietações propositivas sobre, gestão liderança e ética. ed. 1. São Paulo: Editora Vozes, 2007.

COUTINHO, M. T. C; MOREIRA, M. **Psicologia da Educação: Um Estudo dos Processos Psicológicos.** ed. 2. Belo Horizonte: 2001.

DANTAS, Pedro. **Para conhecer Wallon:** uma psicologia dialética. São Paulo: Brasiliense, 1983.

DAVIS, Claudia; OLIVEIRA, Zilma. **Psicologia na Educação.** São Paulo: Cortez, 2010.

DE LA TALLE, Y; OLIVEIRA, M. K. DE; DANTAS. H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias Psicogenéticas em discussão.** ed. 2. São Paulo: Summus, 1992.

DELORS, Jacques. **Educação um tesouro a descobrir.** São Paulo: Editora Cortez, 1998.

DEMO, P. **Princípio científico e educativo.** ed. 10. São Paulo. Edição Cortez. 2003.

DESCARTES, René. **Discurso do método: As paixões da alma, Meditações.** ed.1. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

DEWEY, J. **Como pensamos.** ed. 2. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953.

DUARTE. N. **Por que é necessária uma análise crítica marxista do construtivismo?** In: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D. (Org.) **Marxismo e Educação: debates contemporâneos.** Campinas: Autores Associados, 2005.

FALCÃO, Gérson. M. **Psicologia da Aprendizagem.** ed. 2. São Paulo: Ática, 2003.

FERNANDES, C. **À procura da senha da vida-de-senha a aula dialógica?** Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas. Campinas: Papirus, 2008.

FERNANDES, Elizângela. **David Ausubel e a aprendizagem significativa.** Publicado em Dezembro de 2011. <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/david-ausubel-aprendizagem-significativa-662262.shtml>>. Acesso em 01 de maio de 2016 às 9h45 min.

FERNÁNDEZ, F. Addine. **Didáctica y optimización del proceso de enseñanzaaprendizaje.** IN: Instituto Pedagógico Latinoamericano y Caribeño – La Havana – Cuba, 1998.

FERREIRA, Paulo. R. **O uso das tirinhas como ferramenta de avaliação do ensino aprendido/física.** Salinas: MG, 2014. <www.ebah.com.br/.../uso-das-tirinhas-como-ferramenta-avaliacao-ensino-aprendizado..> Acesso em 03 de Dezembro de 2016 às 23hs11min.

FERRARI, A. Samuel. **A função social da escola pública na sociedade contemporânea visando a melhoria do desempenho escolar.** Secretária da educação. Governo do estado do Paraná. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_uel_gestao_pdp_adriana_samuel_ferrari.pdf> acesso em 27 de julho de 2016 as 07h39min.

FERRARI, Márcio. **Paulo Freire, o mentor da educação para a consciência.** <<http://novaescola.org.br/formacao/mentor-educacao-consciencia-423220.shtml>>. Acesso: 10 de junho 2016 às 02h51min.

FERREIRA, A. B. de Holanda. **Miniaurélio Século XXI escolar: O minidicionário da Língua Portuguesa.** ed. 4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FERREIRA, D. Roberto. **Tendências Pedagógicas: O que são e o que eram.** <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0327.html>>. Acesso em 19 de Junho 2016 às 19h52min.

FILHO, I. A. T. V; PONCE, R. F; ALMEIDA, S. H., V. **As Compreensões do Humano para Skinner, Piaget, Vygotsky e Wallon: Pequena Introdução às Teorias e Suas Implicações na Escola.** ed. 1. São Paulo: 2009.

FRANCA, L. **O método pedagógico dos jesuítas.** Rio de Janeiro: Agir, 1955.

FREINET, C. **A Educação do trabalho.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **As técnicas Freinet da escola moderna.** ed. 4. Lisboa: Estampa, 1975.

_____. **O método natural.** ed. 2. Lisboa: Estampa, 1969.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** ed. 44. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Educação e Mudança.** ed. 20. Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. **Medo e Ousadia: O Cotidiano do Professor.** ed. 10. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** ed. 17. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** ed. 13. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora Unesp, 2000.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** ed. 58. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

FREITAS JR, O. **Pavlov: Vida e obra.** ed. 2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GACNÉ, R. M. **Como se realiza a aprendizagem.** ed. 1. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A./MEC, 1974.

GALL, A. Lee. **O insucesso escolar.** ed. 2. Lisboa: Editorial Estampa, Lda, 1978.

GALVÃO, I. **Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.** ed. 4. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

GARCÍA, C. M. **Formação de Professores: para uma mudança educativa.** Portugal: Porto Editora, 1999.

GESSEL, Arnold. **A criança dos 5 aos 10 anos.** 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES FILHO, J. **Gestalt do objeto: sistemas de leitura visual.** São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

GOMES, Andréia. Patrícia et al. **A educação médica entre mapas e âncoras: a aprendizagem significativa de David Ausubel, em busca da arca perdida,** 2008. <www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-55022008000100014&script=sci...tInq...>.

Acesso em 23 de Junho de 2016 às 10hs10min.

GOODING, P. **Teorias da aprendizagem na prática educacional.** ed. 2. São Paulo: Epu, 1977.

GROPPIA, J. A. **Erro e fracasso na escola:** alternativas teóricas e praticas. São Paulo: Summus, 1997.

GUENO, R. Patrícia. **A prática pedagógica e o papel do professor.** <<http://www.webartigos.com/artigos/a-pratica-pedagogica-e-o-papel-do-professor/47116/>>. Acesso em 08 de maio de 2016 às 10h35 min.

HERRIOT, Peter (org.). **Dentro e fora da escola:** Uma Introdução á Psicologia Aplicada em Educação. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

HEVERTON, Paulo. **Os 4 piores castigos que os professores aplicavam nos alunos.** <<http://www.ultracurioso.com.br/os-4-piores-castigos-que-os-professores-aplicavam-nos-alunos-de-antigamente/>>. Acesso em 27 de maio de 2016 às 13h20min.

HOUAISS, A. I. **Houaiss:** Dicionário da Língua Portuguesa. ed. 4. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística:** 2016. <<http://teen.ibge.gov.br/biblioteca/274-teen/mao-na-roda/1721-educacao-no-brasil>>. Acesso em 23 de julho de 2016 às 03h 52min.

ILLERIS, Knud. **Teorias Contemporâneas de Aprendizagem.** ed. 2. Porto Alegre: Penso, 2013.

JONASSEN, D. **Computadores, Ferramentas Cognitivas:** desenvolvendo o pensamento crítico nas escolas. Porto-Portugal: Porto Editora. Coleção Ciências da Educação Século XXI, nº 23, 2007. <www.fumec.br/revistas/sigc/article/view/1524>. Acesso em 23 de julho de 2016 às 03h 52min.

JOSÉ, Elisabete da Assunção; COELHO, Maria Teresa. **Problemas de aprendizagem.** 4 ed. São Paulo : Editora Ática S.A.,1993.

KANT, I. **A metafísica dos costumes**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

_____. **Crítica da razão pura**. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

KLEINKE, Rita de. C. M. **Aprendizagem Significativa: a pedagogia por projetos no processo de alfabetização**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2003. <[https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/84933/192826.pdf?sequence ..](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/84933/192826.pdf?sequence..)> Acesso em 03 de Dezembro de 2016 às 22hs24min.

KOHL, M. de Oliveira. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. ed. 5. São Paulo: Scipione, 2010.

_____. **Coleção Grandes Educadores: Lev Vygotsky**. Publicado em 29/05/2015. <<https://www.youtube.com/watch?v=KwnIKDXeEdI>> Acesso em 29 de maio de 2016 às 18h19min.

LEFRANÇOIS, R. Guy. **Teorias da Aprendizagem**. ed. 5. São Paulo Cengage Learning Nacional, 2009.

LEIBNIZ, G. **Novos ensaios sobre o entendimento humano**. ed.1. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

LIBÂNEO, J. Carlos. **Adeus professor, adeus professora?: Novas exigências educacionais e profissão docente**. ed. 8. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. ed. 14. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **Educação Escolar: Políticas, estrutura e organização**. ed. 2. São Paulo: Cortez, 2005.

LOPES, E. M. T; FILHO, L. M. F. F; VEIGA, C. G. **500 Anos de Educação no Brasil**. ed. 5. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FILHO L, 1978. apud SILVA, A. P 2012. **O embate entre a pedagogia tradicional e a educação nova**: políticas e práticas educacionais na escola primária Catarinense (1911-1945). Seminário de pesquisa em educação da região sul 2012. Disponível em:<<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1259/13>>. Acesso em 21 de agosto de 2016 às 15h 04min.

MACHADO, C. **A Importância da Autonomia Parapsíquica**. Rio de Janeiro, 2007.

MAGANHA. Adalice. **A Importância do Material Didático**. <<http://www.revistaemdia.com.br/net/index.php/a-importancia-do-material-didatico/>>. Acesso em 01 de maio de 2016 às 11h21 min.

MASETTO, Marcos T. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

MARQUES, P. Luciana. **O Professor de alunos com deficiência mental: concepções e práticas pedagógicas**. Faculdade de Educação e Universidade Estadual de Campinas, 2000. <www.fcee.sc.gov.br/index.php/downloads/biblioteca-virtual/.../494...marques/file>. Acesso em 03 de Dezembro de 2016 às 21hs55min.

MARTINS, A. M. **Autonomia da escola**: a (ex) tensão do tema nas políticas públicas. ed. 1. São Paulo: Edições Cortez, 2002.

MASINI, Elcie; F, Salzano. **Aprendizagem Totalizante**. ed. 3 São Paulo: Memnon: Mackenzie, 1999.

MATUI, Jiron. Construtivismo - **Teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino**. ed. 2. São Paulo: Moderna, 1995.

MELO, J. E. de. L. Dantas. **O Professor como Facilitador da Autonomia**. Data da publicação, 2012. <<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/19080/o-professor-como-facilitador-da-autonomia>>. Acesso em 27 de maio de 2016 às 18h13min.

MENEZES, E. T de; SANTOS, T. H dos. **Verbetes Escola Nova**: Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em:

<<http://www.educabrasil.com.br/escola-nova/>>. Acesso em 20 de agosto de 2016 às 15h30min.

MENEZES, G. N. **Meios de comunicação social, ideologia e regressão do pensamento**. Para Ler e Pensar. Publicado em 21/01/2008. <http://www.paralerepensar.com.br/niltonmenezes_meiosdecomunicacaosocial.htm> Acesso em 23 de julho de 2016 às 02h 38min.

MINGUET, P. A. (Org.) **A construção do conhecimento na educação**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MIZUKAMI, Maria. G. A. **Ensino: as Abordagens do Processo**. ed.1 São Paulo: Epu, 1996.

MORAN, J. Manuel. **Mudanças na comunicação pessoal: gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica**. São Paulo: Paulinas, 1998.

MOREIRA, Ivanilde. **Fracasso escolar e interação professor-aluno**. ed. 3. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

MOREIRA, M. A. **Aprendizagem significativa**. ed.1. Brasília: UnB, 1998.

_____. **Teorias da aprendizagem**. ed.1 .São Paulo: E. P. U, 1999.

_____. **Aprendizagem Significativa: A teoria de David Ausubel**. ed. 2. São Paulo: Centauro, 2006.

_____. **Aprendizagem Significativa: Fundamentação teórica e Estratégias Facilitadoras**, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996. <www.serieestudos.ucdb.br/index.php/serieestudos/article/download/303/156>. Acesso em 23 de julho de 2016 às 22hs23min.

_____. **O que é afinal aprendizagem significativa?** Porto Alegre/ RS: 1999. <<http://moreira.if.ufrgs.br/oqueeafinal.pdf>> Acesso em 23 de julho de 2016 às 22hs23min.

_____. **Mapas conceituais e aprendizagem significativa.** São Paulo: Centauro Editora. Moreira, 2010.

MORIN, E; PRIGOGINE, I. **A sociedade em busca de valores.** Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

NOGUEIRA, Makeliny. O. G; LEAL, D. **Teorias da Aprendizagem:** um encontro entre pensamento filosófico, pedagógico e psicológico. ed. 2. Curitiba: InterSaberes, 2015.

NOVAK, J. D; GOWIN, D. B. **Teoria y practica de la educación.** 1988.

OLIVEIRA, E. **Teorias do Currículo.** Publicado em 2011 <<http://www.infoescola.com/educacao/teorias-do-curriculo/>>. Acesso em 30 de maio de 2016 às 07h45min.

OLIVEIRA, Eloiza. **Bruner, A constituição da mente e a construção de significados,**2013.<http://dialogandocomelo.blogspot.com.br/2013_05_01_archive.html> Acesso em 02/12/2016 às 4hs34min.

OLIVEIRA, Romualdo Portela de; ADRIÃO Theresa (org.). **Organização do ensino público na escola:** Níveis e modalidades na Constituição Federal e na LDB. 2 ed. São Paulo : Xamã, 2007.

OLIVEIRA. Zilma de M. R de. **Educação Infantil:** fundamentos e métodos. ed.7. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Vygotsky: Aprendizado e Desenvolvimento:** Um Processo Sócio Histórico. ed. 2. São Paulo: Scipione, 1995.

PARO, V.H. **Autonomia do educando na escola fundamental:** um tema negligenciado. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602011000300013>. Acesso em 27 de setembro de 2016 as 20h 08min.

PELIZZARI, A.; KRIEGL, M.L.; BARON, M.P.; FINCK, N.T.L & DOROCINSKI, S. I. **Teoria da Aprendizagem Significativa Segundo Ausubel.** Revista PEC,

Curitiba.,v. 2, n. 1.37-42 p. 2001/2002. <antigo.obrasill.com/teoria-da-aprendizagem-significativa-seq>. Acesso em 29 de maio de 2016 as 16hs20min.

_____. **Teoria da educação segundo Ausubel.** <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012381.pdf>>. Acesso em 24 de Junho de 2016 às 11hs30min.

PENA, R. Alves. **Teorias Curriculares:** As teorias curriculares versam sobre a função e as perspectivas do currículo no contexto educacional. Elas dividem-se em tradicionais, críticas e pós-críticas. <<http://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/teorias-curriculares.htm>> Acesso em 03 de junho de /2016 às 07h32min.

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício do professor:** Profissionalização e Razão Pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIAGET, Jean. **Biologia e Conhecimento.** Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **A Equilibração das estruturas cognitivas:** Problema central do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

_____. **Epistemologia Genética.** São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. **O diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio.** São Paulo: Scipione, 1997.

_____. **O Juízo Moral na Criança.** São Paulo: Summus, 1994.

_____. **Seis Estudos de Psicologia.** ed. 24. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

PIERCE, C. Sanders. **Semiótica.** ed. 3. São Paulo: Perspectiva, 2000.

PILETTI, N; ROSSATO, S. M. **Psicologia da Aprendizagem:** Da teoria do condicionamento ao construtivismo. ed. 1. São Paulo: Contexto, 2011.

PISTRAK, 1981 apud PARO, V.H 2011. **Autonomia do educando na escola fundamental:** um tema negligenciado.

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602011000300013>. Acesso em 27 de setembro de 2016 às 20h 08min.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

PORTAL DA EDUCAÇÃO. **A Teoria da Aprendizagem Significativa proposta por David Paul Ausubel**. <<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/42380/a-teoria-da-aprendizagem-significativa-proposta-por-david-paul-ausubel#ixzz4A9IIQnex>>. Acesso em 30 de maio de 2016 às 14h 43min.

_____. **Os Significados de práticas pedagógicas**. <[www.portaleducacao.com.br > Educação e Pedagogia > Artigos > Educação Especial](http://www.portaleducacao.com.br/Educacao_e_Pedagogia/Artigos/Educacao_Especial)>. Acesso em 14 de julho de 2016 às 11h 55min.

RANGEL, Mary. **Métodos de ensino para aprendizagem e a dinamização das aulas**. ed. 5. Campina-SP: Papyrus, 2005.

REGO, T. C. **Vigotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. ed. 8. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

REIMER, Everett. **A escola está morta**. ed. 1. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

RIBEIRO, V. M. **Alfabetismo funcional: Referências conceituais e metodológicas para a pesquisa**. <<http://www.scielo.br/pdf/es/v18n60/v18n60a8.pdf>>. Acesso em 23 de julho de 2016 às 02h 38min.

ROCHA, F. **Correntes Pedagógicas Contemporâneas**. Aveiro: Edições CIDINE, 1993.

RODRIGUES, E. Maria. **Um breve estudo sobre a educação na República de Platão**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2007. <<http://www.portalconscienciapolitica.com.br/products/interpretacao-pedagogica-de-a-alegoria-da-caverna/>>. Acesso em 24 de julho de 2016 às 18h 04min.

ROGERS, Carl. **Sobre o Poder Pessoal**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

RONCA, Antonio. C. C. **Teorias de ensino**: A contribuição de David Ausubel. Temas Psicol, 1994. <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v2n3/v2n3a09.pdf>>. Acesso em 24 de Junho de 2016 às 12hs40min.

_____. **O modelo de ensino de David Ausubel**. In: PENTEADO, Wilma Alves. Psicologia e ensino. São Paulo: Papelivros, 1980.

ROUSSEAU, J. J. **Emílio ou da Educação**. Brasil: Bertrand, 1995.

SACRISTÁN, Gimeno. GÓMEZ, Pérez A.I. **Compreender e transformar o ensino**. ed. 4. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SALVADOR, C. Coll. et al. **Psicologia do ensino**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SANTOS, B. S. **Comportamento Adaptativo. Coleção Especial**. Porto Editora, 2002.

_____. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. ed. 6. São Paulo: Edições Cortez, 1999.

SANTOS, M. Lúcia dos. **Texto livre**: expressão viva num sistema interativo. In: ELIAS, Maria Elisa Del Cioppo (org). Pedagogia Freinet: teoria e prática. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

SANTOS, R.F. **Tendências pedagógicas**: o que são e para que servem. Publicado em CECIERJ, 2012. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0327.html>> Acesso em 27 de abril de 2016 às 08h 32min.

SAVIANI, D. **Educação socialista, pedagogia histórico-crítica e os desafios da sociedade de classes**. Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. **Escola e Democracia**. ed. 5. São Paulo: Cortez, Autores associados, 1984.

_____. **Pedagogia: o espaço da educação na universidade.** In: Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas. V.37, n.130, p.99-134, jan/abr.2007.

SCHNETZLER. R. P. **Construção do conhecimento e ensino de Ciências.** 1992. <http://www.if.ufrgs.br/asr/artigos/Artigo_ID74/v5_n1_a2015.pdf> Acesso em 23 de julho de 2016 às 22hs23min.

SHÖN, Donald. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, A. da Luis. **Mapas Conceituais no Processo de Ensino-Aprendizagem: Aspectos práticos.** <<http://www.infoescola.com/pedagogia/mapas-conceituais-no-processo-de-ensino-aprendizagem-aspectos-praticos/>>. Acesso em 30 de maio de 2016 às 18h 12min.

SILVA, A. P. **O embate entre a pedagogia tradicional e a educação nova: políticas e práticas educacionais na escola primária Catarinense (1911-1945).** <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1259/13>>. Acesso em 21 de agosto de 2016 às 15h 04min.

SILVA, D. F. **As Contribuições das Teorias de Piaget e Vygotsky para a Área da Educação.** ed. 3. Curitiba: 2010.

SILVA, D. Tadeu. T. **Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo.** ed. 3. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SILVA, F; EDILENE, A; MÔNICA, D; LINDONEIDE, F; ESTELA, M. **Teoria da inclusão de Ausubel.** 2012. <equipedaposreriutaba.blogspot.com/2012/.../normal-0-21-false-false-false-pt-br-x.htm...>. Acesso em 01 de dezembro de 2016 às 16hs32min.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano.** São Paulo: Martins Fontes, 1978.

SOUZA, Nadia Aparecida de; BORUCHOVITCH, Evely. **Mapas conceituais: estratégia de ensino/aprendizagem e ferramenta avaliativa.**

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000300010>. Acesso em 24 de Junho de 2016 às 13hs10min.

TARGINO, M. DE. L. S. **Psicologia da Aprendizagem**. ed. 21. Paraíba: EDUEPB,2013.<<http://www.ead.uepb.edu.br/arquivos/letras/Psicologia%20da%20Aprendizagem%20-%20para%20o%20ava%2011%203%2014.pdf>>. Acesso em 04 de junho de 2016 às 22h55min.

TAVARES, Romero. **Aprendizagem Significativa**. Revista Conceitos Nº 55 p. 10 a 50, 2004. <www.fisica.ufpb.br/~romero/pdf/ReuniaoTrabalhosAcademicos.pdf>. Acesso em 31 de maio de 2016 às 07h17min.

TENANI, C; CAVALCANTI, L. **Teorias do Currículo**. <<http://www.lite.fe.unicamp.br/cursos/ep445/t1.htm>>. Acesso em 31 de maio de 2016 às 07h17min.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA. **Aprendizagem Significativa**. <cae.ucb.br/tas/tas/tas05.html>. Acesso em 02/12/2016 às 4hs00min.

VALADARES, J. **A Teoria da Aprendizagem Significativa como teoria construtivista**. Publicado em 2011 <http://www.if.ufrgs.br/asr/artigos/Artigo_ID4/v1_n1_a2011.pdf> Acesso em 30 de maio de 2016 às 13h30min.

VALERIO, M. **Teoria de Ausubel**. 1999. <<http://www.xr.pro.br/monografias/ausubel.html>>. Acesso em 23 de julho de 2016 às 02h 38min.

VASCONCELOS, Clara; PRAIA, João Félix; ALMEIDA, Leandro S. **Teorias de aprendizagem e o ensino/aprendizagem das ciências**: da instrução à aprendizagem. Psicologia Escolar e Educacional, v. 7, n. 1, p. 11-19, 2003. <www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572003000100002&script=sci...tlnq....>. Acesso em 23 de julho de 2016 às 02h 38min.

VÁSQUEZ, A. Sánche. **Filosofia da práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

VEIGA, I. P. Alencastro, Org. **Aula: Gênese, Dimensões, Princípios e Práticas.** ed. 11. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança.** ed. 70. Lisboa, 1998.

WERRI, A. P. Salvador; RUIZ, A. Rodrigues. **Autonomia como objetivo na educação.** Ano I - Nº 02 - Julho de 2001 - Bimensal - Maringá - PR - Brasil - ISSN 1519.6178. Disponível em: < <http://www.urutagua.uem.br//02autonomia.htm>> Acesso em 27 de setembro de 2016 às 18h50min.

WERTHEIN, Jorge. Unesco: **Analfabetismo funcional.** Publicado em 24 de agosto de 2012. <<http://jorgewerthein.blogspot.com.br/2012/08/unesco-analfabetismo-funcional.html>>. Acesso em 18 de setembro 2016 às 18h23min.

SLOMP, Paulo. F. Publicado em Setembro de 2006. Filme: **Negócios e Behaviorismo.** <<https://www.youtube.com/watch?v=utSozoWdF3M>>. Acesso: 05 de junho 2016 às 13h30min.

YOUNG, Michael. **Teoria do Currículo: o que é e por que é importante.** <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742014000100010>. Acesso em 31 de maio de 2016 às 07h17min.

ZATTI, Vicente. **Autonomia e Educação em Immanuel Kant & Paulo Freire.** <https://books.google.com.br/books?id=l2Ylloc6BeQC&pg=PA12&lpg=PA12&dq=autonomia+Ferrater+Mora+%281965%29&source=bl&ots=f-AwZSohgu&sig=VLkZBE3Yvo7wFQ9Xg3MGscgAfmw&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiz aixlfvMAhUGhZAKHa_4AQ8Q6AEIKjAC#v=onepage&q=autonomia%20Ferrater%20Mora%20%281965%29&f=false>. Acesso em 27/05/2016 às 18h13min.

ZAZZO, R. **Psicologia e Marxismo.** Lisboa: Vega, 1978.

ANEXOS

ANEXO I

Tema: Aprendizagem Significativa

Foco: David Ausubel

Pergunta: O aprendizado significativo é um dos conceitos mais estudados nesse momento, David Ausubel acredita que os conhecimentos prévios do aluno seja a chave para que esse aprendizado aconteça. Para (Ausubel, 1973), aprender significativamente seria relacionar esses conhecimentos prévios, com os novos conteúdos oferecidos no ambiente escolar de forma consistente. Com base no PCN "Para que uma aprendizagem significativa possa acontecer, é necessário investir em ações que potencializem a disponibilidade do aluno para a aprendizagem, o que se traduz, por exemplo, no empenho em estabelecer relações entre seus conhecimentos prévios sobre um assunto e o que está aprendendo sobre ele." (PCN, 1998). Porém, o que percebemos hoje no sistema de ensino é um aprendizado mecânico e que essa aprendizagem que deveria fazer sentido para o aluno não ocorre. Se a teoria de Ausubel afirma que esses significados devem correlacionar-se entre o que se sabe, e o que iremos aprender, em que momento essa conexão entre esses saberes prévios e os conteúdos abordados deixou de ser explorado de forma que a criança seja estimulada a construir de forma crítica e sólida esse aprendizado significativo?

Hipótese: O que percebemos é que há um dualismo de ideias a respeito das práticas pedagógicas a serem trabalhadas na escola. De um lado o construtivismo adotado pelos PCNs, onde o aluno é protagonista no seu processo de aprendizagem, e que deveria ser seguido para nortear o trabalho do professor, do outro lado o tradicionalismo onde somente o professor é detentor e transmissor de conhecimentos, gerando conteúdos muitas vezes dissociados da realidade dos

alunos e do meio social em que estão inseridos e, sobretudo desconsiderando a bagagem de conhecimentos prévios que ele possui, tornando esse aprendizado algo para vivenciar as práticas sociais de forma crítica e consciente, sendo assim esse aprendizado deve ser mais dinâmico, ajudando a criança no desenvolvimento de suas potencialidades, na sua formação sociocultural e principalmente na formação da sua autonomia, para que essa aprendizagem possa ser de fato significativa em sua vida.

ANEXO II - CRONOGRAMA

CRONOGRAMA DA PESQUISA	FEV-16	MAR-16	ABR-16	MAI-16	JUN-16	JUL-16	AGO-16	SET-16	OUT-16	NOV-16	17/11/16	29/11/16
Definição: Tema / Foco / Pergunta/ Reformulação do projeto												
Desenvolvimento do Marco Teórico												
Leitura da Bibliografia												
Revisões Bibliográficas												
Elaboração Sumário/Plano de Trabalho												
Análise												
Pesquisa de Campo												
Considerações Finais												
Entrega versões provisórias												
Qualificação												
Entrega Final												
Defesa/Banca												

ANEXO III – PERGUNTAS PARA ORIENTADORA PEDAGÓGICA

1. Como você define a trajetória da escola em relação à aprendizagem e a construção da autonomia dos alunos?

2. A escola deve ser o espaço para a transformação, para a significação, para a mudança. A escola e seus protagonistas precisam adquirir consciência da sua responsabilidade na construção de uma sociedade mais igualitária e um mundo melhor. Uma criança que desde a tenra idade recebe uma educação significativa será quase que nula a chance dela fracassar, tudo faz parte de um ciclo. Educar hoje de uma maneira significativa partindo dos pressupostos contextuais é preparar essa criança para o mundo, é prepará-la para ressignificar o futuro, para mudar sua realidade. Com base nessa construção e transformação social, qual tem sido o papel dessa escola na formação de suas crianças?

3. Quando falamos de aprendizagem significativa, não pensamos somente no contexto escolar e nos conteúdos que serão trabalhados com o aluno. Pensamos principalmente numa aprendizagem que leve a criança a se desenvolver intelectual, social e emocionalmente no seu mundo. E a partir daí, que ele possa adentrar no mundo das práticas sociais que o levem a um posicionamento crítico. Pensando no Projeto Pedagógico da escola, como essa aprendizagem significativa é construída pelos professores e alunos?

4. A teoria de David Ausubel evidencia de forma real e dinâmica a maneira que essa aprendizagem é assimilada, para ele, não é possível que um aprendizado real aconteça se não forem considerados os conhecimentos prévios da criança. Dessa forma, nós como pedagogas não podemos desconsiderar a bagagem que o aluno traz da sua vida cotidiana. Com base na teoria de Ausubel, e pensando no ambiente escolar de que forma a aprendizagem significativa pode auxiliar na construção das estruturas cognitivas da criança, partindo dos conhecimentos prévios que ela possui?

5. Para Ausubel no processo de aprendizagem não se pode, de forma alguma, desconsiderar os saberes prévios do educando. Considerar que a criança

possui uma bagagem de saberes anteriores, e que com ela irá fazer conexões com os conteúdos novos para dar a eles um novo significado, é fundamental para o processo pedagógico. Como contextualizar os saberes prévios com os conteúdos escolares para transformá-los em novas aprendizagens, considerando o indivíduo como sujeito autor de sua própria aprendizagem?

6. Hoje em dia uma das tarefas mais difíceis para o educador em sala de aula, é compreender como as crianças aprendem, e porque para alguns esse aprendizado é tão complicado. Entender como o processo de ensino/aprendizagem é assimilado é de suma importância para que o professor saiba que caminho seguir. Nesse sentido, as práticas pedagógicas não podem ser definidas levando em conta somente as questões pré-estruturadas na concepção educacional, elas devem ser pensadas e planejadas de acordo com o contexto de sala de aula, e acima de tudo com as necessidades de vida dos alunos. Como estruturar estratégias para uma práxis mais significativa levando em consideração as questões de ordem biopsicossociais?

7. Pensar uma aprendizagem significativa que leve a autonomia em um mundo que está em constantes mudanças, não é tarefa fácil para o educador. Muitas teorias, metodologias, tendências foram descobertas e testadas a exaustão para entender como a aprendizagem acontece no indivíduo, e muitas tiveram êxito em algum momento da história. Mas hoje apesar de ser o momento onde dispomos de maior repertório para ensinar, talvez seja o momento em que mais se tornou difícil aprender. Partindo da teoria de Ausubel, como ressignificar as vivências escolares da criança para favorecer a aprendizagem e a construção da sua autonomia?

8. A má interpretação dos documentos oficiais que amparam e regulam o sistema educacional (PCNs) pode ser um fator contribuinte para o insucesso escolar, o currículo muitas vezes pode se tornar inflexível, inviável, descontextualizado por falta de um olhar atento e uma clara interpretação. São muitos os fatores causadores deste insucesso, e muitos são os protagonistas envolvidos nesse processo fazendo-se necessária uma mudança urgente de olhar acerca desse mal. Como o educador pode articular o currículo para construir uma aprendizagem mais significativa, e evitar o insucesso escolar?

9. Não podemos afirmar que exista uma receita pronta para ensinar significativamente, pois, a escola e todos os âmbitos sociais são compostos por pessoas heterogêneas. O que podemos dizer é que existem teorias que podem ser aplicadas para cada contexto, cada momento. Cabe à escola articular e flexibilizar a aplicabilidade de tal ou qual teoria, muitas vezes mesclando-as para maior eficácia. Pensando nesses questionamentos qual caminho pode ser utilizado pela escola para tornar a aprendizagem de fato significativa?